

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação
Mestrado em Educação

LUCAS DA SILVEIRA ANDRADE

CONSCIENTIZAÇÃO: ENTRE O MITO DA CAVERNA E A PASSAGEM BÍBLICA
DA TRANSFIGURAÇÃO EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE

Itatiba
2022

CONSCIENTIZAÇÃO: ENTRE O MITO DA CAVERNA E A PASSAGEM BÍBLICA
DA TRANSFIGURAÇÃO EM DIÁLOGO COM PAULO FREIRE.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco – campus Itatiba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação, Sociedade e processos formativos

Orientador: Prof. Dr. Allan da Silva Coelho

Itatiba

2022

37.01
A568c Andrade, Lucas da Silveira.
 Conscientização : entre o mito da caverna e a passagem bíblica da Transfiguração em diálogo com Paulo Freire / Lucas da Silveira Andrade. – Itatiba, 2022.
 106 p.

 Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.
 Orientação de: Allan da Silva Coelho.

 1. Freire, Paulo. 2. Bíblia. 3. Conscientização.
 4. Mítico-Religioso. 5. Educação. I. Coelho, Allan da Silva.
 II. Título.

Sistema de Bibliotecas da Universidade São Francisco - USF
Ficha catalográfica elaborada por: Mayara Cristina Bernardino - CRB-08/9525

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação
Mestrado em Educação

Lucas da Silveira Andrade defendeu a dissertação *Conscientização: entre o mito da caverna e a passagem bíblica da Transfiguração em diálogo com Paulo Freire* aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 24 de fevereiro de 2022 pela banca examinadora constituída dos seguintes professores:

Prof. Dr. Allan da Silva Coelho
Orientador e presidente

Prof. Dr. Jung Mo Sung
Examinador

Prof. Dra. Luzia Bueno
Examinadora

Para minha família e amigos que me
acompanham em cada sonho. Em
especial as minhas sobrinhas que tanto
amo, que não se esqueçam jamais de
lutar pela Verdade e a Justiça no mundo.

AGRADECIMENTOS

Em minha formatura de Ensino Médio, me recordo de como orador de minha turma, dizer a famosa frase: Sonho que se sonha só é apenas um sonho. Sonho que se sonha junto é realidade. Aqui devo agradecer a cada pessoa que me acompanhou e lutou comigo a construção deste sonho, em busca da construção de minha vida acadêmica. Como nada em minha vida, esse mestrado também não foi algo simples ou normal, estivemos e ainda estamos em uma pandemia mundial, onde todo nosso contexto de estudo e trabalho teve que ser repensado para melhor ser vivido.

Sou grato a cada um e cada uma que passou por meu caminho nesses últimos tempos, desde o convite da prof. Fatima Guimarães para iniciar os estudos, até aos companheiros de carona, caminhada e estudo, Thais, Elton, Renato, Nádia e Marcio Bernardi. A este último, faço um agradecimento especial, como amigo e companheiro de sonhos e lutas, seus conselhos e parcerias sem dúvida, fizeram toda a diferença em meu estudo.

Ao Prof. Nilo Agostini que primeiro me acolheu como seu orientando no mestrado nessa universidade, minha gratidão, assim como a Universidade São Francisco, que me concedeu a Bolsa Integral de estudos, como colaborador da casa.

Ao Prof. Allan Coelho, meu orientador e companheiro de estudo, sou grato por todo cuidado, ensinamento e paciência nesse tempo. Suas dicas e orientações, mesmo em tempos de pandemia, foram muito ricas e contribuíram muito com meu sonho. Contigo, aprendi e sigo aprendendo, desde sua humildade até seu grande conhecimento teológico. Agradeço a cada um e cada uma que de forma direta ou indireta colaboraram para que esse momento chegasse, professores, secretárias, colegas de estudo, enfim todos!

Por fim, agradeço a Deus e a minha família. Deus se revela na humanidade através do amor, do cuidado, de pequenos e singelos momentos que se fazem únicos e foi junto a minha família, que este Deus se fez presente. Com eles e por eles, busco ser cada dia melhor, lembrando o suor do trabalho de meus pais, Mauricio e Rita. Quero cada vez mais, ser digno de cada momento de amor que eles me propuseram, de cada momento que me incentivaram a continuar e jamais desistir de meus sonhos.

Grato por tudo e por todos, é mais um ciclo que encerro, para muitos outros iniciar. Que Deus nos abençoe.

ANDRADE, Lucas da Silveira. Conscientização: entre o mito da caverna e a passagem bíblica da Transfiguração em diálogo com Paulo Freire (Mestrado em Educação). 2022.108p. Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Educação. Universidade São Francisco. Itatiba/SP

RESUMO

A seguinte pesquisa buscou analisar a transfiguração no Evangelho de Lucas, como processo educacional conscientizador visando o processo de emancipação do ser humano diante de sua realidade. O mito apresentado nos insere na problemática da tomada de consciência a partir que o sujeito ascende ao monte desperto diante da luz, toma a decisão de ir adiante a se constituir como um sujeito atuante e transformador da realidade que vive. Objetivamos colocar tal leitura cristã em diálogo com a metáfora platônica, entendendo assim dois modelos educacionais que bebem da experiência religiosa e que através da linguagem mítica nos auxilia a elucidar este processo de transformação. Estas metáforas nos possibilitaram um diferente olhar sobre o processo formativo do ser em sociedade, onde na transfiguração o sujeito ascende à montanha possibilitando ser um ser-mais, a partir disso desce para práxis da libertação. Ao olhar ao mito platônico em que o ser se encontra sem luz na caverna e deve sair da escuridão para a luz em busca da verdadeira sabedoria e ser como os deuses. Em tal análise encontramos imagens que dialogam entre si e buscaremos entender como este olhar mítico-religioso contribui para reflexão do movimento educacional do ser humano enquanto sujeito de sua História. Ao longo do estudo nos pautamos em analisar as fontes dos textos olhando a construção histórica da Transfiguração em Lucas, por ser um evangelho ao que se entende escrito a todos os povos e da leitura de Platão no Mito da Caverna e sua fundamentação e influência histórica na religiosidade órfica. Fundamentamos a bibliografia com base nos autores Paulo Freire, Carlos Mesters e Enrique Dussel, no qual fundamentamos este processo dialógico que busca compreender os mitos como processo de emancipação do ser humano na sociedade que está inserido, livrando o assim da subjetividade, desvelando das amarras do capitalismo.

Palavras-chave: Educacional. Paulo Freire. Bíblia. Mítico-Religioso. Conscientização

ABSTRACT

This research look for to analyze the transfiguration in the Gospel of Luke, as an consciousness -raising educational process aimed at the process of emancipation of the human being in face of its reality. The myth presented inserts us into the issue of consciousness, as the subject ascends to the mount awake before the light, makes the decision to go ahead and constitute himself as a subject active and transforming your reality. The Christian reading in dialogue with the Allegory of the cave, Platonic myth, enable us understanding two educational models that draw from the religious experience and which, through mythical language, support us to elucidate this process of transformation. These myths allow us a different look at the formative process of being in society, where in the transfiguration the subject ascends to the mountain, making it possible to be a “being-more”, from that, return to the praxis of liberation. When we looking at the Platonic myth and the human the being finds without light in the cave and must step out of darkness into light in search of true sapience and be like the gods. Our analysis, find images that dialogue with each other and we will search for to understand how this mythical-religious look contributes to the reflection of the educational movement of the human being as the subject of his History. Throughout the study, we analyze the sources of the texts looking at the historical construction of the Transfiguration in Luke’s, gospel we understand to be written to all peoples and the reading of Plato in the Myth of the Cave and its foundation and historical influence on Orphic religiosity. We will base our bibliography on the authors Paulo Freire, Carlos Mesters and Enrique Dussel, on which we will base this dialogic process that search for to understand myths as a process of emancipation of the human being in the society that is inserted, thus freeing subjectivity, unveiling the shackles of capitalism.

Keys words: Education. Paulo Freire. Carlos Mesters. Mythical-religious

ABREVIATURAS

a.C – Antes de Cristo.

BNM – Brasil Nunca Mais.

CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano.

CEB's – Comunidades Eclesiais de Base.

d.C – Depois de Cristo.

Ex – Êxodo

Lc – Lucas

Mt – Mateus

Mc – Marcos

Jo – João

MEB – Movimentos de Educação de Base.

PROUNI – Programa Universidade para Todos.

Rs – Reis

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	11
INTRODUÇÃO	22
1.0 MITO DA CAVERNA DE PLATÃO E A PASSAGEM DA TRANSFIGURAÇÃO EM LUCAS.....	29
1.1 A possibilidade do uso de textos simbólico-míticos para a reflexão de elementos do processo educacional.....	31
1.2 A leitura do mito da caverna como referencial educacional.....	36
1.3 A Leitura da transfiguração em Lucas, como possibilidade de uma educação consciente e libertadora.....	48
2. CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM PAULO FREIRE	55
2.1 Paulo Freire e a educação como travessia transformadora da realidade.....	60
2.2 Cristianismo da Libertação como Educação Libertadora	66
2.3 Consciência como diálogo entre sujeito e a História na Leitura Freiriana	76
3.0 MITO DA TRANSFIGURAÇÃO E O PROCESSO EDUCACIONAL LIBERTADOR FREIRIANO.....	83
3.1 Evangelho de Lucas e o Cristianismo da libertação em Paulo Freire.....	87
3.2 A transfiguração em Lc 9, 28-37, como processo educacional libertador.....	90
3.3 Educação libertadora e o êxodo em Jerusalém.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
BIBLIOGRAFIA	105

MEMORIAL

Para contar um pouco sobre minha história, vou transitar entre emoções, memórias muito peculiares e imagens que são extremamente presentes em minha vida até hoje. Talvez por minha memória fotográfica, desde muito pequeno, sempre tive uma boa lembrança de casos e situações que vivemos em nossa família.

Minha família sempre foi muito humilde. Venho de uma casa simples, de quatro cômodos, no qual minhas primeiras recordações são de meus pais tentando levar, ou não, o grande berço em que eu dormia do quarto de meus irmãos, Tais e Tiago, cômodo esse já pequeno, para levar ao quarto deles. Morávamos em Bragança Paulista e foi a primeira casa que vivi, pequena, quase que apertados, com um banheiro no quintal, alugada, fruto do trabalho de meus pais.

Eu nasci em 1992 em Bragança Paulista, São Paulo. Meus pais me tiveram depois de um longo tempo vivendo em Jaciara no Mato Grosso, onde tiveram meu irmão Tiago. Eu vim seis anos depois dele e nove após minha irmã Tais, nascida também em Bragança Paulista.

A formação da minha família: Um relato de formação

Meus pais, Mauricio e Rita, ambos filhos caçulas de famílias numerosas. Minha mãe vem do Sul de Minas, Extrema, já meu pai é de Bragança Paulista. Acredito que para fazer meu memorial devo aprofundar um pouco da história de vida dos meus pais, para se fazer compreender minha juventude. O casamento ocorreu no ano de 1980, embora de famílias religiosas, ainda nesse momento não tinha uma vida ativa em comunidade. Meu avô por parte de mãe dizia que “tinha que ficar esperto com os padres”, mas sempre foi um homem religioso. Já da parte de meu pai, meu avô era mariano, catequista, junto a um famoso padre bragantino, Padre Aldo Bolini, missionário PIME que viveu por muitos anos na cidade.

Contudo, não foi aqui a experiência de fé mais rica que tiveram, mas sim no Mato Grosso, junto a padres missionários alemães. Padre Gunther e Padre Martin (in memoriam). Quando eu era criança, não vivi as experiências de meus pais junto a esses padres, mas lembro de maneira muito viva, deles contando como era a vida em comunidade. Após o casamento, meus pais em busca de novas oportunidades na cidade de Jaciara, no Mato Grosso, neste período de vida simples, foram acolhidos por pessoas das comunidades, que se tornaram amigos e família deles lá.

Me recordo de meus pais contando sobre esse período e de como eram as missas, a participação do povo, em que partilhavam o pão de verdade, partilhavam a vida, que os ensinamentos dos padres, os ajudavam também a pensar a vida como um todo. Havia uma preocupação em cuidar da terra, da vida humana como um todo. Certa vez os padres acolheram nos jardins da Igreja, o MST, que passava pela cidade e as comunidades se uniram para cuidar e auxiliar essas pessoas.

O entendimento de comunidade que meus pais aprenderam e buscaram viver em suas experiências, influenciaram diretamente a minha vida e de meus irmãos. Nunca fomos levados a Igreja de maneira passiva, como eles foram por meus avós. Mesmo pequenos, sempre aprendemos que a comunidade era o lugar primeiro de partilha, de vida plena, onde ali iríamos antes de pedir, agradecer.

Minha infância e o encantamento com o mundo

Na primeira parte de minha infância, ainda na casa de aluguel de quatro cômodos em Bragança Paulista, tenho as mais puras e inocentes lembranças. Das conversas de meus pais, sobre Deus e a Igreja, quando minha mãe escrevia mensagens e textos sobre a vida em comunidade, ou quando brincava com meus irmãos no quintal grande de terra. Morava em frente a meus tios, Juarez e Sônia, meus primos cresceram conosco na rua quase todos os dias, tempo em que se brincava na rua até tarde em uma Bragança ainda pequena.

Nossa vida era simples, nunca tivemos luxo algum. Aprendi desde pequeno a ver o esforço de meus pais. Minha mãe vendedora, saía logo bem cedo trabalhar com meu tio e padrinho Joaquim e voltava apenas no fim da tarde e meu pai trabalhava na padaria, enquanto eu ficava com minha madrinha Eveli em casa. Tudo era com muito esforço, mas eles nunca deixaram transparecer para nós as dificuldades, buscavam sempre nos dar o melhor.

A cena mais cômica que guardo na memória dessa fase era, quando um dia, em uma forte chuva, o forro de madeira na casa não suportou a tempestade. Recordo como se fosse hoje, eu brincando chutando a água dentro casa, rindo, enquanto meus pais e irmãos arrastavam os móveis. Não sei ao certo, mas não lembro deles bravos ou desesperados nesse dia. Pelo contrário, me recordo com certa leveza desse fato, embora tenha sido uma situação constrangedora, afinal chovia mais dentro do que fora de casa. Mas a família seguiu.

Deste período, me recordo de nossas primeiras participações na comunidade de São Benedito, próximo de casa. A missa de domingo cedo, as luzes nos vitrais da igreja, uma grande luminosidade nas paredes brancas, o povo cantando com os folhetos para o alto, um padre simples, onde se tinha de tudo em volta do altar e quase não se via o padre ou sacrário que ficava atrás do altar.

Minha identidade se molda nessa comunidade. O padre com moldes progressistas, incentivava o povo a uma leitura crítica e madura da bíblia. Tenho guardado na memória o grande número de crianças na comunidade, pastorais, os músicos na missa, o vendedor de pipoca na porta da igreja, a zeladora e secretária, Ditinha. Era como se todos fossemos uma grande família. Minha sensação era de uma Igreja, arejada, com ar puro, novo, me fazia bem.

Iniciei minha história com esses pontos, pois é fundamental para compreender meus próximos passos. Desde pequeno ainda da “casinha” como costumávamos chamar, até mudarmos a casa que meus pais conseguiram construir ao longo do tempo, me recordo de eu e meus irmãos sempre fomos incentivados a estudar. Minha mãe me levava para escola e meus irmãos iam me buscar, quando não esqueciam, um fato que hoje damos risadas.

A descoberta de um novo mundo: A escola e Teatro

Sempre gostei da escola, estudar, ler nunca foram um problema. Para não mentir, acredito que até meu sexto ano, fui um perfeito “caxias”, embora eu tivesse um leve problema: falava muito e as vezes mais do que devia. Minha mãe sempre tinha que escutar que o Lucas falava muito na sala, ou que era “respondão”. Eu por outro lado, sempre gostava do que compreendia como debate na época com os professores, lembro de no quarto ano já ter lido livros como “Os três mosqueteiros” e “O homem da máscara de ferro”, pois minha irmã, sempre me incentivando à leitura, ia buscar livros na biblioteca municipal para que eu pudesse ter contato com diversas obras. Aliás, foi com ela que tive acesso ao livro que virou a chave para ler “livros grandes”, quando me apresentou o livro do Harry Potter e florescendo assim, um Lucas “nerd”, que lia também “Senhor dos Anéis”, dentre outros. Recordo dela fazendo o acordo que só pegaria livro novo quando eu terminasse outro primeiro. O cartãozinho laranja da biblioteca e os livros que eu ia pegando, até chegar em livros como de Machado de Assis.

Nessa mesma época, começamos a fazer teatro na igreja, junto ao prof. Volpone. Ele, um ator amador e professor de história, acompanhava um grupo de jovens que tinha

eu com meus onze anos, caçula da turma, as vezes como árvore, as vezes como uma criança recitando Manuel Bandeira ou apenas aprendendo com suas falas sobre a política e a vida. Volpone é um dos meus grandes modelos de professor, além do amigo que se tornou, me incentivou a buscar mais sobre a História. Nessa época, eu com onze anos, tinha pego um livro sobre Nelson Rodrigues e lembro de ele me perguntar, “Vai ler isso mesmo? Vamos conversar depois sobre a leitura, quero ver o que você vai falar”.

O fato é que o teatro, abriu uma porta em minha vida de uma maneira que nunca mais conseguiria fechar. Meu irmão era o grande destaque, tímido, passou a desinibido e topava qualquer atuação, fazendo muito bem. Era como um espelho para mim, me expressar como ele, ser engraçado e sério quando preciso. O grupo, alinhado a participação ativa na comunidade, não me permitiu mais olhar para o mundo de maneira simples e passiva. Nossa pergunta era: o que vamos fazer para tornar o mundo melhor diante das injustiças? Esse grupo chamado “Utopia Jovem”, hoje, em grande parte é uma família, entre compadres, padrinhos de casamentos, que mesmo com passar dos anos, ainda temos contato como irmãos. Nesse grupo minha irmã amadureceu seu relacionamento com meu cunhado, David, que viriam a se casar alguns anos depois. Assim, também foi com o grupo que se formou alguns anos após o Utopia. Formamos a Pastoral da Juventude, chamada Muvuca Jovem. Grande parte do pessoal vinha dos amigos da escola de samba e que agora faziam parte da comunidade. Nosso grupo se envolvia em várias esferas tanto paroquial como diocesana. Já era uma realidade diferente da época do Teatro, padre diferente, jovens diferentes, mas seguimos e aprendemos. Entre missões diocesanas, DNJ's, Grito dos excluídos, estudávamos, fazíamos festas, ajudávamos nas festas e ainda, pulávamos carnaval.

O primeiro chamado e o amadurecimento

Deste período recordo de ser a primeira vez que me senti “chamado” a ser padre. Afinal, eu queria mudar o mundo, por que não como padre? Poderia cuidar das pessoas, ajudar, celebrar a vida, denunciar a injustiças, bom era isso que eu pensava nos meus 11 ou 12 anos. Claro que não era tão simples, foi nessa mesma época que tive minha primeira namoradinha, mas não me incomodei. Queria mesmo era ser padre. Essa fase marca uma dicotomia em minha vida, o início de um Lucas que queria participar mais ativamente da vida religiosa, para um Lucas que extremamente ativo na escola, seja na parte acadêmica, atuando em grêmios, definindo que gostava de fato de história e filosofia, ou na vida

afetiva com amigos, bagunças e paixões constantes. Talvez ainda essa dialética viva comigo.

O fato é que aos 17 anos decidi ser padre, não digo entrar no seminário, pois, são coisas diferentes. Existe aqui uma soberba, um sentimento de prontidão que estava comigo. Como estudioso que era, nessa fase, já havia lido vários documentos da igreja, era cerimoniário em minha comunidade, querido pelo bispo, o que de alguma maneira me empolgava. Ao mesmo tempo que deixando o Ensino Médio, eu achava que tinha vivido tudo o que poderia ser vivido por um jovem. Vivi intensamente meus três anos de ensino médio. Desfilei em escola de samba, churrascos, bebidas, conheci o mundo em várias perspectivas, de festas que meu irmão como mais velho me ajudava a entrar, ou com os amigos de escola, muitos presentes em minha vida até hoje. Inteligente, mas rebelde, ou apenas um jovem inconsequente. De certa maneira, sempre pensei que não poderia ficar bitolado no estudo, embora gostasse e assim, nunca me privei de festas, namoros e bebidas. Afinal o status de padre me ajudava, a ter uma certa moral para coisas sérias, assim como eu me tornava “o padre do balão” para fazer uma bagunça ou sair com algumas meninas.

O início da vida adulta: As contradições deste período.

Quando então fui para Caieiras, mais exatamente na Vila Rosina, para morar no Seminário, eu pensava ser o senhor do mundo. Confesso que tenho vergonha dessa minha imagem. Não me arrependo de meus posicionamentos libertadores diante de dois reitores conservadores, mas reconheço que por vezes fui no mínimo inconveniente. Contudo, de maneira sábia, meus reitores me deixaram para fazer pastoral ali mesmo, no Santuário da Virgem dos Pobres. Para quem não conhece, a Vila Rosina fica na divisa com Perus, sendo na época um bairro de condições muito precárias, de um povo pobre, simples e trabalhador.

Lá tive que lidar com diversas realidades que um menino do interior jamais saberia lidar. Tive contato com as irmãs franciscanas que moravam no bairro e aqui eu que havia chego como senhor do mundo comecei a compreender a realidade e a repensar minhas posições. Com elas, visitava doentes em situação terminal, em casas precárias, de extrema pobreza, atendia famílias com fome e crianças no projeto educacional – “Escalar”. Aqui foi quando me apaixonei pela educação. Sempre fui muito parceiro na escola em auxiliar meus amigos no estudo, mas não me via como professor. Contudo, inserido nesta realidade, precisei aprender a ensinar, junto as crianças, liamos textos,

ensinava sílabas, números e na hora do lanche, comíamos retalhos de hóstias doadas por um padre de São Paulo.

Colocávamos as hóstias no forno com sal e fazíamos leite quente para as crianças. Eu adorava chegar lá e ver as crianças brincando e felizes pela atenção e cuidado que tínhamos com elas. Ali eu sabia, que era eu e as irmãs com o projeto aberto, ou as drogas nas inúmeras biqueiras do bairro. Lembro de uma das irmãs me dizer, “Lucas, não precisamos de padre de batina, precisamos de padre que ame estar com o povo!”. Me recordo das casas de extrema pobreza, com o povo simples, sem condições básicas de vida digna. Isso me marcou profundamente até hoje.

O choque de realidade foi bem tenso. Deixei o seminário no fim do primeiro ano. Tenho na memória de estar tomando uma cuia de chimarrão com as irmãs e elas brincarem que eu estava saindo por conta de elas terem me mostrado o que era vida de padre de verdade. Não nego, elas estavam certas. Eu não sabia nem o que eu era e queria libertar o mundo da opressão. Fui para ensinar e descobri que estar com o povo é muito mais que liderar, é estar com, é estar junto. Alguns jovens do bairro ainda tenho contato, outros não. Infelizmente, com as irmãs só as tenho em lembranças. Tem algum tempo, fiquei sabendo que uma delas havia falecido.

Voltando para casa, meu irmão havia montado uma academia em parceria com minha irmã, não vou mentir que havia uma expectativa em fazer Educação Física, fiz a inscrição, o vestibular, mas me matriculei em História. Voltei da Vila Rosina, sabendo que queria ser um educador. Alguns duvidaram, pois como sempre fui muito “bocado”, ou ansioso, tinham receio de eu não ter paciência com estudantes. Talvez eu também tivesse esse medo. Que bom que estávamos todos errados.

O Curso de História em Bragança Paulista, me abriu um leque de oportunidades. A vida como acadêmico era interessante, ser professor, embora ainda carregasse comigo o estigma do seminarista. Ponto que queria me afastar. Trabalhando em uma ótica para pagar a faculdade, fiz novos amigos e colegas, foi um ano intenso, onde me joguei de braços em festas, bebidas e um total descompromisso com minha vida de Fé, que até então era muito importante. Até que um padre amigo, me convidou para trabalhar com ele. Embora tenha hesitado de primeiro, fui, pois confiava nele e o salário era bom. Comprei minha moto, pagava a faculdade, conseguia fazer cursos, porém, fora o compromisso acadêmico, nada fazia sentido. De fato, foi um tempo vazio.

Após quatro meses junto dele, consegui pegar aulas pela primeira vez na cidade de Pinhalzinho – SP, ao lado de Bragança Paulista. Aqui tive uma virada em minha vida.

Terminei a faculdade de História dando aula lá, por dois anos. Nesse tempo, amadureci de uma maneira que ainda não tinha percebido. Comprei meu carro, pagava minha faculdade, ia e voltava todos os dias, entre namoradas, festas e amigos, voltei a participar na comunidade. Decidi retornar ao seminário e fui prontamente acolhido pela Diocese de Bragança Paulista. Fiquei um ano como seminarista externo, pagando meus estudos, dando aula e trabalhava na paróquia de São Benedito. Depois, ingressei em Teologia na PUC Campinas, me mudando para lá, após vestibular.

Assumindo as contradições e vivendo

Embora morasse me Campinas, no fim de semana ia para Francisco Morato, umas duas horas e meia, entre ônibus e trem, para chegar à Igreja do Sagrado. Novamente, estava na periferia de São Paulo, em uma realidade dura e sofrida. Tive muito medo do desconhecido, da cidade na grande São Paulo, o trem. Na Vila Rosina, por vezes eu celebrava na Capela de Santa Clara, próximo onde tinha uma boca de drogas, andava a noite no bairro, talvez por ser inconsequente não via com tanto receio minha presença nestes locais. Mas agora eu tinha, não apenas do perigo da cidade, mas de ser julgado. Afinal, eu era o Lucas, que tinha desfilado no carnaval, ia pra diversas festas com amigos, festas de faculdade, tinha tido namoradas e agora chegava em Morato.

Fiquei dois anos no Sagrado e não sei dimensionar o tanto que sou grato por ter vivido aquele tempo ali. Fiz amigos de verdade. Tenho orgulho em olhar alguns jovens daquele tempo, que hoje tem sua vida formada, artistas, físicos, fisioterapeutas, jornalistas... eram apenas jovens como eu era e que juntos refletíamos sobre o que era ser Igreja. Meu maior desafio, era justamente a espiritualidade da renovação carismática junto à comunidade e eu, buscando refletir em outros caminhos a vida de Fé. Lá, sempre busquei desenvolver escolas bíblicas, de partilha e diálogo com a comunidade, assim, como também, auxiliava na escola de teologia com os temas que envolviam História e Bíblia.

Os jovens do Sagrado estavam comigo em todo lugar, fosse em teatros na comunidade, noites de formação, oração ou filmes e pipoca. Padre Francisco, amigo, me ensinou a ser seminarista, depois de tanto tempo, acho que eu ainda não tinha aprendido. Nos cursos e rodas de estudo, desenvolvi um gosto que pode ter como ponto de partida a faculdade história. Estudar as Sagradas Escrituras, a História de Israel e me aprofundi muito sobre esse tema. Já na faculdade de História, pesquisei sobre o pensamento judaico e a influência no sebastianismo português, lendo e estudando Padre Antônio Viera. Tema

que fez ter contato com CEJ – Centro de estudos judaicos na USP, quando então fui convidado a ministrar em um congresso nacional sobre a influência do pensamento judaico em Viera. Foi a primeira vez que participei de algo de grande nível acadêmico, tive medo, mas encarei.

Na teologia, me enverguei a estudar a teologia bíblica com fervor, gostava de estudar o hebraico, o grego, ler textos de exegese, buscava conhecer mais sobre autores e pesquisas. Sempre buscando conciliar Teologia e História. Mesmo não recebendo incentivo do professor na faculdade, não deixei de estudar. Eu acordava a seis da manhã e sempre me lembrava que meus irmãos já estavam de pé trabalhando, não era justo que eu me acomodasse a vida de seminário, era minha vontade, mas também obrigação, estudar.

Após dois anos em Morato, fui transferido para Nazaré Paulista, com a dura missão de cuidar de uma área pastoral, onde o padre que havia passado, tinha deixado marcas, no mínimo, desagradáveis. Embora eu fosse para Nazaré apenas aos fins de semana, a comunidade de Santa Rita, tornou-se minha casa. De uma celebração semanal, passamos para três, comecei a atender e visitar o asilo próximo a igreja, os ajudando com campanhas financeiras, além de celebrar a palavra lá toda semana. Assim também com as comunidades rurais, que eu ia visitar sempre a cada quinze dias, visitando também enfermos aos sábados cedo principalmente e por vezes atendendo, casais e famílias com dificuldade.

Contudo, antes de eu chegar em Nazaré, alguns fatos me marcaram e fizeram ver o mundo de uma maneira diferente novamente. No meu segundo ano de Teologia, perdi em seis meses, afilhada de casamento e amiga para o câncer, um amigo e meu padrinho Marcelo por infarto. Não sei explicar ao certo meus sentimentos. Sei que tudo simplesmente ficou vazio. Vida eterna? Comunidade? Amor ao próximo? Esses acontecimentos me mudaram. Comecei a olhar a vida religiosa, os padres e a Igreja e me perguntar, “Eu vivo de verdade tudo isso? A igreja vive tudo isso?”.

Logo, quando fui para Nazaré, eu queria ser a diferença. Não queria ser mais um dos mesmos, que aceitam e se aliam a processos de corrupção que vão se tornando cada vez mais comum, conforme você se aprofunda em seu sacerdócio. Eu não queria isso. Qual era o custo para ser padre? Para mim, padre era o que eu vivia em Nazaré naquele momento, rodas, conversas, uma entrega verdadeira, um povo que partilhava a Fé. Me lembro de visitar uma senhora, bem doente, que alguns dias não falava direito e não se levantava. Quando entrei no quarto com a filha e ela disse pra sua mãe “o padre veio

benzê a senhora”, a senhora esticou os braços e quase deu um pulo e disse, “O padre!”, e começou a rezar comigo do lado dela. Descobri que a anos ela estava enferma e que nunca tinha sido visitada por um padre. Isso acabou comigo. Por que um gesto tão simples é tão difícil? Novamente comecei a me perguntar, qual era o preço da escolha que eu estava fazendo. Seria mesmo necessário ser padre, para ser um bom cristão?

Não queria ser o senhor da verdade ou um justiceiro, não sou e nunca fui santo ou perfeito em minha vida. Sempre em minhas folgas, corria para Bragança encontrar com meus amigos de PJ, para sairmos em alguns bares e baladas da cidade. Para mim, isso muitas vezes era respirar um ar puro, em mundo de tanta hipocrisia, onde um padre não visitava uma enferma, mas tinha muito tempo para shoppings e lojas caras. Talvez eu não estivesse certo, mas olhando hoje, sou grato por cada festa que estive com eles, pois era verdadeiro cada momento. Poderiam ter sido tantas festas, mas não foram. Contudo, sou grato pois pude também estar com eles em um momento que hoje sei que nunca mais vai voltar. Hoje sei que doei para Igreja, meu bem mais precioso, minha juventude.

Contudo, em meio a crises de ansiedade, com muita dor no coração, já quase me encaminhando para o último ano de formação, pedi desligamento do seminário, mas minha maior dor era deixar Nazaré e povo que tanto quis bem, aprendi e cresci.

Logo quando sai, estava sem base. Sem emprego, aulas, a teologia incompleta, mais ainda sim, historiador. O que eu faria agora? Foi um tempo difícil de pegar aulas, consegui pegar aulas de teatro no município em Atibaia, onde ganhava quase que o mesmo que nada. Nesta cidade, conheci a melhor diretora que já trabalhei até hoje, alguém que respira educação e uma escola rural de tempo integral, fazia a diferença na vida das pessoas. Fiquei na escola Eva Vellejo por um ano e meio como contratado de projetos educacionais.

Nesta escola, ganhei junto aos estudantes um prêmio contra o trabalho infantil, MPT na Escola. A realidade rural era muito próxima das origens de minha família, me sentia bem com eles, como me sentia em Nazaré no sítio com o povo simples. As histórias das crianças me faziam lembrar de minha infância em Extrema, junto ao meu tio Joaquim, meu padrinho de batismo, quanto montava cavalo e tocava o gado com ele no pasto, ficava enfiado dentro de curral e carros de boi. Foi um tempo muito duro, mas foi muito rico ver como a música, o teatro, colaborava em dar sentido à vida escolar daquelas crianças do Fundamental II.

Rememoro de um dia no ponto de ônibus, em Atibaia, quando havia perdido algumas aulas no Estado. Eu basicamente tinha o dinheiro da passagem e me veio uma

sensação de desespero, pois, o que estava acontecendo em minha vida? Dois anos antes eu estava na França, na diocese de Pontoise, estudando francês e com a possibilidade de me transferir para lá, agora, estava no ponto final em Atibaia com quase nada no bolso. Eu amava estar com as crianças, estar na escola, educar, mas a reviravolta em minha vida, parecia não ter fim, era como se eu não fosse mais conseguir. Teria que deixar a educação para um trabalho mais lucrativo? Quase fiz isso.

No ano seguinte consegui com muito custo, aulas no Estado e com tempo de atividades na prefeitura de Atibaia, me tornei apto a uma bolsa da CAPES para ser professor orientador de estágio no programa de Residência Pedagógica junto a FESB. Com o dinheiro da Bolsa, paguei minha pós-graduação em Teologia e História das Religiões e consegui uma bolsa para Cultura Afro-brasileira. Confesso que quando saí do seminário, meu primeiro impulso era fazer o mestrado no CEJ/USP. Não me dediquei, não fui aprovado, logo depois, surgiu uma oportunidade do Mestrado em Bíblia pela PUC-SP, me dediquei, sentei com orientador, projeto aprovado, contudo, minha teologia não tinha reconhecimento do MEC e eu não pude ingressar. Até o programa de Residência, eu não queria mais estudar, havia desistido, diante das frustrações; contudo, a duas pós, me acenderam novamente o desejo de estudar e pesquisar. Nesse tempo, também fui convidado a dar aula de história da igreja no seminário propedêutico em Bragança, cargo que fiquei por três anos.

Foi quando, minha cunhada Alessandra, me enviou a vaga na tutoria on-line da USF. Através da pós que consegui fazer graças ao sofrido tempo em Atibaia, me tornei apto para vaga e fui aprovado. Na universidade, eu precisava ainda terminar um artigo e fui pedir auxílio para a prof. Fatima, ao qual tenho muita estima, pois, ainda no tempo da graduação em História a conheci, através do prof. João Bueno, que foi meu primeiro orientador e a primeira pessoa que incentivou de fato a buscar a vida estudos, dando o livro do Boris Fausto na minha mão e dizendo, “Sei que você estudou para aula, pode apresentar o capítulo 2 para o pessoal, pois estou doente hoje”. Nunca vou me esquecer do frio na barriga e do sim que dei na hora. Se tornou meu orientador, quase como um pai em minha vida acadêmica.

Se o João me empurrou para aprender o que era pesquisar, a Fátima, me empurrou para o mestrado em educação, após conversar com ela sobre minhas pesquisas e trabalhos. Entrei no mestrado em educação com certeza que estava no campo certo, pois minha vida, desde o teatro na igreja, a Vila Rosina passando por Atibaia, rodaram em volta do ser educador. Agora a questão, era o que pesquisar? Existe um fio condutor em

minha vida, em volta da Igreja, na qual ainda meus pais, irmãos, cunhado, cunhada, sobrinhas, todos fazem parte. Seria até falta de caráter de minha parte talvez não ver, o quanto uma leitura viva da bíblia conduziu nossa família para aquilo que era certo. Eu errei muitas vezes, nós erramos, contudo, é inegável a como essa leitura viva, fez a diferença naquilo que somos hoje.

Na minha casa, tenho minhas sobrinhas como uma luz para tudo o que busquei ser, na minha vida de estudos, religiosa, buscando ser o companheiro delas. Quando pensava em uma vida de enganação que poderia ter assumido em algum momento, sempre me vinha a imagem delas na cabeça e pensava, é isso que quero para elas? Clara, Sofia, Olivia (que também sou padrinho) e Helena, são uma luz viva em minha vida. Assim como uma leitura enraizada honesta, profética, me ensinou a dizer não, enquanto todos simplesmente dizem, sim, espero que essa experiência também ilumine a vida delas, mesmo que isso tenha me custado o caminho mais difícil, foi o que mais aprendi e espero que elas aprendam um dia.

Sendo assim, comecei a adentrar a pesquisa que hoje construí, desde as primeiras reflexões junto ao prof. Nilo Agostini que me acolheu em sua aula, até a chegada do prof. Allan Coelho que me acolheu como seu orientando e juntos fomos amadurecendo e ampliando nossa pesquisa. Olhar a perspectiva bíblica como processo educacional é fazer jus também as experiências e pessoas que encontrei em minha caminhada. Pessoas que pude testemunhar, que a partir de uma leitura conscientizadora, madura, pode gerar transformação, não apenas em si, mas em toda comunidade que o circunda, assim, como a transformou ainda transforma a vida de meus pais e minha família.

INTRODUÇÃO

No contexto atual, por mais que muitos estudos sobre metodologias educacionais tentem renovar a educação, certos elementos que constituem a concepção da formação humana ainda permanecem os mesmos, bem como em nossa época uma de suas lógicas se intensifica, de um ensino meritocrata. No mundo moderno, a educação é entendida como um processo em que a sociedade distingue entre a sua barbárie e a humanidade emancipada pela razão¹, mesmo que na vida prática se torne apenas um processo de instrumentalização do ser humano para a mão de obra tendo como referência sua inserção no mercado.

Também muitas concepções pedagógicas já refletiram esta situação. A educação segundo Paulo Freire é processual, contínua e somente ocorre diante da transformação da realidade em que se vive. A educação é assim, mais que a instrumentalização do ser humano para o trabalho, mas seu processo formativo que o leva a transformar sua vida o colocando em uma nova posição, não diante dos outros, mas junto a eles.

A leitura do mito da transfiguração, à luz da reflexão proposta por Freire é uma contribuição como diferente possibilidade de se pensar o ser humano no processo educacional enquanto uma constante tomada de consciência em sua realidade. Tal relato simbólico ajuda a elucidar alguns aspectos que são de extrema importância a Freire, que é a Educação enquanto processo libertador diante das necessidades impostas pelo Capital e que essa consciência se dá somente com a devida leitura de sua realidade e compreensão que junto ao outro, nós fazemos um e é assim que poderemos transformar a sociedade. Entre estes elementos está, a noção de que o ser humano deve, em sua caminhada, humanizar-se.

A presente dissertação, atenta a nossa realidade, diante do processo de conscientização apontado pelo educador Paulo Freire, discute como diferentes tradições mítico-religiosas oferecem também diferentes elementos simbólicos de significação para o processo de conscientização, distinguindo a consciência mecânica, aplicada a partir de alguém que leva o conhecimento, para uma leitura de um processo educacional, que se faz do eu para com outro. Escolhemos identificar algumas possibilidades na passagem bíblica da Transfiguração (no Evangelho de Lucas) em sua comparação com o tradicional

¹ COELHO, Allan da Silva. Horizontes de plausibilidade sob a crítica da filosofia: entre luzes, horrores e vítimas. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 3, p. 34-51 – Último acesso: 29/04/2021

uso do Mito da Caverna de Platão. Pensamento que, apesar de ser possível aproximar Platão e Freire, se compreendermos o pensamento freiriano em sua relação com o cristianismo da libertação, teríamos um tipo de narrativa simbólica mais convergente com o conceito de conscientização de Freire.

Sendo assim, busca-se aprofundar a leitura da passagem do Evangelho de Lucas: a Transfiguração. Nessa perícopes se apresenta a subida de Jesus ao monte acompanhado por dois discípulos e, no alto do monte acontece uma revelação no qual Jesus assume a sua missão e vai até Jerusalém onde deveria anunciar a libertação junto à comunidade.

Contudo, qual sua possível relação com o processo de conscientização em Paulo Freire? No livro “Os Cristãos e a libertação dos oprimidos” (1978), Freire apresenta o processo educacional de um modo dinâmico, com um tipo de conscientização que acontece na travessia, sempre em movimento.

A conscientização segundo a leitura estudada em Freire é uma forma de compreender a vida, de pensar o que é o ser humano, e seu processo educacional se dá junto com outro e não de maneira impositiva, como algo que um agente externo, seja ele o filósofo, o professor ou qualquer outro líder, oferece de fora como algo que falta ao povo. Pensar esta diferença permite pensar a educação como um processo de formação que o ser humano se reconheça em sua totalidade, buscando compreender a melhor maneira de se tornar plenamente humano, ou seja, não se limitando as condições como as imposições do trabalho e do consumo, mas buscando de fato a sua vocação ontológica a ser-mais.

A reflexão proposta é que, a partir do olhar freiriano, possamos compreender que majoritariamente o modelo educacional presente é do mito platônico, de uma educação que é vista como processo de iluminação, ascensão social e/ou uma ascese de mudança na condição do ser humano. Um processo pelo qual se torna o humano que se deve ser assim iluminado pela razão, liberta-se da ignorância do mundo definitivamente, que no mito é apresentado como a caverna.

Na transfiguração, o subir, o escutar, a luz modifica o ser, mas o envia a descer o monte, ou seja, assumir comprometimento com a realidade. Nossa pergunta fundamental é, se o mito da caverna oferece a explicação simbólica hegemonicamente tradicional, a transfiguração não poderia ser compreendida como uma explicação simbólica divergente? Não adentraremos em nossa análise em comparar ou determinar qual é o modelo educacional correto, mas buscar o objetivo de, nesse paralelo, uma nova

possibilidade de leitura da passagem da Transfiguração, como uma expressão simbólica do processo educacional.

A partir do Evangelho, pode-se destacar o processo de conscientização ao subir o monte e reconhecer seu processo de ir ao centro do mundo, na leitura Jerusalém, contudo, no mito platônico, aquele que deixa a caverna, a escuridão para trás e vai para uma nova vida, passa a “ser como os deuses”. A promessa platônica, isso é, a finalidade básica da educação é um processo de divinização pela qual o humano, em ascese, distancia-se da vida e da realidade corporal. Retornar à caverna é tomado como um risco, que resulta em banimento ou sacrifício. Porém, esta é a metáfora do papel do educadora. No caso da transfiguração, existe um movimento de viver a experiência do monte, mas também de assumir a sua realidade, saída da condição anterior está alinhada com comprometimento de estar com a sociedade, do eu para com o outro.

O pensar a Transfiguração como processo de conscientização, é dialogar diante das imposições do mercado a sociedade em suas imposições educacionais. Esse novo refletir, amplia como movimento de transformação da sociedade em comunidade, refletindo a emancipação do ser humano como um todo. A conscientização é um processo de transformação constante e tomada da realidade que o cerca, o termo, êxodo, apresentado no texto, remete a consciência de ter que estar em Jerusalém, ou seja, no centro urbano, econômico e social de seu tempo.

Visamos compreender esse processo, porque embora se apresentem novas metodologias, ainda é muito presente uma educação que pensa o processo como o mito platônico, no qual o estudante recebe o ensino e o estudo se torna um processo meritocrata e visa um interesse social e não humano, como o proposto por Paulo Freire. A educação é visada para alcançar algo, quando o autor supracitado, o olhar deve ser voltado a formação do estudante, ou seja, visa seu reconhecimento enquanto humanidade.

Nesse sentido, nosso objeto é a passagem bíblica da Transfiguração, como conhecida no Evangelho de Lucas, como uma forma alternativa de compreender a transformação pessoal resultante de um processo educativo de conscientização. É uma leitura desta passagem mediada pelo olhar teológico do cristianismo de libertação, a mesma visão de mundo que constitui os horizontes de plausibilidade de Paulo Freire (MALAFATTI, COELHO, 2021).

Apesar da popularização da ideia de que a educação emancipatória é aquela que conscientiza educando e educador, o tema é polissêmico e seu uso corriqueiro o banaliza e o esvazia. Por isso, é importante refletir sobre a categoria a partir de sua referência de

sentido. Tomar consciência, na perspectiva educacional hegemônica que é decorrente da concepção moderna (ilustrada ou positivista) é essencialmente resultado do acesso ao saber que transforma. Esta concepção encontra sua formulação como marco categorial nas releituras do Mito da caverna de Platão. Não modifica muito o esquema interpretativo considerar a Filosofia ou a Ciência Moderna como origem do saber que transforma o humano, desde que o formato permaneça considerando o problema como um desconhecimento (a ignorância) e a tarefa educativa de “abrir os olhos” como ensinar algo que as pessoas não saibam. Mesmo um amplo setor da Teologia da Libertação é marcado por esta concepção, decorrente de forte influência do positivismo na visão marxista². No entanto, esta influência desenvolve uma concepção de formação da consciência que desconfia do saber do povo. Seu objetivo, o conscientizar, é desalienar.

No âmbito da problemática de nosso tema, podemos perguntar que tipo de consciência é decorrente do processo educativo de sair da caverna? Que semelhanças e diferenças esse processo tem se consideramos o relato da Transfiguração? Especificamente, que relação com a transformação do ser humano esses modelos apresentam?

Objetivamos assim, compreender a passagem da transfiguração como processo educacional de conscientização que nos possibilite pensar a educação como método humanizador, dialogando com as diversas realidades e conhecimentos, como proposto por Freire. Iremos analisar e identificar elementos que permitam sugerir uma leitura da transfiguração, como processo de saída, de movimento contínuo e transformador, sendo assim, verificaremos os elementos que constituem o texto, tais como, luz, saída, subida, mudança, missão e descida.

Ao olharmos a passagem, sugere-se uma racionalidade fundada em outra narrativa simbólica, mítico-teológica, pois não supõe a ascese tradicional que leva à negação e/ou superação da condição humana para outra condição, “sereis como deuses” – dizem os órficos. A leitura teológica, inclusive vê e Jesus a Encarnação de Deus, sua humanização para estar com o mundo. Sendo que ao analisarmos esse processo pedagógico no texto, nos sugere uma compreensão do que seria a tarefa educativa. Presente na Transfiguração, que além de uma leitura tradicional que moldaria o entendimento teológico como um prelúdio da paixão de Jesus em Jerusalém, poderia, no ato ele acompanhado de dois

² Apesar da formulação parecer contraditória à primeira vista, é o marxista Michael Löwy que tem um estudo importante sobre a influência do positivismo sobre algumas tendências do marxismo (LÖWY, 2000).

discípulos, ao viverem a experiência do divino diante da luz e da presença dos profetas, retornar sua caminhada a Jerusalém.

Desta maneira, seria possível pensar a passagem em Lucas como uma leitura do processo de conscientização, diante dos desafios apresentados pela sociedade, segundo a leitura Freiriana. Freire assim o faz, no seu livro supracitado, uma vez que olha o dinamismo profético da Igreja em suas raízes bíblicas, intimamente ligado as necessidades de libertação de seu tempo. Ouse seja, considera-se, uma análise textual, que leve em consideração o método histórico crítico, que pensa a formação do texto segundo a cultura e o local de sua escrita, não subvertendo seu real valor e linguagem, assim como busca por uma leitura popular bíblica, tal como podemos ver em Carlos Masters, nos possibilitando uma nova leitura que considera a realidade daquele que escuta para se entender uma educação libertadora.

Quien es capaz de enlazar ambas percebe el rostro amigo de Dios detrás de las cosas que cuenta la Biblia y la presencia de ese mismo Dios en las cosas de la vida. Cuando esto ocurre, la Biblia empieza a hablar a la vida y esta ayuda a comprender la Biblia. Por esta razón todas las guías comienzan partiendo de la vida que es iluminada por la Biblia y acaban de nuevo en la vida. Sólo así el creyente comprende que Dios tiene que ver con su vida y esta tiene que ver con Dios. (MESTERS, 1996, p.8)

Utilizando como Enrique Dussel propõe, pensando-a como narrativa simbólica racional, aproximando da concepção antropológica de Paulo Freire que não compreende a educação como um abandonar o mundo pela ascese, mas como um processo de transformar o mundo e a vida.

Pautaremos como referencial teórico deste processo educacional Paulo Freire que propõem a educação como um processo de transformação, libertação e emancipação do ser humano diante da sociedade, alinhada a sua leitura sobre o cristianismo de libertação. A leitura de transfiguração, compreende um processo de transformação no qual a comunidade assume a realidade que está vivendo em comunidade e não de maneira individualizada. Fundamentaremos esse entendimento na passagem de Lucas, na leitura Carlos Mesters, Francisco Orofino e Augustin George e aprofundaremos o conceito de passagem como processo de conscientização em Freire.

Se por um lado, a passagem clássica do mito da caverna conduz/permite certa concepção do papel da educação e do educador na transformação da consciência, por outro, a passagem da transfiguração permitiria uma compreensão distinta desse processo de formação da consciência. Ambos são entendidos como relatos simbólico-míticos, que colaboram em certa perspectiva de corroborar um horizonte de plausibilidade na qual a

razão funciona. Nesse sentido, como um marco categorial, uma maneira de organizar o sentido das categorias envolvidas em uma lógica racional (COELHO, 2019).

O primeiro relato, o Mito da Caverna, é mais estudado e trata-se de uma alegoria sempre presente, seja na Filosofia da Educação, seja no mundo da estética. Nosso foco está em perceber, a partir da compreensão do primeiro relato, as possibilidades de diferença no segundo relato proposto, a passagem bíblica de Lucas conhecido como Transfiguração. Este estudo é desenvolvido no âmbito de uma pesquisa maior, desenvolvida pelo orientador Prof. Allan da Silva Coelho no PPGE-USF, sobre a possibilidade de pensar dialeticamente os marcos categoriais mítico-teológicos e as práticas educacionais concretas³. Como ponto específico, essa dissertação colabora com a busca por um tipo de marco categorial que desloque os horizontes de plausibilidade daqueles que pensam o processo educativo como forma de libertação. Nesta dissertação, afim de delimitar a amplitude da questão, propõe-se observar a relação atribuída entre a libertação e a transformação da consciência.

É importante registrar o contexto de elaboração desta pesquisa, sob condições da pandemia mundial de Coronavírus. Um estudo produzido totalmente de forma remota, sem a interação da convivência, dos congressos científicos, bibliotecas fechadas e com os limites de aulas e reuniões on-line. Os desafios se apresentaram em diversos âmbitos, desde uma simples interação em sala de aula junto aos colegas e professores, à produção de artigos e diálogos com orientador. Algumas simples conversas e alinhamentos se tornaram e-mails ou reuniões via encontros remotos, sendo que o distanciamento dificultou processos comuns de estudo. Em meio a minha rotina de trabalho on-line, seja as rotinas administrativas ou coo docente, busquei organizar meus horários e atividades, mantendo a rotina de estudo e trabalho, que por vezes se misturaram e se tornaram uma coisa só.

De forma geral, a estrutura do texto compreende: em nosso primeiro capítulo, iremos contextualizar a possibilidade de uma leitura que busque um diálogo entre o mito da caverna de Platão e a leitura do da Transfiguração. Aprofundando o conceito de consciência como construção como diálogo entre sujeito e a História na leitura em Freire que norteará a reflexão do processo educacional na leitura do texto do evangelho.

³ COELHO, 2018, 2019, 2021b. Veja também a pesquisa apresenta do Encontro regional ANPED – Sudeste, no GT 17 de Filosofia da Educação, sobre a relação entre Pharmakon e conversão, no âmbito dos marcos categoriais da educação (COELHO, 2020).

Já em nosso segundo capítulo, nos pautaremos em analisar o processo educacional proposto por Paulo Freire e sua leitura do cristianismo como um processo de libertação educacional e social possível diante da opressão do capital. Iremos elencar que a transformação educacional, tal como o cristianismo deve acontecer em um processo de transformação contínuo do eu com o outro. Para Freire o processo educacional se apresenta também como um processo de travessia, ou seja, uma contínua conscientização, vendo no cristianismo de libertação uma possível linguagem educadora.

No terceiro capítulo, iremos propor a análise do texto da Transfiguração em Lucas, compreendendo o contexto formativo, pedagógico e símbolos presentes no texto, que nos possibilitam analisar a transfiguração para leitura da educação ao olhar freiriano. Buscaremos, destacar os possíveis elementos que dialogam entre os textos e destacar que a leitura da passagem cristã se constitui como um modelo educacional em movimento, que coloca o ser humano em ação diante da realidade, quando a leitura platônica do movimento educacional atinge seu ápice quanto o ser humano não mais faz parte da sua realidade de outrora, se tornando como deuses.

Por fim, elencamos alguns pontos possíveis de reflexão que se levantam com o tema proposto, uma vez que a proposta da pesquisa é evidenciar uma possibilidade através do olhar mítico religioso, um outro olhar ao modelo educacional proposto por Freire, percebendo assim, o movimento de conscientização, como atuação dinâmica e constante, que se apresenta de forma colaborativa junto a sociedade.

CAPÍTULO 1

O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO E A PASSAGEM BÍBLICA DA TRANSFIGURAÇÃO EM LUCAS.

O eixo de aproximação dos dois textos propostos é pensar a educação como processo de saída de uma certa condição. Na saída da caverna, a expectativa platônica é de que “sereis como deuses” (conforme a missão do filósofo descrita no Fédon), isso é, na expectativa e no modelo de humano livre da ignorância pela luz da razão é o filósofo que ascende e se diviniza. Na Transfiguração, a saída corresponde ao mesmo esquema interpretativo de ascese e divinização do humano?

Para a delimitação da abordagem, buscaremos no tema da “conscientização” suas diferentes interpretações. Mesmo na obra de Paulo Freire, temos diferentes interpretações desta temática. Paulo Freire não elaborou uma reflexão a partir de mitos fundantes, mas trabalhamos concordando com aqueles que defendem que sua obra está inserida na visão social de mundo do cristianismo de libertação.

Acontece, que mesmo no cristianismo de libertação há leituras diferentes do processo de conscientização. Isso teria relação com um fundamento mítico-teológico, com um certo messianismo⁴, em que um agente externo atua com força e poder de transformar a ordem social e a ordem pessoal. Mas também tem uma tradição secular, com aspectos iluministas, em que uma vanguarda da classe, mais bem orientada que os demais, deve informar, modificar e conduzir a todos para o caminho em que, superando a alienação, transforma-se a sociedade e as pessoas.

A tradição iluminista é deformada pela ideologia positivista e isso afeta amplamente as maneiras de pensar no mundo moderno (COELHO, 2021). Desse modo, ter consciência é ter acesso ao verdadeiro, que se dá pela ciência. Se no iluminismo o acesso ao real e verdadeiro ainda é fortemente idealista, sendo a Filosofia a fonte da verdade que rompe a alienação, no positivismo temos o saber científico, supostamente axiologicamente neutro, com sua técnica impessoal que orienta o desenvolvimento da humanidade. Antes os filósofos, depois os cientistas, são modelos da função docente de ensinar aquilo que o povo deveria saber, mas não sabe.

⁴ Veja sobre isso: SUNG, 2005, em especial o capítulo 03.

Paulo Freire é uma das grandes referências na crítica desse modelo. Porém, nem sempre se desdobram consequências de sua crítica à educação bancária para todo o horizonte de plausibilidade da educação moderna. Em Paulo Freire, ter consciência não é um simples ato de acessar o saber científico, não é somente uso adequado da razão para iluminar a ignorância, mas uma mudança no processo de compreender a vida humana, a partir de seus modelos de humanidade. É relação racional e subjetiva.

Mesmo a Teologia da Libertação, enquanto forma de pensamento moderno, ainda, em muitas vezes, reproduz a marca do positivismo – em geral, de um “marxismo positivista”, como formulou Michael Löwy – que deseja levar ciência ao povo, que está alienado. É um uso do marxismo de certa forma que ainda é conhecido como uma das tendências do leninismo. Porém, é bem diferente do que propõe Paulo Freire, que procura recuperar o que o povo sabe e construir coletivamente o saber que lhe falta. O saber fundamental que estaria ausente seria justamente sobre a sua (1) humanidade – sua vocação ontológica a ser mais. Esse saber não modifica ontologicamente o ser humano, mas radicalmente desloca sua compreensão sobre esta vida. Não é uma falha de compreensão sobre (2) a realidade das coisas, mas uma falsa compreensão de sua dignidade frente a realidade das coisas. Desse modo, o problema central não é a alienação, mas o fetichismo.

Neste sentido, o mito da caverna mais atrapalha do que colabora na compreensão estrutural do horizonte de plausibilidade. É por isso que a passagem bíblica da Transfiguração pode colaborar a organizar melhor outra perspectiva, uma perspectiva divergente. Se o texto bíblico da Transfiguração pode ser entendido como uma crítica a certas interpretações do processo de libertação, que elementos caracterizam a transformação da consciência que acontece como resultado de libertação da práxis educativa?

A partir do Mito platônico em questão, na caverna, todos, sem distinção de condição social, econômica ou educativa, vivem a vida sob a escuridão. A tarefa de libertação pela razão é sair, ver a partir da luz. A finalidade é “ser como os deuses”. Trata-se de uma mudança ontológica na condição humana. Viver sob a matéria, é a morte e a vida que se vive nesta realidade é falsa, a vida verdadeira acontece após a libertação racional da alma. Libertar-se da caverna, no esforço de ascese, é um sofrimento, um sacrifício educativo, que conduz ao início da verdadeira vida. O uso da razão é uma transformação pessoal de âmbito divinizante.

Seria necessário modificar o eixo da compreensão, pois no platonismo, o problema do mal é a ignorância. Na tradição bíblica, ao menos sob a leitura do cristianismo de libertação e de sua Teologia da Libertação, constrói-se a possibilidade de o mal ser decorrente da injustiça.

A escuridão da caverna normalmente é associada à ignorância, ausência da luz da razão. A escuridão na Transfiguração poderia ser pensada como a experiência da injustiça. A luz da razão não transforma a ontologia pessoal que passa a ser divina, em um processo de superação ascética desta vida, mas indica um processo de descida e compromisso até as últimas consequências nesta vida. Não é divinizar-se para viver com os deuses, mas é fazer como Deus faz, tornando-se humano. É um processo de humanização.

1.1 A possibilidade do uso de textos simbólico-míticos para a reflexão de elementos do processo educacional

A possibilidade do uso de um instrumento de leitura dos textos a partir da construção simbólica e mítica, deve ampliar a reflexão proposta no texto, uma vez que o estudo do texto nessas perspectivas, levam em consideração a construção histórica, teológica e filosófica dos textos. O uso desse eixo reflexivo, pode nos possibilitar a compreender os elementos no qual nos pautaremos a compreender o processo educacional presente em ambos os textos.

Para tanto, pautaremos em analisar partindo do uso do Mito da Caverna de Platão que costumeiramente é um marco usado para elucidar o processo formativo, para dialogar diante da proposta educacional de Paulo Freire, com uso do texto do bíblico de Lucas sobre o relato bíblico da Transfiguração.

Ambos os textos propostos, o clássico Mito da Caverna e o relato bíblico da Transfiguração, dialogam com a cultura religiosa de seu tempo. De fato, antes da mentalidade moderna que se consolida a partir da Europa do século XVI, não há grande esforço pela distinção entre o que seria pedagógico, político, econômico e religioso, entre outros. Tanto o texto de Platão como o texto de Lucas estão imersos na cultura religiosa de seu tempo, o segundo ao movimento do cristianismo e o primeiro em sua relação com o Orfismo, uma tradição religiosa diferente da religião popular do ciclo mítico olímpico, ou seja, distinta do culto aos grandes deuses, mas de características iniciáticas.

Em ambos os textos, o Mito da caverna e Transfiguração procura-se a construção como alegoria que permite desvelar a sociedade. Os dois textos, construídos em mentalidade anteriores ao mundo moderno, articulam filosofia e teologia na concepção do processo formativo.

Em ambos os diálogos podemos captar o processo formativo e até mesmo uma mudança na condição antropológica do Ser, que tomado consciência se liberta em seu processo, segundo Platão, das limitações corporais para atingir os mundos das ideias e na passagem do Evangelho que veremos a seguir, como libertação para práxis na vida em sociedade.

Os elementos que constituem o mito da caverna a um dos ritos presentes na religiosidade órfica, como a caverna, o aprisionamento da realidade e o movimento de libertação, para ser como os deuses, sair da caverna, apresentam um movimento de purificação.

Por outro lado, a passagem bíblica da Transfiguração (Lc 9, 28-37), que pode ser compreendida como expressão a questão da tomada de consciência de Jesus e dos discípulos, e sua caminhada para Jerusalém onde o Reino deveria se cumprir em plenitude com o *exodus* de Jesus em Jerusalém, tem outros elementos. Há um processo de subida e descida do monte, que é permeada de diversos símbolos, como a face que fica diferente, suas vestes brancas fulgurantes, a visão de Moisés e Elias, que indicam o entendimento que deveria partir à Jerusalém, lugar da revelação para transformação mundo.

Estes textos nos possibilitam um diferente olhar sobre o processo formativo do ser em sociedade, em que na transfiguração, o sujeito ascende à montanha possibilitando ser um Ser-mais e a partir disso desce para práxis da libertação.

O texto da Transfiguração está no Evangelho escrito no primeiro século da era cristã, que tem como provável autor Lucas. Ele teria sido influenciado por uma teologia paulina, pois considera-se que acompanhou Paulo em suas viagens, sendo mesmo citado pelo apóstolo.

Na leitura do texto, podemos analisar uma construção ético didática dos passos de Jesus, ao modo que cada comunidade expressou sua visão sobre seus atos. Seguindo os passos deste Evangelho, veremos uma construção educacional a partir de símbolos e metáforas que buscam anunciar a sua mensagem de uma maneira que seja acolhida e compreendida pelos mais diversos povos. O processo de consciência é a ferramenta crucial para a ação libertadora da humanidade, que é a construção de um Reino de Justiça e Paz.

Para discutir a diferença entre as possíveis maneiras de compreender a ideia de conscientização, utilizamos como referência a obra de Paulo Freire, educador brasileiro, que compreende o processo educacional enquanto um processo transformador da realidade em uma relação do eu com o outro e não de maneira individual. Segundo a leitura de Freire, em especial no livro “Pedagogia do Oprimido” (1972), o ser humano deve ser visto como vocacionado ontologicamente a ser-mais, como um ser em relação com o mundo. A educação é um processo de transformação deste ser, em suas percepções e sensibilidades em contínuo processo de conscientização. Porém, o que significa esta transformação da consciência?

Como Paulo Freire é um dos maiores nomes da educação mundial e, ainda, somando-se o fato da ampla produção acadêmica em torno de seu trabalho, por ocasião de seu centenário, podemos encontrar diferentes maneiras de se aproximar de seus conceitos e categorias. Mesmo em nosso recorte delimitador, podemos indicar pesquisas científicas que relacionam Freire à concepção grega platônica e, também, trabalhos que o relacionam a passagens bíblicas, como o texto dos Evangelhos.

Como exemplo, Celina Lessa Nazário, na dissertação de mestrado orientada por Urbano Zilles na PUC-RS, intitulada “Diálogo: mestre e discípulo; Uma leitura teológica da pedagogia do oprimido de Paulo Freire” (2011) desta tal observação sobre o processo educador presente na relação entre a leitura do mesmo evangelista Lucas e as perspectivas educacionais freirianas, também já foi discutida, na perspectiva teológica e pedagógica da passagem de Emaús (Lc 24, 13-35). Em seu texto a autora aponta que:

A educação libertadora, na visão de Paulo Freire, dá a ideia de construção de mulheres e homens novos, com o compromisso de realizar a vocação ontológica de cada ser humano em *ser mais*. Propõe a educação na educação dialógica. Podemos dizer que pensar a liberdade e a humanização é buscar o seu contraditório: a opressão. A práxis da libertação é uma tarefa de superação, que mantém certa coerência radical na relação entre teoria e prática (2011, p.31).

Da mesma forma, a dissertação de mestrado de Marcelo de O. Maia, orientada por Ferdinand Röhr na UFPE, intitulada “Sócrates e Paulo Freire: aproximações e distanciamento” (2008), faz o esforço intelectual de comparar o pensamento grego de Sócrates, ao qual, em grande parte, temos acesso por Platão, com a pedagogia de Freire. Neste diálogo, destacamos o tema da antropologia e da finalidade da educação. Maia apresenta a concepção antropológica grega platônica, a partir da pergunta sobre o que é a realização humana, como um processo de aperfeiçoamento da alma em distanciamento

da realidade do mundo sensível. Em sintonia, temos a compreensão da educação como processo de ascese pessoal em direção a verdade.

Estes dois elementos são importantes para pensar a diferença das compreensões propostas neste estudo. De certa forma, se buscarmos um esquema geral mais abstrato, há profundas semelhanças entre a concepção platônica e a freiriana, na valorização do conhecimento, na ideia geral da maiêutica como processo e a noção de que a consciência muda o ser humano. Porém, o autor também apresenta distanciamentos.

Compartilhamos esses movimentos com esses trabalhos já apresentados. Continuamos o desafio ao procurar comparar ambas as compreensões, do texto platônico e do texto de Lucas, não mais com a obra de Paulo Freire, mas tendo suas categorias como ponto de comparação e discernimento.

Adentrando a pesquisa para fundamentação de nossa perspectiva, percebemos a contribuição de Marc Girard e Enrique Dussel que, indiretamente dialogam entre si sobre a força do símbolo e o uso da metáfora como meio de explicar e desenvolver um mito. Ou seja, a expressão mito será utilizada não em seu sentido concedido pela Modernidade no Iluminismo, como algo falso ou ilusório, mas como forma de expressar um valor, uma narrativa simbólica coerente. Neste sentido, o texto bíblico como linguagem mítico-religiosa não necessariamente deve ser lido de forma literal, mas construtiva, a partir do que pode significar.

Dussel (2016) discute os desafios do uso do texto bíblico na reflexão filosófica. Ele parte da constatação de que os mitos gregos são considerados esquemas simbólicos aceitáveis, mas os textos bíblicos são vistos com desconfiança no meio acadêmico. Analisando a metáfora presente na hermenêutica teológica na narrativa simbólica bíblica, propõe-se um esquema do diálogo a luz filosófica e teológica ao qual incorporamos neste estudo: O texto é uma narrativa simbólica que pode receber uma interpretação filosófica que possibilita: (a) uma Teologia filosófica para comunidade filosófica e (b) teologia política para comunidade política (DUSSEL, 2016, p.12). Dussel, chama atenção a possibilidade ampla de leitura a partir da contextualização da narrativa bíblica e sua devida problematização a partir da busca de categorias implícitas no texto como a contextualização histórica de sua escrita, permitindo novas concepções e análises.

Considerando o livro de Dussel intitulado “Paulo de Tarso na filosofia atual e outros ensaios” (2016) como quadro referencial teórico e metodológico para a abordagem do texto bíblico na reflexão filosófica, procuraremos pensar o Evangelho de Lucas em um processo de construção educacional e as implicações a comunidade atual, enraizadas

em uma interpretação cada vez mais próxima da realidade como na tradição gestada por Carlos Mesters (1996).

Acompanhamos, também, as categorias de René Girard para a leitura dos textos mítico-religiosos, a partir das quais a Filosofia pode desprender interpretações sociais. Entre elas, a compreensão de que os evangelhos apresentam linguagem mítica que precisa ser decifrada em seu simbolismo. No entanto, o antropólogo francês propõe que a chave de leitura dos mitos gregos e dos mitos evangélicos seria diferente, em especial, por sua relação com a ocultação da violência e do mecanismo sacrificial. Não vamos aprofundar esta teoria que exigiria maior estudo por sua complexidade, mas indicamos que a chave de leitura geral a partir da qual desenvolvemos a comparação do Mito da Caverna e da passagem bíblica da Transfiguração é de compartilhar a linguagem narrativa simbólica, mas a partir de escolhas fundamentalmente diferentes na relação com a violência vitimatória das relações sociais. É bem verdade que, levar o conceito de mito de René Girard a suas consequências, permitiria uma leitura sobre o papel sacrificial do professor a partir da imagem do filósofo que retorna à caverna e é tornado bode expiatório da violência coletiva. No entanto, os horizontes de nossa proposta apontam em outra perspectiva bem mais delimitada.

Girard propõe a análise dos textos do evangelho como de qualquer outro texto de linguagem simbólico-mítico, do qual não se pode esperar que discuta mais do que seu o universo permite (GIRARD, 2004, p.240).

O símbolo oferece uma ordem de sentido para a compreensão da vida. Diríamos que permite formar imagens de plausibilidade, a partir das quais operam a razão. Neste ponto, nossa pesquisa colabora nos estudos sobre os marcos categoriais e as concepções de educação, como a que Coelho (2020) vem desenvolvendo. As imagens de plausibilidade correspondem a articulação de diversos elementos distintos que, reunidos, dentro de uma determinada ordem de sentido, formam uma “constelação”.

A metáfora clássica da constelação é muito instigante, uma vez que o termo, vindo da Astronomia para a Filosofia, remete a uma associação de estrelas que, com total certeza não tem relação de proximidade, mas que a partir de um ponto de vista determinado, podem ser organizadas como configurando um desenho mítico. Os exemplos podem ser a chamadas constelações de Órion, Pegasus, Áquila ou Andrômeda. Além de permitirem um tipo de compreensão da realidade celeste, tornam-se ponto de orientação e geram interpretações na vida na Terra. Do ponto de vista filosófico, uma “constelação” ajuda a

constituir um marco categorial de interpretação e de plausibilidade das ideias socialmente construídas.

Nesta pesquisa especificamente, vamos observar diversos elementos, como a dimensão da subida, a iluminação, a ascense, a descida, a transformação pessoal, entre outros. Cada um, em sua narrativa simbólica, é compreendido ao seu modo.

1.2 A leitura do mito da caverna como referencial educacional

O Mito da caverna, na verdade é um pequeno trecho de um dos textos do filósofo grego Platão (Atenas 428/ 427 a.C – 348/347 a.C). Escrito por volta da década de setenta do séc. IV a.C., está situado no capítulo VII do livro “A República”. O texto não se dedica a uma reflexão educacional, mas discute a melhor maneira de se organizar a vida política. Segundo Reale (2017), seria o texto mais revolucionário do mundo antigo e que costumeiramente é um marco usado para elucidar o processo formativo, político e ético. Pode não ser necessariamente um texto revolucionário em seu sentido atual, porém, sem dúvidas se trata de uma alegoria que foi reproduzida ao longo dos séculos.⁵

A passagem que constitui o Mito da caverna deriva de uma tradição órfica, sendo que no contexto de Platão, muito provavelmente havia um rito de iniciação órfico que representava a libertação do iniciado do fundo de uma caverna. O rito em si presente no mito é um processo desta religiosidade, que buscava trazer a estes um processo de purificação completa e definitiva. Diferente da religião pública do culto aos deuses do ciclo mítico olímpico, o orfismo constituía uma religião de mistérios e de iniciação. Platão em sua leitura alinha este processo de iluminação, ao ser filósofo é a busca de ser como os deuses, alcançando o pleno bem. A atitude de Platão frente o orfismo é dúbia, uma vez que os trata, em geral, com pouca reverência (STONE, 1988), porém, utiliza de suas passagens e fórmulas em mais de um texto, como na passagem em que discute quem são os verdadeiros filósofos, no livro Fédon.

No orfismo, nos deparamos com o culto a imagem de Dioniso, marcada em sua origem por volta do séc. VII e VI antes da era Cristã. Entre muitas versões e interpretações dos contos, destacamos alguns aspectos que diretamente dialogam com nosso tema

O culto de Dioniso teria origem na fusão do culto de dois outros deuses: Zegreus, uma divindade Cretense e a do deus grego Dioniso. A história conta que Zegreus era filho

⁵ Na virada do século, o filme “Matrix”, produto da indústria cultural norte-americana, colaborou para popularizar as reflexões que normalmente são atribuídas ao relato platônico.

de Zeus e foi devorado pelos titãs, seu pai tomado de fúria, aniquilou os titãs com seus raios e das cinzas nasceram os homens e por esse motivo, contém uma dualidade, entre o bem dos deuses e o mau dos titãs.

Dioniso seria filho de Júpiter e de Semele, princesa de Tebas. Juno para se vingar de da traição de Júpiter, teria enganado a princesa e a Júpiter, que em meio a raios e trovões viu o seu palácio ser incendiado. Dioniso foi salvo por Vulcano que entregou a segurança para Júpiter, que teria escondido em sua coxa até seu nascimento, o protegendo da ira de Juno (SILVEIRA, 2018).

Segundo a tradição apresenta, que Dioniso teria então crescido e conquistado diversos locais, como o Egito, local onde teria ensinado a agricultura e arte da extração mel, introduzindo o cultivo da vinha o que leva ser adorado como deus do vinho. Com o tempo, o culto a Dioniso foi cada vez mais se voltando a tragédia grega, na concepção do teatro, tendo o uso de máscaras, orgias, frenesis coletivos em seus ritos, como uma libertação dos processos vividos em seu tempo.

Na tragédia grega, o teatro representa um olhar ao sistema político de seu tempo, aristocrática. As críticas reveladas por trás das máscaras nos teatros protegiam ao ator e romper com limites de fala entre aristocratas e o povo, despertando uma relação no imaginário popular de uma relação entre deuses e o povo. O culto a Dioniso acaba sendo crescente no campo e meios populares, como forma de oposição a um rito olimpiano, ou seja, um culto oficial aos deuses do Olimpo.

Mais uma vez vemos a presença de uma dualidade, que não está apenas no mito de Dioniso, no que concebe a formação do ser humano, mas a dualidade presente entre a vida e a morte, não apenas presente na condição humana, mas na natureza, assim como a prática da justiça e a injustiça diante das políticas de seu tempo, ou até mesmo, uma chamada visão apolínica, ligada ao Deus Apolo, que remeteria a organização, o Belo, o perfeito que representa os deuses do Olimpo e dionisíaco, ligado a desordem, ao caos vivido pela humanidade.

Quando Platão se volta aos elementos do orfismo, ele está buscando debater a partir de um elemento vivido pelo povo em seu tempo contém uma verdade a ser esclarecida, pelo Logos, ou seja, a Razão, diante da limitação do Mito.

Orfismo assim, via influenciar diretamente a concepção dualista de espírito e matéria, alma e corpo, que se perpetua através do Pitagorismo (SILVEIRA, 2018) e depois com o Platonismo, em seu processo dialético e conseqüentemente, influenciará no cristianismo (SILVEIRA, 2018). Percebemos que essa doutrina dualista, não surge em

Platão, a anamnese, teve sua origem doutrinária além do processo maiêutico de Sócrates, alinhando as influências órfico-pitagóricas⁶,

A doutrina da anamnese se apresenta, assim, além do corolário da doutrina da metempsicose órfico-pitagórica, também como justificação e verdade da própria possibilidade da maiêutica socrática. (REALE, 2017, p.145).

Platão destaca a dialética no esclarecimento e conhecimento. A dialética consiste em um processo de desvelamento da verdade que está presente em todo ser humano. Aqui apontamos a forte inspiração da maiêutica socrática, que consiste em recordar presente na alma, do ser. Processo dialético, que também pautamos o processo educacional proposto por Freire, mas consiste, em um diálogo entre o ser sua realidade.

O processo, assim em Platão, de conhecimento é chamado de “anamnese”, uma forma de lembrança presente na alma, através do processo de renascimento e constante purificação existente na vida humana e seu eterno retorno até o pleno esclarecimento da verdade.

Quando falamos de renascimento, temos que compreender que Platão como dito utiliza, de um diálogo da prática religiosa de seu tempo. Em sua Obra, O Menon, ele aponta o caráter mítico-religioso no debate a influência das questões órfico-pitagóricas fica claras,

E visto, portanto, que, portanto, a alma é imortal e renasceu várias vezes, e dado que viu todas as coisas, tanto deste mundo como as do Hades, nada há que não tenha aprendido; de sorte que não é coisa surpreendente que seja capaz de recordar-se acerca da virtude e das outras coisas que também anteriormente sabia. (PLATÃO, apud REALE, 2017, p.144).

Segundo o pensador Grego, a filosofia é um processo dialético que deve buscar a verdade e para isso, o verdadeiro filósofo é que aquele que se deixa iluminar diante da verdade, deixando de lado suas vaidades e paixões. O filósofo não pode apenas considerar como absoluto a realidade material, mas também uma realidade suprassensível, colocando um pensamento em diálogo com o divino.

Quando Platão, nos aponta um diálogo com o mito órfico, também se fundamentando no pensamento pitagórico primitivo, vemos a presença de um dualismo que irá ser representado no mito e no processo de esclarecimento, necessário para o homem transcender as amarras de seu tempo e ser livre. O filósofo italiano Giovane Reale, em seu livro “Filosofia; Antiguidade e Idade Média” (2017), constrói uma análise

⁶ Cf. REALE, Giovanni; Filosofia: Antiguidade e Idade Média; São Paulo, Paulus, 2017, p. 145.

no qual, nos apresenta que o filósofo grego faz em certo sentido, uma “teologia platônica” (2017).

No divino nos deparamos com o mundo Ideal, a ideia do Bem consiste em um alinhamento com o Belo, que não pode ser retratado plenamente no mundo material/físico. Existe uma concepção divina, é um Ente impessoal e não um deus pessoal, ou deuses que moldam um modo de ser.

O mito órfico acaba por ser um instrumento que auxilia no desvelamento desta compreensão apresentada por Platão, pois, mesmo com as devidas ressalvas ao uso da mitologia como processo de aprendizado, o autor entende, que esta leitura acaba por auxiliar a compreender aquilo que nossa mente, não mais alcança.

Como apresentado, Platão entende que existe um processo de dialética necessária para o desvelamento desta verdade que já está no homem e que este não consegue acessar. Um ponto a se refletir é que mesmo no mito de Dioniso, percebemos, a construção de uma limitação no homem, com os restos dos titãs, ou seja a maldade, que forma o ser humano, algo similar ao pecado original presente no cristianismo, no mito da criação.

Em ambos os casos, o mau, limita o homem a ser como deus, no mau conta a fonte do orgulho e das vaidades que não o deixam conhecer plenamente a verdadeira luz e que o leva ficar apegado a materialidade da vida e não a imortalidade da alma. (SILVEIRA, 2018).

O conhecimento em Platão, assim, é um processo de autoconhecimento do homem, para se purificar das impurezas matérias que limitam sua compreensão do mundo. Esse processo de purificação é o caminho necessário para o verdadeiro filósofo que vai se libertar das ambições do corpo, para compreender a verdade em sua alma.

No Fédon, Platão vai explicar que as Ideias são realidades absolutas que mediante a anamnese se impõem como objetos da mente (REALE, 2017). A dialética é o processo que leva o homem a conhecer a alma e como consequência compreender a verdade, contudo, existe um processo de o que é o conhecimento.

A verdade se revela no mundo das Ideias, e para realizarmos esse processo devemos nos libertar de uma escuridão que nos assombra, ou seja, dos vários tipos de conhecimento, que podemos achar ser a verdade. Estes conhecimentos Platão, nos apresenta no livro “A República”: A *Doxa* corresponde ao âmbito da opinião em que podemos ter, em um aspecto a *eikasia*, como conjectura (conhecimento por imagens) ou em outro aspecto a *Pistis*, como crença. Depois a *Diánoia*, como o raciocínio (conhecimento matemático) e

no âmbito superior a *Noésis*, inteligência intuitiva (verdadeira ciência ou episteme) (SILVEIRA, 2018).

Segundo o Platão, somente o verdadeiro filósofo alcança a *noésis* e a suprema ciência (REALE, 2017). Ser filósofo, é ser dialético necessariamente, pois segundo Platão, esse é único caminho para a libertação e do processo pleno para o conhecimento.

De acordo com Silveira, os homens passam por diversos tipos de conhecimento e buscam compreender devidamente a sua realidade, contudo, não são todos que chegam ao plano de conhecimento da verdade e muitas vezes permanecem estagnados na *doxa*, compreendendo a sua realidade e emitindo uma opinião sobre a ela. Contudo a *doxa*, não é capaz de libertar a humanidade de sua ignorância, ela deve se libertar desse processo, que pode a aprisionar.

O princípio trabalhado no Fédon é que o filósofo deve se desvincular das aparências do mundo, e dos conhecimentos retóricos, caminhando em processo de purificação da alma e da realidade, contrapondo aquilo que se apresenta e buscando compreender a natureza das coisas.

No Fédon, a sabedoria do filósofo se faz na afirmação que filosofar é se preparar para morrer (SILVEIRA, 2018), em que as necessidades, e ilusões do mundo não mais fazem sentido ao corpo e a vida daquele que pensa a realidade como um todo. Visado compreender a atitude de Sócrates em sua condenação à morte e aceitação da mesma, percebe-se que a verdade revelada em processo de purificação, liberta o homem da prisão feita pela ilusão da vida.

A morte é um episódio que ontologicamente diz respeito unicamente ao corpo; ela não só prejudica a alma, mas lhe traz grande benefício, permitindo-lhe viver a vida mais verdadeira, vida totalmente recolhida em si mesma, sem obstáculos e véus, e totalmente associada ao inteligível [...] o filósofo é aquele que deseja a verdadeira vida, da vida na pura dimensão do espírito. A ‘fuga do corpo’ é o reencontro do espírito (REALE, 2017, p.155).

No livro “A República” nos deparamos com a concepção do mito da caverna, que Platão inspirado nos rituais de libertação e purificação do orfismo, alinha o processo de libertação do conhecimento ao processo de libertação da ignorância e dos prazeres sensitivos ao corpo, tomando um novo estado de consciência sobre a realidade. Ponto que, na leitura do mito da transfiguração em Lucas sobre a ótica de Freire, essa consciência tem uma relação com a tomada de postura frente a realidade, o que acarreta em um confronto revolucionário.

Platão descreve um processo em que o conhecimento desenvolve-se como despertar para uma consciência diante de uma realidade ilusória e que tudo que você vê e sabe, primariamente, remete ao campo de um saber limitado, da *doxa*, mesmo que o homem se ache livre, na verdade ele vive e é conduzido por experiências sensíveis que ele não compreende.

Como dito no Fédon, somente o filósofo, vai conseguir de fato realizar essa transição segundo Platão, o que vai limitar assim, o processo de libertação para um grupo que desperta diante desta falsa realidade, que conduz suas vidas e o limita a uma existência a sombra da verdadeira realidade, que está no mundo das Ideias.

Esse processo é de uma escalada progressiva de sair da caverna para se libertar da ignorância e ascender ao conhecimento, tanto na República, quanto no Fédon, é necessário esse processo de se libertar dos grilhões que o aprisionam no fundo caverna para uma libertação e assim, em um processo atingir o conhecimento.

O conhecimento aqui é a plena verdade, que só pode ser compreendida, na purificação da alma, que uma vez feita a progressiva subida, se eleva diante das demais, sendo por tanto, diferente e não mais voltando ao estágio de escuridão que se baseava sua vida.

Esse processo de libertação permeia o filósofo que segundo Platão, na cidade perfeita deve reger o andamento do povo e sua vida diante dos problemas do Estado que é em si, uma extensão da vida humana (REALE, 2017) O filósofo é um político em si e deve gerar as classes presentes na cidade e seu equilíbrio de atuação: Os camponeses (artesãos, comerciantes); dos guardas e governantes.

A cidade perfeita só deve acontecer em um processo perfeito, diante das realidades e aplicações de cada classe, que deve ter cada qual elementos próprios em sua busca e necessidades, assim como uma ampla abertura a todos os conhecimentos. Seria como pensar, que cada qual, segundo a sua busca e equilíbrio da cidade perfeita, deve ter um caminho traçado para despertar de dentro da caverna.

Nesse despertar da caverna, apenas o filósofo, faz a caminhada para ascender a uma realidade não mais permeada pela escuridão, mas pela luz que irradia de fora. Luz que gera as sombras, ou as impressões dentro da caverna e que moldam o pensar e agir de todos os que vivem presos aos grilhões. Ao filósofo, esse processo, o torna segundo Platão as ser como os deuses, pois ele deve conduzir, a partir do pleno Bem, sua vida e seu agir político diante dos demais.

Os elementos que constituem o mito da caverna são basicamente similares a um dos ritos de iniciação e purificação presentes na tradição órfica, como a caverna, o aprisionamento da realidade e o movimento de libertação, como podemos ver em um recorte do mito no livro “A República”, de Platão:

I. Sócrates - Agora, imaginas a maneira como segue o estado da nossa natureza, relativamente, à instrução e à ignorância. Imaginas homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que, não podem mexer-se, nem ver, senão, o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina, que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

Glauco - Estou vendo.

Sócrates - Imaginas agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

Glauco - Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

Sócrates - Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos, e dos seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

Glauco - Como? Se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

Sócrates - E com as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?

Glauco - Sem dúvida.

Sócrates - Portanto, se pudessem se comunicar, uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veem?

Glauco - É bem possível.

Sócrates - E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

Glauco - Sim, por Zeus!

Sócrates - Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade, senão, às sombras dos objetos fabricados.

Glauco - Assim terá de ser.

Sócrates - Consideras agora, o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente e a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento o impedirá de distinguir os objetos de que antes via, apenas, a sombra. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então, senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, obrigando-o, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que

as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras que os objetos que lhe mostram agora?

Glauco - Muito mais verdadeiras.

II. Sócrates - E, se o forçarem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Ele não desviará a vista, para voltar às coisas que pode fitar, e não acreditará que estas são, realmente, mais distintas do que as que se lhe mostram?

Glauco - Com toda a certeza.

Sócrates - E se o arrancarem à força da sua caverna, obrigarem-no a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?

Glauco - Não o conseguirá, pelo menos de início.

Sócrates - Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu que, durante o dia, o Sol e a sua luz.

Glauco - Sem dúvida.

Sócrates - Por fim, suponho que, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

Glauco - Necessariamente.

Sócrates - Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros, na caverna.

Glauco - É evidente que chegará a essa conclusão.

Sócrates - Ora, lembrando-se da sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que aí foram seus companheiros de cativo, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

Glauco - Sim, com certeza, Sócrates.

Sócrates - E, se então, distribuíssem honras e louvares, se tivessem recompensas para aquele que se apercebesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar, em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser um simples criado de charrua, a serviço de um pobre lavrador, a sofrer tudo no mundo, a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?

Glauco - Sou da tua opinião. Preferirá sofrer tudo a ter de viver dessa maneira.

Sócrates - Imaginas ainda, que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?

Glauco - Decerto que sim.

Sócrates - E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo

bastante longo, não fará que os outros rissem à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria se pudesse fazê-lo?

Glauco - Sem nenhuma dúvida.

III. Sócrates - Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás e comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior, e à contemplação dos seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha ideia, visto que, também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser apreendida e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública.

Glauco - Concordo com a tua opinião, até onde posso compreendê-la.” (PLATÃO, 2012, p 187).

O mito contado pela boca de Sócrates no livro a República, pois para Platão, o ser filósofo poderia ser entendido na pessoa deste pensador grego, que poderia apresentar os processos de libertação necessário, para sair da *doxa*, vivendo um movimento dialético, Sócrates assim é o modelo de filósofo apresentado no texto, que diante da condenação, compreende os processos vividos em sua vida para se libertar das necessidades, paixões humanas, para viver plenamente a verdade, o sumo Bem.

No mito contato, temos a representação de diversos símbolos que nos ajudam a compreender o processo de transformação do conhecimento na ótica do autor, e nesses aspectos pautaremos em compreender tais símbolos, que representam uma ideia que deve elucidar no ouvinte como compreender seu processo de libertação.

A caverna, representa o mundo em qual todos nós estamos inseridos, vivemos antes do conhecimento, em plena escuridão, o ser humano ali, não emite nenhuma luz, nem mesmo a caverna em si. A única Luz, vem de fora e aqueles que vivem dentro da caverna, estão aprisionados, contemplando as sombras que esta luz irradia dentro caverna. Essas sombras, são feitas por pessoas que estão fora da caverna, suas sombras e vozes ecoam a dentro, e aqueles que estão cativos, contemplam essa realidade que lhe é apresentada.

O ser na caverna, é aquele que está constituído em sua realidade preso em suas opiniões e inverdades e sua realidade é conduzida por aqueles que estão do outro lado, apresentando modelos de vida, forma de pensar. As sombras são emitidas de fora, ou seja,

o que compõe a construção do pensamento, não é própria pessoa, mas aquilo que lhe é imposto, apresentado e que muitas vezes é tido como verdade.

Esse modo, o ser preso na caverna está desprovido de total conhecimento real, ele apenas conhece, aquilo que lhe é dado, sendo um ser vazio, sem luz, um aluno, uma pessoa sem luz, que se entende assim, como o conhecimento, a verdade que se revela para o outro, vem de fora da realidade que estamos inseridos. Pelo uso, do termo aluno, aqui, já podemos aprofundar os aspectos de como mito da caverna serviu e serve, como um marco categorial até o presente momento para se pensar o processo educacional nos sistemas escolares, assim, como no processo formativo de estudante, afinal o discente é desprovido de experiências reais para sua transformação.

Essa Luz que irradia de fora, é a Ideia do Bem (REALE, 2017), ela é contemplação do divino que apresenta a plena verdade e que deve conduzir aquele que está aprisionado para fora do mundo das aparências que até então ele está inserido. Para ir até a luz, é necessária uma libertação dos grilhões (REALE, 2017), onde a pessoa, faz uma movimente de ascese, saindo de um lugar escuro, profundo, para comtemplar a luz, o conhecimento.

Essa saída sendo conduzida por alguém, é um processo difícil, mas necessário, para aquilo que vai se entender como filósofo. Somente o Filósofo consegue realizar plenamente esse processo e sair da escuridão, para então compreender os processos vividos, não sendo mais um ser em plena ignorância, mas agora, na luz, junto a verdade iria conduzir e construir seus pensamentos.

Importante notar que, a caverna, o local onde todos estão inseridos é mundo pleno em ilusão, aparências que não reproduzem a realidade e que deturbam o conhecimento. Visto como processo educacional, é possível dizer, que o processo de conhecimento no mito, consiste, no esvaziamento do ser no modo que ele vivia anteriormente, para um novo ser que se constrói e vai buscar aqueles que estão presos.

O filósofo assim, se torna como um modelo a ser seguido e que deve conduzir os demais para o conhecimento, pois os demais, não compreendem os processos que estão inseridos e são conduzidos, pelo egoísmo, paixões que o filósofo não mais o tem, pois superou. Por conta das paixões, o filósofo ao retornar a caverna, corre o risco de ser morto e também terá dificuldade de se adaptar e habituar novamente a escuridão.

Nesse processo é visível, o movimento de libertação como elevação, no qual, se adaptar a caverna é visto como um movimento de se rebaixar para tomar de novo as condições de realidade que aqueles ali vivem. O filósofo, uma vez que deixa as condições

que lhe aprisionava, não era mais como antes e as condições até então vividas deveriam ser deixadas de lado.

[...] o filósofo que usa a razão, a subida escarpada é a Ascensão Dialética pela qual passa-se do conhecimento, sensível para o inteligível, o sol que brilha fora da caverna é pleno do Bem, que está acima de todas as outras ideias iluminando o Mundo Inteligível. (SILVEIRA, 2018, p. 84).

O estar na caverna é importante como movimento de saída da ilusão e das mazelas apresentadas pela sociedade, tudo que até então o rodeou não deve ser compreendido em seu processo formativo, pois eram meras ilusões e paixões.

O processo dialético proposto por Platão, nos apresenta que o ser busca essa luz em processo anamnético, ou seja, todo o conhecimento pode ser extraído da pessoa, pois habita em sua alma e essa libertação, leva a pessoa a Luz anunciada no mito, ele deixa suas amarras existências para compreender sua vida em totalidade. Já a dialética em Freire, consiste em um processo educacional que move o ser para sua realidade, compreendendo onde está e quem ele é. Assim, o meio em que está inserido é parte fundamental e relevante em seu conhecimento, o que nos leva a compreender que segundo sua ótica, o ser jamais está em plena escuridão e ilusão pelas luzes tal como no mito platônico.

Isidor Stone, em sua pesquisa sobre Sócrates, aponta como elementos da doutrina do conhecimento registrada por Platão: O conhecimento da verdade, com *aletheia*, é uma virtude reservada a poucos, por ser dificilmente atingível em seu grau de definição absoluta (STONE, 1988, p.54). Portanto, o conhecimento é algo para uma minoria seleta, ou os “verdadeiros bacos” (Fédon). Este era um ponto de divergência com os sofistas, que defendiam que o conhecimento da verdade e a virtude poderia ser oferecida a todos, não importa sua condição, de bárbaro ou heleno.

O processo de alcançar a verdade é uma escalada em graus desde a *doxa* rumo à *episteme* através da abstração absoluta (STONE, 1988, p.64). Sem cair no ceticismo completo, Platão defendeu a possibilidade do conhecer através da Teoria das Formas, em que no mundo inteligível as ideias e formas universais estariam acessíveis. No entanto, o conhecimento virtuoso não estava associado ao agir correto, pois ser corajoso não fazia de um general alguém que conhece a coragem (como a provocação ao general no diálogo Laques). Esta concepção deriva do dualismo radical, no qual o ser humano é concebido como alma eterna e racional que sofreu a queda em um corpo material (DUSSEL, 2000, p.34). Por isso, o preceito de que o corpo (*soma*) é o cárcere (*sema*) da alma.

Neste dualismo antropológico grego, compartilhado por Platão, o aspecto do logos presente na alma deve dominar o corpo e suas dimensões, como o desejo e as emoções. A negação do valor do corpo, realidade material do mundo sensível, seria estendida na doutrina socrática a todas as dimensões da vida humana que se relacionam com a transformação da matéria. O único valor é atribuído às atividades da alma sobre si, como forma de *theoria* (*theos* = deus, divino). A alma, em sua atividade racional, expressa sua origem divina, repercutindo as doutrinas órficas sobre a centelha divina presente no humano.

A negação do mundo material decorrente deste dualismo foi tão radical que levou Sócrates a desprezar a atividade política, tão estimada na democracia ateniense, e também aos seus preconceitos contra as profissões práticas, que suporia um tipo de conhecimento de fracos e ignorantes (STONE, 1988, p.127). Essa perspectiva provocou a acusação de *kakegoria* (difamação, falar mal) contra o filósofo em seu julgamento.

Essa concepção de conhecimento, coerente com sua antropologia dualista, promove uma concepção de vida em sociedade em que ao que busca sabedoria é melhor se abster da participação social (STONE, 1988, p.111). Ainda, desenvolve um ideal de vida em que a ascensão, pela ascética, é o processo pela qual a alma se distancia cada vez mais do corpo e da vida material em vista da contemplação das verdades absolutas (DUSSEL, 2000, p.35). Da mesma forma como no Mito da Caverna, no Fédon, o ser humano, preso na caverna do corpo material, precisa de um esforço para no exercício racional, levar a alma a contemplar a *theoria*. Há o dualismo do corpo e da alma, mas também entre os sábios e os ignorantes, entre um modo de vida e outro (DUSSEL, 1975). A ascese supõe gradativa transformação daquilo que a pessoa era em um novo estado de ser, no movimento de saída (da caverna ou do corpo). O verdadeiro processo formativo é a negação da condição corporal humana em vista de sua aproximação com a realidade dos deuses (mundo inteligível). Tal como afirmou Allan Coelho,

Sócrates, como modelo de filósofo e de educador, tem na condenação à morte, uma síntese. Em Platão, o processo educativo confunde-se com a vocação da alma a se libertar do corpo. O verdadeiro processo formativo é o filosofar, que, ao mesmo tempo, é uma transformação profunda no modo de viver esta vida que impacta sobre toda a existência eterna. Supõe o esforço de libertação dos grilhões, da superação do muro que separa a verdadeira realidade das aparências, ser obrigado a subir um caminho íngreme e olhar a luz que ofusca, experimentar a dor da ascensão da alma da *doxa* para a *episteme*. A verdade é ofuscante e por isso confunde quem a conhece. Mas, produz um rápido acréscimo de saber que modifica radicalmente (converte) a compreensão da vida (COELHO, 2020, p.03).

É neste sentido que Pierre Hadot (2019) associa o processo educativo em Platão com exercícios espirituais⁷. É também nesta perspectiva que muitos autores associam tal concepção com o cristianismo, por privilegiar o diálogo com o cristianismo sob influência do platonismo, em especial depois de Agostinho de Hipona. Nossa interpretação de diferenciação das concepções gregas e cristãs, acompanhando Enrique Dussel (2000), parece coerente com a compreensão do cristianismo da libertação.

Entretanto, considerando uma certa concepção do cristianismo que dialoga com as categorias platônicas e seu asceticismo, é muito comum aproximações entre os elementos platônicos e mesmo a teoria de Paulo Freire. Como exemplo, podemos apontar que o pesquisador e professor Jaime José Zitkoski, em seu verbete sobre Platão na obra “Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica” (2019), aponta como aspectos de aproximação entre Freire e Platão a dimensão da dialética como diálogo e a produção de conhecimento dialogado (ZITKOSKI, 2019, p.322).

Ainda, entre os filósofos da educação que atuam no Brasil, o professor Walter Kohan (2019) acrescenta à dimensão da dialética como diálogo, o aspecto da maiêutica socrática enquanto arte de fazer dar à luz ao saber. Desse modo, teríamos pontos de convergência e similaridade entre as concepções grega platônica e freiriana. Porém, de maneira mais importante estruturalmente na construção do pensamento freiriano, Kohan aponta o conflito das categorias de Freire com a ascética cristã, com metafísica das almas, desenvolvida após Agostinho. Esta diferença parece mais importante do que as semelhanças, pois esta crítica é parte integrante da interpretação bíblica do cristianismo de libertação.

1.3 A leitura da Transfiguração em Lucas, como possibilidade de uma educação consciente e libertadora.

O texto de Lucas no qual nos pautamos em dialogar com o texto de Platão, busca apresentar o movimento de Jesus e seus discípulos no caminho a Jerusalém. Momento no qual, o evangelista Lucas, nos apresenta o movimento de transfiguração que ocorre no alto do monte, como podemos ver no relato a seguir,

28. Passados uns oito dias, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar. 29. Enquanto orava, seu rosto ficou diferente e as suas vestes branca e fulgurante.

⁷ Brandão (1986) e Pajares (2016) desenvolvem as similaridades entre os rituais de iniciação órficos e a teoria do conhecer no Fédon.

30. E eis que falavam com ele dois homens: eram Moisés e Elias, 31.que apareceram envoltos em glória, e falavam do êxodo de Jesus, que se havia de cumprir em Jerusalém

32. Ora, Pedro e seus companheiros eram oprimidos pelo sono; mas ficando acordados, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam de pé junto dele. 33. E aconteceu que, quando eles se separaram de Jesus, Pedro disse: “Mestre, é bom estarmos aqui. Podemos levantar três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias!...”. Ele não sabia o que dizia.

34.Mas, enquanto ainda assim falava, veio uma nuvem e os envolvia, então temeram ao entrarem na nuvem. 35.Então, da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho escolhido; ouvi-o!”

36. Quando veio a voz Jesus se achava sozinho. Eles guardaram silêncio e, naqueles dias, não contaram a ninguém o que tinham visto. 37. E aconteceu que, no dia seguinte, enquanto eles desciam do monte, uma grande multidão veio ao encontro dele. (Evangelho e Atos dos Apóstolos – novíssima tradução, 2013).

O texto é escrito em grego e também conhecido como um evangelho para os excluídos da comunidade judaica ou mesmo aos gregos e outros povos e sem dúvida com uma devida atenção a realidade histórica da comunidade (GEORGE, 1986).

O autor ou os autores em um processo de construção educacional, no início do evangelho, já situa o leitor do local histórico⁸ que os fatos acontecem, nos apresentando já em um primeiro instante sua realidade e cultura. Assim como adiante apresenta nos atos de Jesus uma leitura da passagem do livro de Isaias, dentro de uma sinagoga e que crava o anúncio do Reino como movimento de libertação,

18 O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, 19 e para proclamar o ano aceitável do Senhor. (Lc 4, 18-19).

Com isso, tomamos que este livro toma, como consciência da comunidade, uma marca de ação frente às exclusões que ocorriam em seu tempo, mas que ainda ocorrem em nossos dias. Jesus, ao fazer a leitura de Isaias, segundo Lucas, mostra que o tempo da Graça se iniciou, e que a espera por justiça e paz finalmente acabou. O Reino se inicia agora, pela transformação, que se inicia com a consciência da comunidade, que toma sua ação para a prática diária, eis a saída (*exodus*) de Lc 9, 31.⁹

Esta “saída” é, ao mesmo tempo, a morte de Jesus e seu arrebatamento na glória; o termo (“saída”), pode também evocar a obra de Moisés

⁸ “E aconteceu que, naqueles dias, saiu um edito da parte de César Augusto, para que fosse recenseado todo o Império. Este primeiro recenseamento aconteceu quando Quirino era governador da Síria.” Lc 2, 1-2

⁹ “Que apareceram gloriosos e comentavam o êxodo que iria se consumir em Jerusalém.”

levando Israel para liberdade e para a sua terra, e definir sua missão de Jesus junto a seu povo (GEORGE, 1982, p. 32).

Esta passagem é seguida pela leitura e entendimento da passagem da transfiguração, onde Jesus, ao subir a montanha, se depara com Moisés e Elias, os dois grandes profetas do Antigo Testamento, que remetem a um diálogo entre Deus e homem, em momentos cruciais, de mudança e necessária transformação a vida do povo, diante da libertação da escravidão com Moisés (Ex 3, 7-8) e da idolatria que permeava os reinos de Israel e Judá (1Rs 17, 1).

Os discípulos Pedro, João e Tiago, ao subir junto com Jesus e perceber, convidam a Jesus, para a construção de uma tenda, que significaria permanecer ali em estado de glória. Porém, o despertar do mistério revelado a Jesus, justamente, o chamava ao movimento contrário, o de descer a montanha e ir a Jerusalém, onde aconteceria de fato o processo transformador ao qual todos estavam convidados a fazer parte nessa passagem.

Tomar o caminho (*οδος*) de descer consiste em um movimento consciente que exige de nós um compromisso para o trabalho de uma sociedade mais justa, Lucas, nos mostra que este ir, pode ser levado às últimas consequências, como a morte, mas que também pode ser lida como libertação, mediante as injustiças presentes no nosso mundo. Não há maior comprometimento do que, ao tomar ciência do meio que vive, assumir isso com sua vida.

O processo de conscientização ocorre no caminho até Jerusalém, na estrada, em meio as diversas percepções do mundo que está em nossa volta, junto aos demais e não de maneira isolada em processo de ascensão social. A educação conscientizada é um processo de diálogo com a realidade que se coloca em transformação.

A conscientização, compreendida como processo de cretinização da relações consciência-mundo, é condição para assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social. No processo de conhecimento, o homem ou a mulher tendem a se comprometer com a realidade, sendo esta uma possibilidade que está relacionada à práxis humana (MORETTI et al., 2008, p.99).

O epicentro é Jerusalém, mas não é o objeto de transformação, mas sim os indivíduos e suas realidades, seu contexto-histórico. O caminho, não estranho ao pensar teológico semita, enquanto diálogo no processo de transformação está presente em outras passagens como a Libertação do Egito, anunciada em Ex, 3,10 no diálogo entre Deus (*Yahweh, יהוה*) e Moisés e o caminho no deserto vivido pelo povo até chegar a terra prometida em Ex 3, 8. Também é possível vermos a menção do caminho como processo

de conhecimento da verdade e transformação em uma vida nova, como apresenta na passagem de outro evangelista, em João, 14, 6 “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Posto as devidas considerações a passagem do evangelho, ao nos propormos a olhar junto ao mito da caverna é de justamente buscar a possibilidade de analisar elementos que nos permite compreender ambas as perspectivas educacionais, tal como a imagem do ser humano no vazio dentro da caverna em Platão sem luz e na imagem no mito da transfiguração o ser humano que ascende a iluminação e retorna para sua caminhada e anúncio e prática.

O ser humano na passagem do evangelho não está fora da luz e a dinâmica é diferente da platônica em ascensão, o despertar do conhecimento revelam a autonomia do sujeito de subir o monte e também o compromisso de dialogar com a práxis de sua realidade. Nos vale uma atenta leitura da pedagogia do oprimido de Paulo Freire, ao qual ressalta o valor ontológico do oprimido, enquanto ser-mais que se liberta em comunidade,

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de Ser Mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem. Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática (FREIRE, 1987, p.33).

Estas reflexões podem auxiliar no campo educacional e como a alegoria presente no evangelho pode também em outro olhar do processo formativo vislumbrado e interpretado ao dialogarmos com a prática cristã na América latina buscando ampliar o sentido de sua leitura diante da realidade. Assim pode ser fundamental para esse estudo aqui a proposta da retomada do mito cristão como aprofundamento do entendimento de humanidade.

Devemos perceber essa proposta como um elemento que contribui para o entendimento do ser em sua profundidade. Assim retomamos a leitura da transfiguração, junto a pedagogia freiriana como uma possibilidade de diálogo diante das estruturas mercadológicas que estão conduzindo as relações de entendimento social

Uma das possibilidades, mas não única de apontarmos tal entendimento proposto, caminha pelo cristianismo da libertação que busca uma nova leitura eclesial e social a partir da década de sessenta, para assim poder oferecer ao povo oprimido, por ditaduras que assolavam as terras latino-americanas uma resposta a sua vida cotidiana. Esta luz

teológica e filosófica chamou uma igreja em diálogo com sua realidade e que buscou assemelhar a imagem de Jesus, ao do pobre trabalhador. Mostrando que os direitos apresentados por Jesus de Nazaré, não se privavam aos ricos e mais favorecidos, mas deve ser levado preferencialmente como nos apresenta o evangelho aos pobres e oprimidos.

A perspectiva educacional presente no texto é percebida através dos elementos aos qual o evangelho de Lucas também foi constituído, percebendo a realidade do povo que receberia sua mensagem e aqueles que hoje o recebem. O cuidado com a linguagem e zelo na construção dos acontecimentos tem como desígnio aproximar o leitor dos acontecimentos e trazer a ele o entendimento do texto, tal como apontado na dissertação de Aliana Cerqueira (2014), no qual ressalta que estilo estético-literário reforçam o caráter educacional do texto,

Como narrativa, o Evangelho de Lucas carrega em si uma qualidade que os demais evangelhos não possuem: maior quantidade de parábolas, detalhes de fatos ocorridos na época de Jesus, maior descrição aos costumes do camponês palestino e acontecimentos atestados pela História e Arqueologia. Fatos e cenas que compõem a narrativa lucana fazem parte do contexto histórico da Palestina na época. (2014, p.53).

Sendo assim ao nos depararmos com tal documento na perspectiva apontada por teólogos, como Carlos Masters e Francisco Orofino, compreendo um processo de diálogo presente no texto entre o autor e sua realidade, tal como é fundamental, segundo a leitura popular, compreender que o Evangelho dialogue com o leitor em seu tempo, como está presente na obra, “Crescer em Amizade” (2019), em que constrói os passos para se entender as chaves de leitura do texto.

A obra citada, é um aprofundamento hermenêutico sobre o evangelho de Lucas e que constitui, uma leitura e aprofundamento dos capítulos, levando em consideração o processo de construção do texto e as possíveis reflexões hermenêuticas. Como esperado, os autores também se debruçam sobre a passagem da Transfiguração, refletindo sobre o processo de transformação possível a comunidade que reconhece a humanização do divino.

Paulo Freire em seu livro “Os cristãos e a libertação dos oprimidos” (1978), nos apresenta o processo educacional em uma possível leitura do cristianismo da libertação, que deve servir como movimento de transição, não pode ficar parado diante das estruturas que se apresentam. Segundo o autor, processo educacional é similar ao movimento vivido no cristianismo, à palavra chave seria travessia, ligando a Páscoa cristã, enquanto

passagem para vida nova ou a passagem no êxodo (saída, ἐξ (ex) "fora" e ὁδός (odós)) para libertação da opressão.

Só posso empreender a “travessia” unido aos oprimidos para que, libertando-os, nos seja possível renascer juntos como homens e mulheres. Não posso fazer da “travessia” um meio para possuir o mundo, porque a “travessia” é uma forma de o transformar irredutivelmente (FREIRE, 1978,p. 14).

Com tal entendimento pautamos em nossa pesquisa, que Freire não aponta a educação como um movimento de compreensão da realidade ao qual o ser humano transcende as condições que lhe são impostas, e se reconhece junto aos demais em sua realidade no qual a consciência se constitui em movimento dialético com o mundo que o circunda, ao contrário da concepção da Caverna, que esse transcender estava ligado a um rompimento com sua realidade, que era a escuridão e agora passaria a ser a luz.

Na perspectiva que apontamos a leitura de Lucas, visaremos analisar esse movimento educacional e libertador a partir da leitura teológico/filosófica, onde o mito da transfiguração já mencionado é como um marco-categorial que nos faz compreender o movimento de transformação proposto por Freire em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, “onde a consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas e em razão direta; uma é a luz interior ida outra, uma comprometida com a outra” (FREIRE, 1987, p.10).

Esse movimento dialógico entre o subir o monte e retornar à realidade é fundamental na percepção de uma consciência transformadora, que se faz a partir da ação e reflexão, orientando seus passos agora para uma nova vida. Em diálogo com a realidade a transformação se faz junto aos outros e nunca sozinho. A consciência é enquanto movimento de ação e reflexão um processo, que deve levar a comunidade a questionar as estruturas impostas, se percebendo enquanto sujeito transformador do meio e que está inserido.

Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens. Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e

refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece... (FREIRE, 1979, p.15).

Nossa leitura assim propõe que tal mito da transfiguração dialogue com Freire em seu ponto de vista que a educação se faz de maneira dialética, é um processo contínuo de reflexão e ação, diferentemente do mito da caverna.

Partindo do pressuposto de transformação como processo educacional em Paulo Freire e analisaremos os textos considerando a possibilidade de uma outra leitura educacional diante da passagem da transfiguração a partir do modelo apresentado pelo educador, não sendo a educação um movimento de superioridade ou de transcendência da realidade, mas sim da plena ação diante e junto à comunidade, na qual o sujeito se reconhece tomando consciência de seu mundo (FREIRE, 1987).

Assim possibilitamos colocar os símbolos apresentados nos textos para dialogar e então buscar compreender a construção do mito de forma que consigamos entender a percepção da construção do ser humano em sua totalidade em diálogo com sua realidade. Constituem elementos que nutrem esta pesquisa como: a luz, o sair da caverna, o subir monte, o retornar a práxis e o retornar a caverna, movimento de ascensão para libertação e contraposto com o movimento de descida do monte.

CAPÍTULO 2

CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA EM PAULO FREIRE.

Em meio ao ano de Dois mil e vinte e um, o pensar a uma educação freiriana, é sucateado pelo discurso do governo e aliados, sem ao menos de fato ter adentrado as escolas e a Teologia da Libertação é condenada ao exílio, pela própria Igreja, que sob o pontificado do papa João Paulo II,¹⁰ vai perseguir os teólogos que defendem um alinhamento entre teologia e marxismo. Ambos taxados como um mau comunista a sociedade e ao cristianismo, que visam em destruir a família e a propriedade.

O que se manteve desde o período militar brasileiro, é ainda a perspectiva de uma educação aluno/professor, com o chamado método tradicional, isso mesmo, diante de educadores que buscam novos meios de compreender a educação e aplicar uma educação contextualizada e conscientizadora. A falta de estrutura do Estado e qualificação dos profissionais para isso, acabam por perpetuar um modelo educacional que não mais deveria se aplicar segundo Freire.

Mesmo os educadores que tendem a buscar uma ampla formação, em grande parte ainda trabalham com os estudantes na perspectiva do aluno, aquele que está sentado na carteira e não tem nenhum conhecimento, o que acaba impedindo o desenvolvimento da teoria do autor. Existem cartilhas inovadoras, mas que tendem a esse marco que devemos iluminar o estudante, onde ele tem tarefas, pontos, respostas prontas a serem escritas e que se não cumprir devidas metas, este não está apto para algo.

Esse olhar, acaba se enquadrando em um ponto que justamente buscaremos refletir em nossa dissertação, que a perspectiva platônica da educação, alinhada ao mito da caverna. Mesmo os educadores que buscam um olhar freiriano, acabam ainda na tentação, que o aluno, chega na escuridão do conhecimento e deve ser avaliado por aquilo que o professor lhe oferece, desconsiderando sua realidade, sua história no processo educacional, ou seja, uma dualidade entre o pensamento e a prática.

¹⁰https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html último acesso dia: 01/12/2021.

A educação fica vinculada como ideia de Ilustração, diante da realidade, abertura ao conhecimento que lhe é apresentado, não só com características do mito em Platão, mas também, com a compreensão Kantiana. Alcançar o conhecimento, é fugir da escuridão da ignorância, em um processo de purificação. Existe um processo catarse que envolver uma libertação e ascensão daquele que atinge metas, planos, educacionais, que o configuram como um ser ilustrado e melhor que os demais, que não tiveram esse processo de iluminação em sua vida.

Atingir metas, pontos, notas, passar em vestibulares e concursos, fazem estes alunos atingir uma meta educacional que é sair de dentro da caverna e ser melhor que os demais que ali estão. A educação é vista como um mérito diante dos demais, é visto como uma iluminação, enquanto os demais estão condenados ignorância.

Quando na perspectiva de Paulo Freire, a educação não é um processo de mérito, mas um processo de construção diária, de transformação a um novo pensar, que está junto da comunidade e não acima da comunidade.

O primeiro passo, para Freire é o entendimento de que o estudante vai se colocar adiante de sua realidade, como parte dela, não como melhor, mas junto deles, mesmo sabendo dos riscos, que um processo de transformação pode causar. Não deve ser visto como melhor, pois seu processo educacional só acontece de fato, quando ele realiza junto aos seus, ou de nada adiantou.

Na atualidade o processo educacional está muito mais voltado a uma perspectiva platônica, alinhada ao mito da caverna, do que freiriana. Talvez uma devida delimitação do conceito de educação em Freire, alinhado com a falta de interesse dos representantes do Estado e de compreensão do processo por parte dos proletariados, contribuíram para o sucateamento da educação que não visam um processo de construção dialética.

A possibilidade dessa leitura do mito da transfiguração é assim, uma abertura para ampliar a ótica educacional, que não está voltada apenas ao processo técnico em sala de aula, mas de construção e reconhecimento de si em meio ao mundo que está inserido, para um processo de construção, reflexão e ação.

Quando nos deparamos com a educação no Brasil do séc. XX até os dias atuais, o que mais se desenvolveu foi uma cultura de meritocracia, no qual a educação era um privilégio, que tinha uma dupla dimensão; financeira e social, que se tornaria privilegiada diante das classes mais pobres, principalmente no que nos remete ao Ensino Superior. Que ainda demorou muito mais tempo, a chegar as bases nacionais, apenas com a virada de século é que temos uma tentativa de popularização desta educação com ampliações de

bolsas de estudo com acessos as universidades como por exemplo, o PROUNI, em 2004, pela Lei nº 11.096/2005.

Esse processo, que buscou universalizar o conhecimento, tentando abrir possibilidades reais de acesso aos jovens a redes públicas e privadas de ensino superior, buscaria através de bolsas, gerou uma maior igualdade entre os jovens na sociedade, rompendo com o modelo de que apenas uma elite, teria acesso a ampliação de seus estudos nas universidades.

A ampliação dos acessos as universidades deveria romper com os paradigmas e modelos impostos pela sociedade, em uma educação que limita o ser humano, oprimido e limitado as condições que lhe são impostas, como a pobreza e a fome.

Em Freire, em uma possível abordagem do texto de Lucas, devemos nos pautar justamente romper com essas imposições, no qual o educando deve se descobrir como ser em transcendência. (FREIRE, 1978).

Partindo desta visão, temos que aqui pontuar, a relação existente entre Freire e a concepção de humanidade presente na Teologia da Libertação¹¹, que buscava um diálogo entre religião e política, não como alienação, diante das imposições de classes, mas de desconstrução e crítica diante da situação dos menos favorecidos.

Ainda nessa perspectiva que se coloca diante da realidade do período dos escritos de Freire, podemos compreender, segundo o filósofo Enrique Dussel, ao apresentar sobre os aspectos, de uma filosofia da libertação, que se faz necessária ao diálogo entre o homem e a sociedade que busca moldar suas relações, seu pensar e agir,

Tampoco el hombre está totalmente determinado, condicionado; seria un simple animal estimulado por motivaciones necesarias, instintivas. El hombre es libre y al mismo tiempo históricamente determinado; es decir, la condición no es absoluta; es relativa, parcial. Un ápice de su realidad permanece siempre espontánea, señor de sus decisiones, elecciones. (DUSSEL, 1977, p. 54).

Segundo o apontamento, o ser humano não pode ser visto como um animal a ser conduzido, apenas como um instrumento de trabalho, que serve à uma classe dominante. Em meio as relações políticas e sociais, a humanidade deve se constituir em dignidade, em sua liberdade de escolher ser.

¹¹ Teologia da Libertação, surge como um movimento cristão nos anos sessenta no contexto latino-americano, como uma proposta diálogo entre fé e política. Uma teologia engajada na realidade social, que busca ampliar os horizontes de uma prática religiosa consciente diante dos desafios impostos na sociedade.

Relação essa fundamental, para que cheguemos mais adiante, na discussão que é visualizar como possibilidade, a leitura da Transfiguração no Evangelho de Lucas, como marco categorial, que nos auxilia, a compreender a educação como processo de transformação do ser em sua realidade. É impetuoso o convite a libertação, tanto quanto é movimento pessoal, de em sua liberdade, se tornar também um agente transformador e vir a ser, um ser-mais (FREIRE, 1978).

Essa relação deve ser amplamente compreendida, para que aqui não saltemos o espaço e o tempo, e corramos o risco de pensar uma linguagem, que discuta relações de dominação e opressão por parte do Estado que não correspondam ao tempo em que Paulo Freire aponta seu debate. Contextualizar, os diálogos, questões políticas, econômicas e eclesiais é fundamental para avançarmos em nosso estudo e situarmos nosso debate, uma vez que a educação sempre deve dialogar com seu tempo e a realidade que circunda. Compreender o processo histórico vivido por nosso autor e as referências teológicas, nos possibilita um horizonte mais amplo de diálogo com nosso período, compreender essa leitura, como parte de uma reposta necessária na educação brasileira não apenas dos anos setenta e oitenta, mas, podendo assim, refletir sobre as permanências das contradições nesse tema.

O processo educacional no Brasil é um intricado de relações históricas, que nos levam olhar diante da formação política e social de uma República, que até os anos de 1930, tinha suas principais oligarquias, ligadas ao Sul do País e pensavam as políticas públicas voltada a um público recluso. A primeira Universidade do país foi em São Paulo, 1932 e o que deparamos em larga escala, é com uma educação vista como privilégio para uma burguesia em elite, como um objeto de consumo e representação de seu poder e não para as massas.

Mesmo no curso da ditadura do Estado Novo, a educação esteve impregnada de uma mistura de valores hierárquicos, de conservadorismo nascido da influência católica, sem tomar a forma de uma doutrinação fascista. A política educacional ficou sobretudo nas mãos de jovens políticos mineiros cuja carreira se iniciara na velha oligarquia do Estado para tomar outros rumos a partir de 1930. (FAUSTO, 2012, p.188).

Mesmo as reformas apresentadas no Governo Vargas entre 1930 e 1945 e depois entre 1950 e 1954, ainda não apresentavam processos em grande escala de inovação, como a ampliando os índices de alfabetização, números de crianças e adolescentes nas escolas e uma ampliação o diálogo e o acesso cultural escolar. A preocupação ainda, se

volta para o trabalho e sua capacitação, diante das necessidades das empresas que vinham a se estabelecer no país, diante da urbanização¹², e que ainda ocorre nos processos educacionais atuais.

No Brasil, já no fim dos anos cinquenta, temos projetos de educação via rádio no Nordeste, o que possibilitava uma ampliação das perspectivas do que é ser o educando, assim, como a atuação do Movimento de Educação de Base (MEB),

É interessante notar que o Movimento de Natal deu passos significativos na estratégia do trabalho com o povo. Passou da percepção de puras aglomerações humanas para a ação de captar a realidade e investir num trabalho de comunidades, suscitando nas populações a consciência do valor da colaboração comum ante as necessidades locais. Com isso, houve um despertar para a ação comunitária, numa superação do serviço social voltado somente para casos isolados nas aglomerações humanas. Passou-se a investir no grupo e na comunidade. Estabeleceu-se, inclusive, uma rede de Escolas Radiofônicas, a partir das quais eram divulgados programas de educação de base, inicialmente para todo o estado do Rio Grande do Norte, logo depois para além dos seus limites (AGOSTINI, 2018 p. 190).

Contudo, a educação acaba por servir muitas vezes ao Estado, e se este não tem uma política definida de fato a serviço de sua população, seus interesses acabam por servir a uma elite burguesa que se estabelece. A educação não crítica, oferecida pelo Estado acaba permitindo um processo reprodutor de desigualdades e alienação e pura e simples reprodução do Capital, não compreendendo o processo histórico que está inserido. Esse processo educacional comunitário tem seu fim com o início da ditadura militar, quando os projetos de educação e alfabetização humanizados e crítica, são deixados de lado em nome de cartilhas instrutivas. Percebemos isso quando analisamos o texto de João Bueno ao relatar as mudanças nos livros didáticos de História do período

Em relação aos conteúdos relativos ao ensino de História apresentados nos livros didáticos deste período, estas políticas governamentais forçaram uma política de simplificação dos textos, sendo favorecidas as publicações de livros didáticos que se aproximavam das concepções da história tradicional (BUENO, 2011, p. 65).

¹² “Pelos dados do Censo Demográfico de março de 1951, a população brasileira era então de 51.944.397 habitantes. A população em idade escolar, de 5 a 9 anos, era de 7.015.527. O número de matrículas no ensino primário totalizava 5.175.887. Mas o Censo mostra mais. O número total de matrículas em todos os graus de ensino somava 6.118.842. Este número considera todos os níveis, do primário ao superior, para uma população em idade escolar (de 5 a 19 anos) de 18.826.409. A taxa de analfabetismo era da ordem de 52%”.
<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/EleVltou/Educacao#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20total%20de%20matr%C3%ADculas,era%20da%20ordem%20de%2052%25.último> Acesso em: 10/02/2021.

Esta transformação apresentada pelo autor acima se repete em outros componentes curriculares que contribuem o afastamento das matérias fundamentais para o desenvolvimento do olhar crítico sobre a sua história, como já mencionado além da História, temos o caso da Filosofia, ambas substituídas por estudos cívicos. No que parte da lógica da obrigação do dominador, e um olhar para educação como processo de criar mão de obra qualificada ao trabalho e não humanizar.

Levando em consideração as contradições que o processo da educação brasileira apresenta e uma a necessidade de uma ruptura com tal processo, pretendemos buscar na prática e no pensamento de Freire formas de contrapor a tal educação, como processo revolucionário, pois enseja uma grande transformação do ser humano em seu processo formativo.

2.1 Paulo Freire e a educação como travessia transformadora da realidade

Paulo Freire, foi um educador de grande importância no cenário brasileiro e internacional, sendo considerado patrono da educação brasileira. Ao longo de sua vida, participou e atuou ativamente para uma mudança radical no cenário da educação, em um processo de transformação das bases sociais, em contexto de ditaduras e opressão na América Latina.

Foi diretor e superintendente do Sesi, entre 1947 e 1957, defendeu sua tese sobre Educação e atualidade em 1960 e se tornou professor efetivo na Universidade do Recife, participando de um movimento de reformas educacionais no país, junto ao MEB que havia sido instalado no Brasil em 1961, sob influência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a CNBB. Entre 1961 e 1964, o lema adotado para uma nova alfabetização no país, era “viver é lutar”¹³, que se baseava na construção educacional Freiriana, que é de uma educação transformadora da realidade que está inserido.

Com o Golpe de Estado se aproximando, a perseguição a teorias tido como marxistas vinha crescendo no Brasil, o que acaba atingindo diversos membros da sociedade, entre eles educadores, filósofos e teólogos da Igreja que eram considerados progressistas e assim um risco ao Brasil. Freire, assim, como muitos outros professores e padres acabam indo para exílio, fugindo da ditadura militar e brasileira.

¹³ Disponível em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2867/1/LNNS13082014.pdf>.>
último Acesso em: 15/02/2021.

O primeiro local que Freire consegue asilo é na Bolívia e mais tardiamente, após um Golpe de Estado também ocorrer neste país, muda-se ao Chile, local onde iria permanecer entre 1964 e 1968, desenvolvendo atividades junto ao governo nacional no Ministério da Educação, que na época era governado por um partido democrata cristão, e também pela proximidade de sua reflexão de uma educação libertadora, é convidado a fazer parte do Conselho Mundial das Igrejas em 1969.

Neste período, temos como resultado de suas reflexões, os escritos da Pedagogia do Oprimido, o escrito mais conhecido em sua vida acadêmica, que o coloca diante das controvérsias políticas e sociais da educação. Freire, acaba por pensar o texto em diálogo com seus colegas, em um contexto de exílio e de uma esperança de transformação.

O autor, busca através de uma abordagem coletiva, construir que o primeiro passo para educação é do ser humano e seu reconhecimento enquanto sujeito histórico. É necessário a todos ter consciência daquilo que buscam ser. Somente um humano devidamente consciente de sua realidade e opções pode se dizer livre das dominações do opressor em sua vida.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2014, p. 26).

Segundo Freire, na obra supracitada o que existe é uma pedagogia opressora, na qual, os grilhões do conhecimento são retidos pelos opressores sendo apresentado uma falsa perspectiva da realidade iludindo e impossibilitando os jovens de mudarem seu futuro. Quando a educação é privada de uma autonomia. Essa pedagogia opressora, atua sobre os interesses do Capital, que visa não a humanidade, mas o trabalhador que não questione a realidade do valor de sua mão de obra.

Aprofundando a visão do autor, não há problema em um jovem querer ser um operário em um fábrica, desde que ele o faça de livre escolha, tendo de fato consciência de seus atos e liberdade de ir e vir. Essa liberdade, deve ser refletida em novos atos, não mais de um oprimido que sonha em ser opressor, mas sim libertador, se reconhecendo em sua dignidade e humanidade, tal como vemos no poema de Vinicius de Moraes, publicado em 1959, que parte sua reflexão no início do poema, sobre a períclope da tentação de Jesus

no Evangelho de Lucas, quando o diabo, pede para ser adorado, e Jesus, então Jesus o expulsa

[...]

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmitta
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte

Era o terno do patrão¹⁴

A figura apresentada do diabo enquanto aquele que promete a riqueza, o poder, o *diabolous*, no grego, aquele que traz a divisão. Esse através de seus poderes tenta a Cristo, para persuadir a fazer a sua vontade, tirando sua liberdade de vir a ser aquilo que ele queria, em troca de poder. Aqui, podemos ver que o poeta, anuncia a relação de classes e o operário, que diz não, as tentações, de trocar sua liberdade, sua vida, pelo pão, pois sua vida, é muito maior que a relação de exploração que lhe é apresentada e que ele pode dizer, não.

Contudo, existe um processo de manutenção da opressão e podemos observar a qualificação do estudante como mão de obra para o mercado de trabalho, assim os ensinamentos técnicos passam a fazer parte da formação do adolescente sobre a pauta que ele teria um emprego. Mas esquecemos que quando tratamos de ampliar os horizontes de trabalho, limitamos sua formação, a cargos operacionais em fábricas por exemplo, e não a uma educação que não se preocupa apenas com a questão profissional e sim das relações sociais em todos os seus aspectos.

No processo tradicional “bancário”, nos deparamos assim, com o dilema aluno/professor, muito próximo ao que Freire vai apontar, como um dos elementos que constituem essa relação de opressão, no qual o professor, como detentor do conhecimento, aponta aqueles que atingem determinado nível necessário para progredir ou não em suas vidas.

A concepção “bancária”, que a ela serve, também o é. No momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-la mais e mais humano. Seu ânimo é justamente o contrário – o de controlar o pensar e a ação, levando os homens ao ajustamento ao mundo. É inibir o poder de criar, de atuar. Mas, ao fazer isto, ao obstaculizar a atuação dos homens, como sujeitos de sua ação, como seres de opção, frustra-os (FREIRE, 2014, p.43).

Como já mencionamos o livro *Pedagogia do Oprimido*, 1987, busca analisar essa relação de uma maneira profunda para compreender que este processo educacional favorece um discurso opressor diante dos estudantes, criando uma barreira educacional,

¹⁴ <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/operario-construcao-consciencia-social.htm>
Último acesso em: 25/04/2021.

e não uma ponte, no qual mais que limitar ao papel de aluno, também se limita seu processo de reconhecimento em humanidade.

Segundo, Freire, 1978, a educação deve ser como uma ponte, ou travessia, no qual o estudante se transforma junto ao meio em que está inserido, tal como na passagem que analisaremos em Lucas, no qual vivendo a experiência da transfiguração, o educando desce o monte para sua realidade em transformação.

Freire vai nos apontar as reflexões pertinentes que nos levam a compreender que o ser humano está em constante transformação e não poder ser visto apenas como um instrumento para o lucro das grandes empresas, mas visto em sua dignidade humano, um ser-mais (FREIRE, 1987).

O educando primeiramente deve se reconhecer como sujeito não só da sua própria história, assim não apenas como um instrumento de trabalho. Esse olhar é uma vida toda de libertação e compreensão de uma ação real educação que visa a construção do ser humano compreendendo o que ele é. Essa educação não exclui os processos básicos da lógica escolar, como alfabetização, mas o estudante não mais o vai fazer por um simples rito operacional, mas entendendo as motivações e por que ele está ali.

O aluno, não é mais aluno, mas sim um educando, ele não pode ser visto mais como um objeto ser luz, que vai à escola desprovido de total conhecimento que ali irá receber toda a carga para a sua vida. A educação se inicia desde os primeiros dias de sua vida, com o reconhecimento de seus pais, seus amigos e familiares. Durante a infância ele vai ter contato com diversas realidades, sentimentos e linguagens que devem ser considerados pelo educador na escola.

Aliás aqui cabe ressaltar que o educador não é apenas o professor em sala de aula, ele vai além, pois, todos aqueles que fazem parte de seu processo formativo e que exercem sobre e com ele uma carga formativa construtiva de percepção problematizadora da realidade em que está vivendo.

A experiência histórica, política, cultural e social os homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre 'as forças que obstaculizam a busca da *assunção* de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela *assunção*. A formação docente que se julgue superior a essas “intrigas” não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos. A solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância. A aprendizagem da *assunção* do sujeito é incompatível com o *treinamento pragmático* ou com o *elitismo autoritário* dos que se pensam donos da verdade e do *saber articulado*. (FREIRE, 2002, p.19).

Sendo, assim, no processo de constituição de uma educação conscientizadora, temos o educando que se compreende como sujeito histórico, atuante em sua realidade, que se percebe em relação aos demais e não está à mercê das decisões que lhe são impostas pelos poderosos, diante de sistemas políticos e econômicos que falhos que geram uma grande disparidade social.

Existe assim, um processo conscientizador, no qual, o educando deve se atentar a sua realidade, e neste movimento perder sua ingenuidade diante do mundo que o circunda. Muitas são as ideologias, que projetam modelos de vida nos jovens e estes são levados a crer num futuro que o espera, mas que ele não participa enquanto construtor do processo, tal como podemos ver na comunidade que sobe e vai até Jerusalém no evangelho de Lucas em um processo transformador. Freire, chega a apontar que percebe isso de várias maneiras, sendo possível ver isso na política e até mesmo na religião, mesmo não podendo se generalizar, uma vez que a teologia da libertação acabar por ser um movimento contrário a isso,

Num certo momento do uso, análise e interpretação dessa palavra achamos que ela tinha uma conotação muito idealista, como se a libertação se restringisse à consciência, em outras palavras, como se a consciência pudesse, por si só, mudar a história, sem luta. Mas não foi isso que propus nos meus livros. Encontrei essa espécie de idealização entre cristãos, por causa de sua velha compreensão idealista do mundo. Contudo não quero dizer que todos os cristãos são idealistas. A teologia da libertação, por exemplo, não é idealista. Para mim, desde o início, a conscientização era concebida como um processo que se transformava em ação (FREIRE, *apud*, GADOTTI, 1996, p. 446).

O que é importante fundamentarmos é o processo histórico no qual Freire vai estar dialogando e buscando respostas à educação, não se preocupando apenas com o processo técnico, mas humano. Sendo, assim, parte para estar em diálogo com diversas bases, políticas, históricas, filosóficas para se pensar a práxis necessária ao momento vivido, tal como sua reflexão sobre a ação teológica, como uma fé aplicada a realidade e transformadora.

Além do processo golpista vivido no Brasil, a partir de 1964 e que iria se acirrar em 1968, com o AI-5, a América Latina, como um todo passava por um momento extremamente conturbado, onde forças movidas pelos Estados Unidos da América, alimentavam resistências em uma tentativa de descolonização dos povos latino-americanos.

Um dos muitos aspectos trágicos do AI-5 constituiu no fato de que ele reforçou a tese de grupos da luta armada, cujas ações se multiplicaram a partir de 1969. O regime parecia incapaz de ceder a pressões sociais e de reformar, seguindo cada vez mais o curso de uma ditadura brutal. (FAUSTO, 2012, p.265).

Além da ditadura instalada no Brasil, tivemos o golpe militar no Chile, local que Paulo Freire havia se exilado anos antes, em 1973 e depois, na Argentina em 1976. O clima crescente era de insegurança e medo, porém, de resistência, como nosso autor assim o fez com seus estudos diante das armas e opressão criada pelo novo sistema político, que prometia o avanço dos Capitalismo no continente e uma proteção as revoluções comunistas que havia ocorrido em diversas partes do mundo, como por exemplo, a Revolução Cubana em 1959. Único local na América latina onde tal processo ocorreu de fato.

2.2 Cristianismo da Libertação como Educação Libertadora

Em meio, aos sopros de resistência na América Latina, um pensamento que vai tomar força e irá ser combatido será o da teologia da libertação, que parte fundamentada na experiência libertadora de Jesus contra a opressão em seu tempo, entendia que a Igreja, não deveria se calar ou se alinhar aos poderosos.

Historicamente, muitas lutas importantes pela democracia e pela emancipação social que aconteceram na América Latina entre as décadas de 1970-2000 foram possíveis graças à contribuição do cristianismo da libertação (LÖWY, 2016, p.98). Esse contexto inspirou diversos cristãos a engajarem-se como militantes, candidatos a cargos públicos e mesmo na elaboração de teorias científicas sociais na academia—desde muitas experiências de educação popular até o desenvolvimento da Filosofia latino-americana como perspectiva educacional importante. (COELHO; MALAFFATI, 2021, p.8).

Segundo Freire em seu relato sobre sua experiência como Igreja, ele teria se afastado de ir à Missa ainda jovem, pois, não se fazia compreender os sermões dos padres ante sua realidade. (FREIRE, 1978). Contudo, isso não o afastou das leituras religiosas, que é justamente o que o fez voltar a Igreja. Lendo teólogos progressistas, como Jacques Maritain e Mounier, pode compreender um cristão que está no mundo e deve superar os problemas apresentados, pois, segundo ele, “as Igrejas não são entidades abstratas, mas sim, instituições inseridas na História, e é unicamente na História que se dá a Educação.

Da mesma forma o trabalho educativo da Igreja não pode ser compreendido fora do condicionamento da realidade concreta onde se situam” (FREIRE, 1978).

Paulo Freire, vai acabar por ser considerado por alguns, como uma peça fundamental na atuação deste pensar teológico, que não se privava, a fazer novos cristãos, mas a dignidade do homem.

A teologia da libertação afirma: a libertação dos oprimidos ou se faz a partir dos oprimidos mesmos junto com seus aliados, conscientes de sua própria força e dignidade, ou não se fará nunca. A importância de Paulo Freire foi de ter mostrado que o oprimido jamais é somente um oprimido. É também um criador de cultura e um sujeito histórico, que, quando conscientizado e organizado, pode transformar a sociedade. A teologia da libertação ao fazer a opção pelos pobres contra a sua pobreza assume a visão de Paulo Freire. O processo de libertação implica fundamentalmente numa pedagogia. A libertação se dá no processo de extrojeção do opressor que carregamos dentro e na constituição da pessoa livre e libertada, capaz de relações geradoras de participação e de solidariedade. A teologia da libertação é um discurso sintético, porque junto com o discurso religioso incorpora em sua constituição também o analítico e pedagógico. Por isso Paulo Freire, desde o início, foi e é considerado um dos pais fundadores da teologia da libertação (Leonardo Boff, teólogo) (GADOTTI, 1996, p. 497).

A chamada Teologia da libertação viria a discutir um embate do papel da igreja na América Latina, diante da realidade de opressão vivida não somente no contexto de ditaduras, mas em um processo histórico de sangue e dominação. A extrema pobreza vivida, os altos índices de analfabetos, colaboraram para um novo pensar da Igreja e sua atuação diante dos mais necessitados.¹⁵

O livro que irá cunhar o termo Teologia da Libertação, foi escrito por Gustavo Gutierrez, em 1972 e nele, Freire é citado, como exemplo de fecundo modelo de esforços, para uma cultura de transformação, por meio de uma ação cultural, que une teoria e práxis, desalienante e libertadora, onde homem oprimido, percebe e assim modifica a sua relação com o mundo.

A Teologia então, repensa o seu papel como participante e sujeito histórico de seu tempo, assumindo um compromisso diante dos menos favorecidos. Pensar teologia não é apenas pensar a Igreja, mas a sociedade em si. Paulo Freire ao escrever a Pedagogia do Oprimido, carrega consigo, essa reflexão, como podemos ver,

O leitor da Pedagogia do oprimido de Paulo Freire pode facilmente não notar um aspecto importante do seu pensamento social e educacional que é a natureza profundamente religiosa de sua visão do homem, da

¹⁵ https://www.cepal.org/sites/default/files/publication/files/37706/S1420848_pt.pdf - último acesso em: 29/04/2021

sociedade, da cultura, da política e da educação. [...] Freire coloca, em primeiro lugar, uma nova base teológica para a educação religiosa casando sua filosofia da educação com a teologia da libertação as quais foram desenvolvidas primeiramente por teólogos latino-americanos. Essa base teológica realça a dimensão social e política da educação. [...] A pedagogia de Paulo Freire oferece para a educação religiosa uma base filosófica interessante pelo seu pensamento educacional. Freire é claramente um eclético em sua abordagem teórica da filosofia da educação (ELIAS, apud, GADOTTI, 1996, p.608).

Esse papel, fica evidente, com as publicações teológicas que vinham tomando corpo, como de Juan Luis Segundo, J. Comblin e Gustavo Gutierrez, que visavam não mais um pensar da Fé, que idealizaria um novo mundo, mas chamaria, o pensar, como reflexão, para a construção de um novo mundo hoje. “Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da Palavra, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da Ação. (CELAM, Medellín, 1968).”

O trecho apresentado pela Conferência Eclesial Latino-Americana em Medellín em 1968, assumiu em seu documento, o anúncio e a opção preferencial pelos pobres na Igreja Latina Americana, pois ao adentrarmos a história da colonização latino-americana, veremos que a Igreja esteve por vezes ao lado dos poderosos, quando auxiliou em uma manutenção do poder na catequização, defendendo por vezes aos seus próprios interesses. Assim como, em sopros temporários, surgiu figuras controversas ao seu tempo que questionaram a dominação e poder sobre os colonos, sejam visando interesses políticos ou sociais.

Entre essas figuras podemos destacar no Brasil líder políticos como frei Caneca que se alinhou a movimentos revolucionários em Pernambuco, frente a dominação e portuguesa na colônia, o que acabaria o levando ao seu martírio. E também na história na luta em defesa das questões indígenas, no México, podemos citar Bartolomeu de Las Casas, que já fora lembrado pelo Teólogo El salvadorenho, Jon Sobrino, em sua obra, Jesus Cristo Libertador, 1994, ao pensar a Fé Cristã diante das diversas realidades.

A teologia surge com a preocupação de assumir a responsabilidade do fazer teológico, ser igreja é assumir um posicionamento político diante do povo e dos poderosos. Sendo assim, de que lado a Igreja estava? Dos oprimidos ou dos poderosos? Diante da problemática, a teologia assume a perspectiva concreta de que Jesus se fez pobre, para junto deles anunciar a libertação do pecado do mundo, que se constitui no egoísmo que gera a opressão, exploração da terra e do trabalhador, o chamado pecado-social.

A teologia da libertação nasce, e aprende disciplinadamente, da práxis do povo latino-americano, das comunidades cristãs de base, dos pobres e oprimidos. Justifica primeiro o compromisso político dos cristãos militantes, para depois fazer o mesmo com toda a práxis do povo latino-americano empobrecido. Porta tanto, é um discurso teológico crítico, que situa as questões tradicionais (pecado, salvação, Igreja, cristologia, sacramentos, etc.) em um nível concreto, pertinente. Não nega o abstrato (o pecado em si, por exemplo), porém o situa na realidade histórica concreta (o pecado da dependência, por exemplo). (DUSSEL, p. 543, 1996).

Sendo assim, seriam os preferidos de Deus, os oprimidos e marginalizados pela injustiça humana. Jesus não apenas anunciou o Reino do Céus, mas denunciou os poderes de opressão de seu tempo, movimento junto à comunidade que ele caminhava, uma nova forma de se viver, pregando a igualdade e uma profunda vida de partilha em comunidade.

A imagem que se destaca é de Jesus, Libertador. Aquele que assume a humanidade diante da realidade do seu povo, para libertar da opressão, esse é o Jesus que deve ser anunciado ao povo latino-americano, um Jesus pobre, como eles, que foi marginalizada e assassinado pelo Império, pois busca justiça diante de um cenário de morte. Segundo as palavras de Benedito Ferraro, “Jesus não busca a morte, como aliás nossos mártires e os pobres, hoje, marcados para morrer, também não buscam” (FERRARO, 1993). A morte é consequência da fala fiel e prática, testemunho do Reino até o fim.

A libertação anunciada por essa teologia se constitui ao longo de um processo histórico, vindo da teologia política alemã, até as conferências episcopais latino-americanas, refletindo sobre o cotidiano do ser igreja diante das atuações sociais e seu papel como agente transformador do mundo. Agora se pensava, não mais no padre como um líder da comunidade, preocupado com salvar as almas dos seus, mas o padre junto à comunidade, pronto para dar a vida por suas ovelhas para que elas não mais fossem oprimidas.

A igreja deveria se colocar na esteira no mundo, de forma dinâmica, se atentar a realidade de sua comunidade. As Comunidade Eclesiais de Base, surgem nesse contexto, de que a teologia deve responder as particularidades de cada grupo. Onde é preciso lutar por educação, assim deve fazer, onde é preciso lutar por terra, assim, também o deve pela paz.

O capital e as estruturas ideológicas que servem para manutenção dos poderes do capitalismo questionaram esta íntima relação entre evangelho e política, pois questiona as estruturas sociais e econômicas de seu tempo. Para eles, a leitura da Fé deveria ser

“defesa da fé”, uma manutenção do status quo da sociedade, subordinando a Fé a os interesses dos opressores.

Nesta perspectiva projetos e ações que acabam por desestruturar a economia e política, desestabilizando os poderosos, como a Revolução Cubana ou na revolução Cultural Chinesa, levam consigo um questionamento sobre o papel do cristianismo entre os seus povos, pois estes deveriam servir a auxiliar os problemas dos pobres e oprimidos, e não servir como instrumento de manobra para manutenção dos poderosos.

O Partido Comunista Cubano ainda nos anos oitenta, vai entender o processo eminente vivido pela teologia da libertação e o papel de transformação necessário diante da luta e revolução na América Latina frente aos regimes e a exploração. Esse processo dialético que ocorre no cristianismo, é necessário para a ampliação de um olhar profético, não perpetuando o costumeiro discurso da “igreja como ópio do povo”¹⁶, mas atuante em sua libertação. Como podemos ver, no 2º Congresso do Partido Comunista Cubano em 1980, existe aqui um destaque para uma atuação do cristianismo, em diálogo com a realidade histórica do povo, ou seja, uma leitura profética e em movimento, que não limita o povo para uma leitura alienante e condicionadora a realidade,

O significativo processo de incorporação massiva e atividade grupos e organizações cristãs, incluindo elementos do clero católico e de outras denominações, nas lutas de libertação nacional dos povos da América Latina, como Nicarágua, El Salvador e outros, e o surgimento de instituições e de centros ecumênicos que desenvolvem atividades decididamente progressistas e promovem o compromisso político e a união combativa de cristãos revolucionários e marxistas, a favor de profundas mudanças sociais no continente, demonstram a conveniência de continuar contribuindo para a consolidação sucessiva da frente comum em nosso hemisfério e em todo o mundo. (PC CUBANO, 1982, p.55).

Esse questionamento em repensar o papel do ser cristão diante das lutas sociais é pertinente segundo a visão de Freire, pois a Igreja ou o cristianismo como um todo acaba por perder sua dimensão profética, que está presente no seu dinamismo, enquanto uma igreja ou fé em travessia, que deve caminhar da opressão para libertação.

O processo revolucionário, pode se dizer que serve quando, a leitura libertadora do cristianismo, compreende a sua realidade, como instrumento para a mudança e práxis, contra o mito do conformismo social impregnado nas classes sociais. Mesmo os projetos

¹⁶ Frei Betto, Cristianismo e marxismo, 2ed., Petrópolis, Vozes, 1986, p. 35-43.

revolucionários, assim, como deveria ser o a da Igreja devem inquietar a fazer sua leitura em movimento.

Uma leitura popular, os chamados círculos bíblicos como propostos pelas CEB's não se limitavam a uma leitura propriamente da ótica da teologia da libertação. Segundo o teólogo Alonso Schökel, em seu livro "La traducción bíblica: lingüística y estilística" (1977), não faltam passagens que possibilitem uma reflexão popular, com diversos exemplos possíveis em leitura dos profetas, que dirigiam seu discurso aos reis e ao povo, possibilitando ao leitor compreender a relação de esperança ou denúncias presentes na escrita do texto.

O olhar das leituras bíblicas junto as reflexões populares, possibilita uma leitura em que o Evangelho junto as comunidades não poderiam ser utilizadas como motivo de alento, ou de apaziguamento diante da injustiça, alinhando a reflexão apontada nos textos, ao compromisso teológico latino americano de que o evangelho deve ser uma palavra que auxilie como instrumento a comunidade a mudança, assim como tivera sido nas primeiras comunidades.

...não só um livro de autoridade inspirado por Deus que pede obediência, mas também um livro que traz inspiração de Deus para a vida; traz a força dele para orientar e transformar a existência; a mesma força que Deus usou para tirar Cristo da morte. Ela liberta e faz ressuscitar porque ataca a raiz do mal que vicia o relacionamento humano, pois dá ao povo consciência de filho e de irmão (MESTERS, 1983, p. 113).

Essa teologia apresenta a Bíblia e suas leituras, que haviam se tornado distantes da realidade das populações mais pobres. Por anos, se valorizou a imagem de um Jesus, Rei, Deus e que por sua autoridade determinava a humanidade e ao homem cabia a sua fidelidade. Agora, a leitura bíblica buscava fazer sentido para aquele que passara fome, que por grande parte da vida buscava sobreviver em meio a opressão, que Lucas, anuncia em seu evangelho, como aqueles que agora, a salvação se apresenta (Lc, 4)

Jesus, havia usado da linguagem de seu tempo, exemplos de seu tempo, assim como os profetas e escritores bíblicos que as luzes de seu período histórico buscaram traduzir e escrever os relatos e memórias do povo judeu dando sentido a sua práxis, hora de liberdade, hora de escravidão e opressão diante dos helenos e romanos.

Cada libro de la Biblia se diferencia del otro en el género literario, en la lengua, en el autor, en el tema, en la época y el lugar donde fue escrito, en el objetivo, en el destinatario y en el mensaje. Desde el punto de vista literario, la Biblia tiene una variedad inmensa, y uno se admira al ver

cómo una variedad tan grande consigue formar una unidad tan fuerte y tan bonita. (MESTERS, 1996, p.17).

Assim os evangelhos eram entendidos, não mais como uma leitura literal dos fatos, mas como entendimentos das comunidades a pessoa de Jesus. Cada comunidade assim o teria feito, tentando alinhar sua imagem messiânica aqueles que o escutavam, mantendo sempre a centralidade em seu projeto libertador para construção de um novo reino.

Os evangelistas escreveram a tradição como servidores da comunidade. São administradores de bens transmitidos, não escritores. Isto significa que felizmente não tiveram intenções e fins de tal espécie, que deles se pudesse originar um perigo para a tradição. É verdade que também cada evangelista contribuiu com sua parte. Interpretava a tradição por meio de adiantamentos explicativos. Completava os escritos de que dispunha e com contribuições próprias. Podia dar uma orientação às pequenas peças da tradição por meio do lugar que lhes assinalava dentro do conjunto. (SCHELKLE, 1977, p.37).

A comunidade de Mateus, buscava trabalhar um Jesus, mais próximo a imagem de rabino, como aquele que orienta a comunidade diante das Leis de Moisés, não nega sua importância, mas dá continuidade ao processo da aliança de Deus com a humanidade, seus gestos e palavras remetem a isso. A comunidade de Lucas, busca uma linguagem mais universal, abarcando que a salvação não está limitada a um grupo, mas a libertação da opressão vem para todos, marcando já em seu início a genealogia de Jesus, a Adão (Lc 1)¹⁷

Esse processo de leitura e interpretação bíblica se contextualiza no campo de pesquisa da hermenêutica bíblica, ou seja, a leitura do texto bíblico levando em conta seu contexto histórico, sua narrativa e linguagem que também ficará com conhecida como análise textual, método que utilizamos aqui, para analisar mais adiante a passagem da transfiguração no evangelho de Lucas.

Não apenas o sentido de palavras e frases, mas também o de partes do texto é determinado significativamente pelo contexto. Por isso é necessária uma análise do contexto que elabore a ligação do trecho previamente delimitado com o texto todo. Ela visa definir a posição de um trecho delimitando no âmbito de uma unidade maior de sentido (macro contexto) e de suas adjacências imediatas (microtexto). Esse posicionamento de forma alguma é casual, mas constitui, tanto em nível linguístico como em nível temático, expressão de um movimento acional pelo qual o autor apresenta e faz avançar sua história de Jesus. (SCHNELLE, 2000, p.50).

¹⁷ “Jesus é solidário com toda a humanidade, é o novo Adão, o protótipo de uma humanidade nova (cf. At3, 15; 5, 31; 26, 23)” A. George. *Leitura do Evangelho Segundo Lucas*, 1982, Paulinas.

Os métodos de estudo bíblicos vão ser fundamentais, para uma leitura da bíblia emancipadora e que deve apresentar um olhar um cuidadoso no processo educacional do cristão, que não apenas deve decorar, mas sim, compreender a passagem estudada. Freire, em seu texto sobre o cristianismo da libertação, aponta esse papel fundamental que se constitui, o pensar de uma educação libertadora, o papel das igrejas, nesse processo, mesmo que não seja unificado,

A nossa tarefa simplificar-se-ia muito se tratasse de perguntarmos qual deveria ser o papel das Igrejas da América Latina relativamente a Educação, supondo nessa pergunta uma coerência das Igrejas relativamente ao Evangelho. [...] por essa razão, não é viável falar, em termos objetivos, de um papel unificado, coerente, das Igrejas Latino-americanas face à educação. Ao contrário, há papéis distintos e até antagônicos em função da linha política, clara, oculta ou disfarçada, que diferentes Igrejas estão assumindo historicamente na América Latina. (FREIRE, 1978, p. 29).

Essa leitura bíblica é fundamental, para não ser mais usada como instrumento de opressão, e a favor da de ideologias de manutenção do poder social sobre os mais pobres. A bíblia passa a ser um instrumento de questionamento da realidade vivida na pessoa de Jesus e suas comunidades, embora como a teologia de libertação nos apresenta, ela apresenta dentro da sua própria formula elementos para lutar contra tal manutenção estrutural.

A partir de um olhar de um cristianismo da libertação, a leitura dos evangelhos era um instrumento educador na constituição de uma nova humanidade livre da opressão anunciada pelos poderosos, através das ditaduras, tivemos o assassinato de estudantes, sindicalistas, políticos, líderes religiosos, além de torturas e desaparecimentos, para todos aqueles que ousavam questionar os fariseus de seu tempo: os militares.

Embora minoritários, já existiam bispos, sacerdotes, religiosos e leigos que assumiam uma atitude contrária, de apoio às lutas pelas Reformas de Base. Bispos como D. Hélder Câmara já começavam a ser conhecidos como identificados com as pressões por mudanças nas estruturas sociais, injustas, segundo compromissos assumidos durante o Concílio Vaticano II. Movimentos leigos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Operária Católica (JOC) aprofundavam seu envolvimento com a luta dos oprimidos (BNM, 1985, p. 147).

Paulo Freire, em seus escritos em o Cristianismo e a libertação dos oprimidos, 1978, nos leva considerar que a leitura da teologia da libertação rompe a barreira da igreja

e movimenta os discursos, onde a filosofia e teologia caminham juntas como uma reflexão para nutrir a humanidade diante da realidade vivida.

Como educador e político, o autor, ressalta no texto a importância do posicionamento social da Igreja e da teologia que deve estar junto ao povo, ao seu serviço e não da manutenção das estruturas. Aqui, ele sugere que existe um mito da igreja como “neutra”, como mediadora da realidade e que ela não poderia assim, tomar partido. Freire, sugere que é necessário romper com este mito e que é necessário sim a igreja tomar partido diante da História. Seria, uma forma de dizer, que assim, como Jesus, questionou os sacerdotes do templo se eles serviam a César ou Deus, essa pergunta deveria ser feita hoje, pois a humanidade não pode servir a dois senhores.

...o mito de que a sua tarefa é a de “salvar” os pobres, o mito da neutralidade da Igreja, da teologia, da educação, da ciência, da tecnologia, o mito de sua imparcialidade – do que se deriva, necessariamente, o mito da inferioridade do povo, o mito de sua impureza não só espiritual, mas também física, o mito sua ignorância absoluta. (FREIRE, 1978, p. 1978).

Ou os evangelhos são instrumentos de libertação ou são de opressão. O evangelho contextualizado a luta das primeiras comunidades deve assim ser, para aqueles que leem hoje um processo de transformação, de levantar e vir a ser e não morrer como oprimidos, tal como a comunidade em Lucas, encara o êxodo (Lc 9,30) em Jerusalém, não como uma derrota pela morte, mas como uma transformação diante da realidade de opressão vivida frente a dominação romana.

Aqui Freire, toma um conceito muito válido, que vamos retomar adiante para aprofundar a leitura do evangelho como um marco categorial para os processos de transformação do ser humano em sua realidade. O conceito é “travessia”, no qual fazendo uso da palavra Páscoa, ou Êxodo, Freire em seu texto, os cristãos e a libertação dos oprimidos, aponta que o evangelho consiste em um processo de transformação. A conversão não é imediata, se faz no dia a dia, isso é o processo de consciência, ou seja, na práxis, que Freire faz uso nas palavras de dom Hélder.

Muito rapidamente percebem que a indispensável Páscoa da qual a sua mudança de consciência tem de ser existencializada. A verdadeira Páscoa não é uma verbalização comemorativa, mas sim práxis, compromisso histórico. Páscoa de simples verbalização é “morte” sem ressurreição. Só na autenticidade da práxis histórica, a Páscoa é morrer para viver. Porém, esta forma de se experimentar na Páscoa, eminentemente vital, não pode ser aceite pela visão essencialmente mortífera e, por isso mesmo estática, da burguesia. (FREIRE, 1978, p. 14).

Uma educação conscientizada, pode ser entendida a luz do movimento do evangelho que coloca a comunidade diante de sua realidade histórica para então a transformar. Não é uma cura milagrosa, que deve acontecer do dia para a noite, mas sim com muita luta, pois por parte do sistema opressor, vão haver também meios de resistência.

A história de Jesus, descrita nos evangelhos de maneiras diferentes, retratam essa busca dinâmica de dialogar com a realidade mantendo a essência libertadora do anúncio. Assim, como a manutenção de sua leitura, para uma compreensão dogmática, nos auxilia a entender a linha tênue da luta entre oprimidos e opressores. Segundo Leonardo Boff, no livro *Jesus Cristo Libertador*,

“Seguir Jesus é para o-seguir sua obra, per-seguir sua causa e conseguir sua Plenitude. Esta visão – com todos os limites que possui uma visão – quer colocar-se a serviço da causa da libertação política, social, econômica e religiosa de nossos povos oprimidos. Trata-se de uma contribuição ao nível da expressão teórica que deseja iluminar e enriquecer uma práxis já existente de fé libertadora” (2003, p.44/45).

Freire entende que existe um processo educativo na igreja e que esse pensamento se constitui em diálogo com seu tempo, buscando respostas e novas compreensões para os entendimentos de sua época. Podemos ver por exemplo, o entendimento sobre a pessoa de Jesus nos diversos concílios da Igreja Católica ao, desde a sua proclamação como verdadeiro Deus e Homem em Nicéia, passando da imagem do Cristo Rei, em resposta a constituições monárquicas na Europa ao e a devoção do Sagrado Coração de Jesus no séc. XIX, em resposta a modernidade. Assim como, chegou a uma nova leitura emergente dos mais pobres, que é um Jesus Cristo Libertador, que revela Deus em sua humanidade e na prática da Justiça, diante das opressões,

A teologia da libertação e Jesus Cristo Libertador representam o grito dolorido dos cristãos oprimidos que batem à porta dos irmãos ricos pedindo tudo e não pedindo nada. Pedem apenas para ser gente; suplicam ser acolhidos como pessoas; pedem apenas que os deixem lutar para reconquistar sua liberdade prisioneira. (BOFF, 2003, p. 47).

Desta maneira a leitura bíblica compõem um corpo fundamental de uma leitura bíblica, fundamentada na realidade e expressada como libertação, sendo de grande importância em uma ampliação de uma educação política, o que deve tirar uma certa leitura inocente das passagens, para uma ampla problematização e uma nova leitura em nossos tempos. Compreender que a realidade do texto é constituída em sua

problematização, levando em conta os aspectos culturais que moldam o texto, não se pode também fazer uma leitura do texto que o tire de sua realidade, assim como do leitor.

2.3 Consciência como diálogo entre sujeito e a História na Leitura Freiriana.

O “diálogo” no tempo de Jesus, ocorria entre a espada do império e o sangue do judeu dominado, assim, como nas ditaduras, entre as armas dos militares e o sangue dos pobres oprimidos. Isso é o que podemos pensar, como situação inconciliável e que ainda podemos ver, com a marginalização do trabalhador e políticas públicas do Estado.

Para os camponeses judeus, a dominação herodiana e romana geralmente significava pesada tributação e, mais do que isso, uma séria ameaça para sua existência, visto que muitos foram expulsos de suas terras. Significativamente, o período de mais interesse em relação a movimentos e líderes populares, como Jesus de Nazaré, está enquadrado por rebeliões camponesas de grande escala: as insurreições que seguiram à morte de Herodes no ano 4 a.C e a maciça Revolta contra Roma em 66-70 d.C, seguida de uma segunda grande Revolta contra Roma em 132-135 d.C. (HORLEY; HANSON. 1995, p.43).

Existe uma tensão dramática no qual a educação está inserida, onde ela pode servir exatamente para que educando não compreenda o meio em que está inserido, não percebendo as amarras e presos a narrativas, que nutrem o mito do bom trabalhador.

A educação no cristianismo da libertação se vê também em um processo longo e tenso, mas que busca viver um processo de transformação, no qual, todos estejam em condições de superar o meio em que está inserido. Este meio se dá não de maneira individualista, mas com e para a comunidade que com ele está, em uma educação coletiva e transformadora e não alicerçada em anseios individuais, segundo o autor, o ser humano se complementa e se faz com outro e não sozinho. (FREIRE, 1987).

Ilusão pensar, que esse processo o alivia o fardo da realidade, mas muito pelo contrário, o diálogo entre oprimido e opressor vai continuar e as tensões devem permanecer, cabendo aquele que luta o movimento de transição, de revolução para transformar o meio que está inserido.

Na existente conscientização se a prática não nos leva a ação consciente dos oprimidos como classe social explora a luta pela sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo consciencializam-se através do movimento dialético entre a reflexão crítica da ação anterior e a ação que se segue no processo dessa luta (FREIRE, 1978, p. 17).

O eu existo, se constitui segundo, Freire, nos nós existimos. O ser humano é assim, um produto social e histórico. Nossa realidade histórica condiciona nosso risco, diante das mazelas de nosso tempo e nossa realidade. A travessia necessária no processo educacional, a educação libertadora, é uma passagem de uma realidade apontada, criada e até mesmo subjetivista, para uma realidade objetiva, no qual a comunidade se confronta.

A educação nesta perspectiva alinhada ao cristianismo da libertação, move a uma ação coletiva e consciente diante das estruturas sociais, pensar a ação da igreja, o estudo bíblico na perspectiva do autor, acaba por nos elucidar, um marco no qual ele pode trabalhar o que ele entende como educação, enquanto processo e não como ato condicionador.

Os oprimidos, que introjetam a "sombra" dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, a medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que "preenchessem" o "vazio" deixado pela expulsão, com outro "conteúdo" – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem (FREIRE, 1978, p. 22).

Por muito este processo tenha sido refletido e tenha apresentado diversos dilemas nas estancias educacionais, o que ainda se vê é uma distância entre uma educação libertadora e consciente, dos projetos políticos educacionais no Brasil.

O reflexo dos anos de chumbo e uma busca por combater o comunismo ou pensamentos socialistas no país, por muito ainda atinge a uma marginalização deste cristianismo politizado, enraizado na contexto-histórico social, que sugere uma mudança de mentalidade, assim como o chamado "método Paulo Freire"¹⁸ vem sendo constantemente sucateado, seja por um estudo pífio de seu trabalho, seja pela dificuldade de romper as estruturas sociais, ou simplesmente não representar o seu método de trabalho e se torna um espectro dentro da educação brasileira

Em uma sociedade de Classes, são as elites os detentores do Estado que determinam os processos educacionais e suas ações. No Brasil, vê se hoje, que tivemos um adormecimento do fascismo do poderosos e que a queda do Regime Militar, não suscitou de forma alguma uma revolução, mas o que se apresentou foi, uma forma de

¹⁸ Debate amplo, pois de fato, o processo educacional freiriano não foi aplicado as bases de uma construção educacional no Brasil, mesmo o autor sendo Patrono da Educação, que é voltado a processos técnicos e meritocráticos.

gerenciamento do Estado, utilizando essa revolução como um perigo para um controle institucionalizado.

As necessidades das classes proletárias acabaram permitindo a construção de um sistema educacional excludente e a serviço do Capital, criando trabalhadores para fábricas, através do ensino técnico, um discurso de pela meritocracia e um discurso de disputa entre iguais, que vai até as medidas estabelecidas pelos dominadores.

Mesmo com os pontos a se refletir diante dos processos educacionais, durante os anos de chumbo, nossa educação ainda é conduzida por um processo de manutenção. Não tivemos, assim, a chamada revolução mencionada por Freire, nem ao menos estamos realizando a travessia, que ele aponta no cristianismo como libertação.

Essa travessia no ponto de vista freiriano, é justamente o processo de conscientização necessário para transitar de um processo educacional limitado as condições que são impostas, para uma educação que ressignifique a existência humana em si, no qual, todos devem poder compreender seu papel, enquanto protagonistas de sua história. A conscientização é um processo fundamental ao pensar a educação freiriana, ao qual, entender quem você é, onde está e com quem está é fundamental, para um processo de reconhecimento e transformação do eu com outro. Não existe real processo educacional, se o processo de conscientização não leva o educando a buscar um olhar além daquilo que lhe dado como certo. Nesse sentido, olhar além, consiste em reconhecer a realidade e a dignidade do ser humano, não se tornando um novo opressor, mas sim, um ser transformador.

O ser-humano se constitui em sua realidade em sua vida deve buscar um significado mais amplo e maior que a si mesmo, não se limitando ao sonho de ser o patrão, ou apenas de conquistar um salário. Educar na perspectiva freiriana, é muito mais que concluir um processo de alfabetização, mas um real processo de transformação da consciência que se estabelece no dia a dia de sua formação.

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionária, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” – como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para traz não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro (FREIRE, 2014, p. 48).

Essa formação não está limitada ao laço escolar, enquanto provas e avaliações, mas leitura da realidade em que está inserido. Fazendo uso da expressão de d. Helder Câmara, Freire diz que educar é um processo de formar consciência do meio, somente uma verdade educação conscientizada, pode transformar a realidade

Em síntese, Dom Helder Câmara defendia uma educação popular e humanizadora por meio do MEB, embasada na conscientização política e numa prática conscientizadora – processo pedagógico de cunho político que possibilita às pessoas tomarem consciência de serem cidadãos livres, sujeitos de direitos e deveres individuais e sociais – e na esperança, mola precursora geradora do processo de transformação de uma sociedade. (CONDINI, 2016, p.151).

A conscientização em Freire, não deve ser imposta e não acontece em instantes, ou como despertar de um sonho. Não é o professor que vai anunciar a verdade aos alunos e quais são seus passos para que eles saibam o que é certo ou errado, assim como no mito da transfiguração, no qual, a pessoa, se deixa estar em um processo transformador para perceber a sua realidade. A educação conscientizadora, quebra a barreira professor/aluno, para um olhar amplo transformador da realidade, em processo de construção do conhecimento, como afirma Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, 2002,

Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (p.18).

Contudo, esse olhar transformador, deve levar em consideração a relação concreta entre opressor e oprimido (FREIRE, 1987), que é apresentado de maneira violenta, uma vez que restringe e oprime o ser humano em sua dignidade, o projetando em uma finalidade esperada e construída pelo opressor, não respeitando o processo de construção e libertação que somente um processo de conscientização é capaz de prover diante de um processo de Violência real, como apresenta o autor,

No primeiro momento, o da pedagogia do oprimido, objeto da análise deste capítulo, estamos em face do problema da consciência oprimida e da consciência opressora; dos homens opressores e dos homens oprimidos, em uma situação concreta de opressão. Em face do problema de seu comportamento, de sua visão do mundo, de sua ética. Da dualidade dos oprimidos. E é como seres duais, contraditórios, divididos, que temos de encará-los. A situação de opressão em que se “formam”, em que “realizam” sua existência, os constitui nesta dualidade, na qual se encontram proibidos de ser. Basta, porém, que homens estejam sendo proibidos de ser mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma

violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade a que nos referimos, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a do ser mais (FREIRE, 1987, p.27).

Essa transformação da realidade deve acontecer com o olhar onde seus pés estão cravados, onde somente um educando, que reconhece sua realidade histórica vai poder se transformar junto a sociedade. A consciência é assim, um processo de transformação do eu para outro, que se dá de fato junto a uma transformação real junto aos demais e não de maneira individual, que privilegie um discurso que se tornará de opressor, mas sim de um processo de libertação.

Diante da violência mencionada por Freire, 1970, a primeira tentativa de se conter um processo educador pelos poderosos é por tornar nebuloso a realidade através de ideologias dominantes que geram uma manutenção do status quo.

E porque os homens, nesta visão, ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção “bancária”, tanto mais “educados”, porque adequados ao mundo. Esta é uma concepção que, implicando numa prática, somente pode interessar (FREIRE, 2014, p.41).

O movimento de conscientização é assim dialético, ninguém conscientiza ninguém, mas nos conscientizamos nas práxis diante de nossa realidade, debatendo e constituindo seres humanos que pensem a formação em sua totalidade (FREIRE, 1978). A leitura educacional proposta assim como a cristã deve ser utópica, ou seja, movida por esperança transformadora, que leve ao educando a percepção da necessidade da revolução diante da opressão, tornando o a necessariamente uma educação política.

O movimento de descer o monte e realizar a travessia (êxodo) a Jerusalém é um movimento consciente, em comunidade assume o desafio de dialogar com os poderes de opressão em seu tempo, sendo, portanto revolucionário. Tal como nós na América Latina, Freire salienta que a leitura cristã, “esta travessia “Páscoa” – voltamos a repetir uma vez mais, não se pode realizar “dentro” da sua consciência mas sim na História.” (1978).

Portanto, na leitura da passagem se compreenderá uma nova possibilidade de leitura do processo de conscientização, assim como de se compreender a educação em Freire, não apenas como uma resposta a uma educação bancária, mas sim, como um processo de esclarecimento que impele o educando a se reconhecer como parte transformadora do mundo que está inserido, dialogando com sua realidade e se fazendo transformador do meio que vive.

A conscientização que irá se constituir segundo Freire, é a um entendimento objetivo da realidade de opressão, no qual o a humanidade se coloca então em um movimento para transformação, a chama práxis cristã, constitui na mudança da realidade vivida.

A consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência, juntos, como consciência do mundo, constituem-se dialeticamente num mesmo movimento – numa mesma história. Em outros termos: objetivar o mundo é historicizá-lo, humanizá-lo. Então, o mundo da consciência não é criação, mas sim, elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho. (FREIRE, 1987, P.11).

A perspectiva educadora aqui proposta pelo autor, é a percepção de uma realidade de opressão vivida pelas pessoas, em suas diversas realidades que possibilita uma mudança. Assim, como as primeiras comunidades buscaram adequar a Palavra de Jesus para seu contexto, movimento estas para uma práxis, uma realidade de travessia, assim deve se continuar a fazer.

Existe uma opressão que se dá não apenas pela imposição da força, mas também pela exploração das consciências, naquilo que se apresenta como modelo de família cristã, trabalhador e pai de família. Existe um modelo ideológico apresentado e constituído desde os primeiros anos de catequese, que nos fazem, questionar, esses modelos servem a qual propósito?

Uma leitura em diálogo com a realidade, deve fazer um movimento: Sujeito e comunidade em transformação, evangelho, economia e política. Esse diálogo é fundamental para uma aplicação viva da Fé cristã e a busca da justiça social. Nesse contexto, é no qual Freire entende, a teologia, o cristianismo da libertação, como um parceiro contra a opressão do Capital,

Não existe conscientização se a prática não nos leva a ação consciente dos oprimidos como classe social explorada na luta pela sua libertação. Por outro lado, ninguém consciencializa ninguém. O educador e o povo consciencializam-se através do movimento dialético entre reflexão crítica da ação anterior e ação que se segue no processo dessa luta. (FREIRE, 1978, p. 17).

Sendo assim, a fé cristã pode contribuir no processo formativo do ser humano, enquanto educando que compreende o meio que está inserido. Esse diálogo é fundamental para uma consciência atuante em diálogo com aquilo que se vive, propondo mais que reflexões, mas também ações para mudanças em nosso mundo.

Ao olharmos as premissas da construção do evangelista, segundo A. George, 1973, no livro, *Evangelho Segundo Lucas*, o discípulo se define pela conversão e pela caridade fraterna, manifestada pela esmola e a mensagem anunciada se dirige a um público marginalizado, as mulheres, os pecadores públicos da vida na Palestina. (1978, p. 10).

Nessa perspectiva, voltamos a nossa atenção que a passagem da transfiguração nos sugere uma transformação daqueles que são oprimidos e limitados em sua humanidade e condicionados a uma pobreza existencial, no qual não se reconhece como ser-mais (FREIRE, 1978), mas como um instrumento do Capital. Essa transformação proposta pelo autor do Evangelho, aos pobres e pecadores, é uma possibilidade de transformação proposta as pessoas nos dias de hoje que vivem nas periferias, não mais da Palestina como as comunidades de Lucas (GEORGE, 1978), mas nas periferias existenciais e sociais que escancaram os grandes problemas sociais que limitam um amplo processo educacional transformador.

CAPÍTULO 3

O MITO DA TRANSFIGURAÇÃO E O PROCESSO EDUCACIONAL LIBERTADOR FREIRIANO

A partir da análise que se constrói nos capítulos anteriores, pautaremos propriamente em si, neste capítulo, apresentar uma desconstrução do livro de Lucas, para assim, como fundamentamos no método histórico crítico, compreender sua formatação para análise, dos elementos educacionais, que propomos alinhados a leitura de Freire. Assim como, pautaremos em considerar e analisar os elementos da leitura do mito da caverna em Platão, com seu devido recorte, pautando nos elementos similares a leitura da transfiguração.

O evangelho de Lucas foi escrito provavelmente por volta dos 70 e 80¹⁹²⁰ da era cristã, tendo como provável autor, que acompanha Paulo em atos dos apóstolos, livro este dedicado ao mesmo destinatário do evangelho de Lucas, Teófilo, como se pode também ver no início do Atos dos Apóstolos.

Na análise teológica, os elementos que se constituem no texto, podem ser lidos e restritos a caráter escatológico da passagem, mas diante da emblemática construção do texto de Lucas, mediante a perseguição dos cristãos e a busca de uma vida nova, olharemos o texto como um novo pensar educacional segundo Paulo Freire no contexto latino-americano.

O olhar sobre a passagem da transfiguração em Lucas, deve nos proporcionar uma compreensão na leitura freiriana do ser-mais em Freire, que não deve ser visto na vasta ignorância da escuridão de uma caverna, oprimido e sofrendo. O processo educacional é dolorido em diálogo com a realidade de seu tempo, a luz das práxis cotidianas. Assim como a alienação das classes dominadas se faz desde de pequeno, a libertação da opressão também se faz enraizada na história de cada um e que só é colocada em prática com o estímulo da libertação com o outro.

¹⁹ Cf. SCHELKLE, Kerl Hermann. A teologia do novo testamento, ed. Loyola, 1977, p.73.

²⁰ Não há uma data tradição segura sobre a data nem sobre o local da redação. Irineu dizia que Lc foi escrito antes da morte de Paulo; Jerônimo baseando-se em Eusébio, situa-o depois da morte de Paulo. Alguns críticos modernos defendem uma data por volta de 63, ou entre 63 e 70, a maioria prefere uma data posterior ao ano 70, mas existe uma pouca probabilidade para a corrente que afirma ter sido escrito depois de 90. . (MCKENZIE, 1983, p.556).

Freire, compreende a educação, como um processo que parte da realidade e para ela retorna, jamais só, mas sempre junto ao outro, se formatando e se constituindo em comunidade. A subida do monte não é mérito, é apenas um processo de esclarecimento, que no qual, a transformação da consciência, vai se constituir, no compreender aquilo que já se tem em sua vida, naquilo que agora se vê e que agora, inquieto, sente a necessidade de mudar, pois a práxis complementa o processo educacional.

Em tal escrito, assim como muitas leituras bíblicas nos coloca diante de uma construção ético didática dos passos Jesus, ao modo que cada comunidade expressou sua visão sobre seus atos. Seguindo os preceitos deste evangelho, veremos uma construção educacional a partir de símbolos que buscam anunciar a sua mensagem de uma maneira que seja acolhida e compreendida pelos mais diversos povos. A tomada de consciência é a ferramenta crucial para a ação libertadora da humanidade, que é a construção de um Reino de Justiça e Paz.

O texto de Lucas se propõe a educar aquele que se depara com seu anúncio e chamá-lo para viver pelo projeto do Reino que busca no hoje, viver as promessas de paz e justiça no mundo. O texto é escrito em grego e também conhecido como um evangelho para os excluídos²¹ da comunidade judaica ou mesmo aos gregos e outros povos e se dúvida com uma devida atenção a realidade histórica da comunidade, que buscava viver segundo os ensinamentos nele proferidos,

Bem no início, o evangelho era anunciado somente aos judeus. O anúncio aos pagãos se deu aos poucos. Começou em Antioquia por um grupo de judeus cristãos que tinham fugido de Jerusalém por causa da perseguição. Eles chegaram a Antioquia e, com toda a naturalidade, começaram a anunciar a Boa-Nova não só aos judeus, mas também aos pagãos “tementes a Deus” (At 11, 20-21). (MESTERS, 2009, p.10).

O teólogo Carlos Masters, a partir de uma leitura histórico crítica da bíblia, compreende que o texto de Lucas, apresenta em seu corpo uma estrutura que parte da universalidade da salvação em Jesus, partindo em sua genealogia de Jesus, até chegar em Adão, ou seja, todos estamos ligados a mesma origem salvadora. Tal ponto para comunidade de Lucas é fundamental, uma vez que os grandes ouvintes de seu texto, são os gentios e judeus longe de Jerusalém, mais propriamente na Antioquia e comunidades que se estabeleceram a partir da evangelização de Paulo.

²¹ L'évangile de Luc comprend une documentation importante qui ne se trouve pas dans les autres évangiles. Cette documentation insiste souvent sur les femmes, les pauvres et la classe inférieure. Le témoignage de Luc offre donc un message d'espoir à tous grâce à la vie et au sacrifice expiatoire de Jésus-Christ. Cet accent est aussi en accord avec le livre des Actes, dont le sujet principal est la mission auprès des Gentils (Département d'Education de l'Eglise, Nouveau testament, Manuel d'I' instructeur, 2000, p. 72).

Paulo de Tarso, objeto de estudo do trabalho supracitado de Dussel, caminha junto a Lucas, que segundo, a tradição seria o médico autor dos textos: Atos dos Apóstolos e Evangelho, direcionados, a Teófilo.²²

Finalmente, Lucas, dedica seu livro a Teófilo, conforme o uso dos escritores helenísticos. Teófilo não era, evidentemente, o único destinatário: Lucas tinha em vista um público bem vasto. Mas poderia ser útil colocar a obra sob o patrocínio de alguém altamente situado, talvez mesmo de um mecenas, o facilitaria a sua difusão. (GEORGE., 1982, p.9).

A teologia de Lucas é entendida em diálogo com as fontes de ensinamentos de Paulo e sua interpretação da palavra e vida segundo o que Jesus ensinava, assim como das fontes de Marcos, Mateus e uma fonte oral, chamada fonte Q²³. Lucas, Marcos e Mateus, formam os chamados evangelhos sinóticos, pois carregam consigo uma semelhança peculiar aos acontecimentos da revelação em Jesus.

O problema surge do acordo substancial de Mt – Mc – Lc no contexto e na forma, e das numerosas e surpreendentes divergências nos detalhes. [...] É importante que o problema seja abordado, o problema do “fato sinótico”. Certos termos são empregados para simplificar a discussão: por “tríplice tradição” se entende o material que se encontra em Mt-Mc-Lc. (MCKENZIE, 1983, p.887).

O autor John Mckenzie, no Dicionário Bíblico, 1983, nos auxilia a compreender o processo de construção exegética dos textos bíblicos, como no caso de Lucas, aprofundando os diversos elementos que compõe o texto, trabalhando o uso da linguagem, a construção das passagens em paralelo com as perspectivas históricas das comunidades e a compreensão do objetivo do texto.

Contudo, cada autor, carrega consigo particularidades do anúncio do Reino, assim como já dito, em Lucas, a salvação é universal, está aberta a todos os povos. Não existe entre nós melhores ou piores, mas todos podem viver o processo de transformação proposto por Cristo, para uma vida nova em um mundo novo.

Aqui cabe, olharmos uma influência da teologia Paulina, que ao apresentar no concílio de Jerusalém²⁴ que todos podem ser batizados, amplia o universo de salvação e aliança de Deus com a humanidade. “Essa abertura foi aprovada por Pedro (At 10, 44-48;

²² Cf. MACKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1983. P. 556

²³ Fonte Q é sigla referente a Q= Quelle. A fonte Q teria servido e influenciado a constituição dos textos sinóticos, em umas das teorias de concepção dos textos.

²⁴ Cf. At 15, 1-29

11, 15-17), foi continuada por Paulo e, no fim, foi confirmada pelo Concílio em Jerusalém (At 15, 7-29). (MASTERS, 2019).

Em Lucas, a mensagem de libertação deve ser anunciada preferencialmente aos povos excluídos e marginalizados. Foi por estes que Deus se fez conhecer, justamente para libertar da mão dos poderosos de seu tempo, que menosprezam a aliança e a palavra de vida proposta por ela.

O evangelho busca construir uma relação de diálogo com diversas vertentes de seu tempo: religiosos de seu tempo (Lc 11, 37-53; Lc 13, 10-17), romanos (Lc 7,1), senta para comer com cobrador de impostos (Lc 5, 27-32), tem os pés ungidos pela pecadora (Lc 7, 36-50), lembra em parábolas sobre os empecilhos que a riqueza e avareza podem causar ao coração humano (Lc 14 28-33).

Em sua escrita, sempre existe a possibilidade de uma retomada da vida, e retorno, que podemos ver na parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32), que retorna a casa após gastar todo seu dinheiro em uma vida de abusos e ganâncias, apresenta a conversão e a promessa da vida eterna ao ladrão na cruz (Lc 23, 39-43) e no cântico de Maria, anuncia que Deus, “Famintos repletou de bens, e ricos despediu sem nada” Lc 1, 53, pois estes não haviam compreendido a salvação no meio deles, elucidando ao leitor, o caráter da passagem e da prática do anúncio.

Os relatos apresentados no texto de Lucas, revelam uma comunidade em perseguição, que está em caminhada que em seu evangelho é Cristo. A importância do local histórico no texto de Lucas remete, a busca de uma historicidade, na qual insere Jesus em uma realidade transformadora, com suas perspectivas culturais, políticas e sociais que devem ser transformadas,

“Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado (Lc 2,1). Com essas palavras, Lucas introduz a sua narrativa sobre o nascimento de explica por que este aconteceu em Belém: um recenseamento, com a finalidade de determinar e depois cobrar impostos, é a razão pela qual Jose com Maria, sua esposa que está grávida, se desloca de Nazaré para Belém. [...] Para Lucas, o contexto histórico-universal é importante. Pela primeira vez, é registrada “toda terra”, a ecumene no seu todo; pela primeira vez, há um governo e um reino que abraça o orbe; pela primeira vez, há uma grande área que vive em paz, onde os bens de todos podem ser registrados e postos a serviço da comunidade. (RATZINGER. 2012, p.53).

O texto de Lucas, caminha do anúncio do antigo testamento na pessoa de João Batista, que foi anunciado pelo anjo de Deus para seu pai dentro do Templo em Jerusalém (Lc1 5-23) para a acolhido do novo, com a mensagem de libertação que agora se concluí

em Jesus, anunciado pelo anjo a uma mulher, em uma cidade até então desconhecida Nazaré, da Galileia (Lc 1, 26-38). O povo que caminhou pelo deserto em busca da terra, fugindo da escravidão e da opressão do poder egípcio, agora atravessa o rio Jordão no batismo de Jesus e com ele caminha à Jerusalém.

Para chegar ao centro do mundo, onde aqui entendemos ser o centro dos debates e sair das periferias sociais e existenciais, existe um ponto de partida e para comunidade de Lucas, é Nazaré da Galileia, local onde Maria, mãe de Jesus, teria recebido o anúncio de sua concepção. Nazaré não aparece em nenhum texto do antigo testamento e de lá não surge nenhum grande profeta. (RATZINGER, 2012).

Jesus em Lucas não é o messias esperado, por parte da comunidade judaica, que parte esperava um rei, outra um líder militar e até mesmo um eremita. Ele não vem das elites religiosas. O anúncio de João Batista ocorre dentro do templo ao seu Pai Zacarias, representando o apego do povo judeu ao templo de Jerusalém, que já havia sido destruído pelos romanos, no momento da escrita do texto da comunidade de Lucas. Jesus, representa um novo momento, uma nova aliança, seu anúncio é feito em uma casa humilde, em uma vila simples e pobre, seu reino não virá de acordo com o esperado pelos poderosos, mas para transformar todo o mundo. (RATZINGER, 2012).

Sendo assim, Lucas no capítulo 4, busca deixar claro para quem essa mensagem de libertação é dirigida, tendo nos primeiros atos de Jesus uma leitura da passagem do livro de Isaías, que crava para quem é o anúncio do Reino, como vemos nos versículos,

18 O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, 19 e para proclamar o ano aceitável do Senhor.

A partir daí, segundo o evangelho tomado pelo Espírito (pneuma), Jesus toma a sua missão de ir, assim como a palavra o remete, ao ar, a fluidez, o anúncio de Jesus, não pode ficar parado, a libertação deve ser ação e prol aqueles que sofrem frente as prisões de nossa sociedade.

3.1 Evangelho de Lucas e o Cristianismo da libertação em Paulo Freire

Após apresentar de forma sintética as bases bíblicas que compõem o trabalho, vamos agora debater a sua relação com as ideias freirianas, ao compreendermos que as discussões apontadas por Freire, dialogam com o processo de transformação da vida da

comunidade apresentada em Lucas. Ambos, discutem, uma integração daqueles são oprimidos e perseguidos, cada qual, em seu contexto de dominação em opressão.

Segundo Paulo Freire, 1978, é necessário romper com a cultura do silêncio que oprime as massas diante de uma cultura de classes opressoras. Sendo assim, novamente aqui tomamos a característica de libertação necessária diante da realidade latino-americana da Palavra presente no texto de Lucas, que dialogou com a realidade de opressão de seu tempo.

Em Lucas, Jesus faz um caminho de peregrinação junto à comunidade, partindo das periferias da Galileia até o centro de seu tempo, Jerusalém. Seu caminho é profético e libertador, deve dialogar com o coma realidade que urge diante dos seus olhos e anunciar a verdade que consiste na libertação da opressão. (GEORGE, 1982). Sendo profético, é conseqüentemente, revolucionário, pois rompe com as leituras de seu tempo, repensando o papel a Aliança com Deus com seu povo, assim como, coloca em xeque a resposta do povo a esse projeto de salvação.

Freire, 1978, vê que este movimento profético, é o que move e transforma a igreja em um movimento de vida, que liberta o povo diante da opressão. Não é a igreja que liberta, mas o povo constituindo em consciência de comunidade, se opõe a opressão estabilidade e os mitos impostos pelas elites.

Uma leitura de Lucas, a partir da ótica freiriana, nos propõe uma leitura da educação universalizada, assim como o anúncio no evangelho. A salvação cristã não é privilégio de um povo, assim, como a educação não é. Não é mérito, mas direito de todos a ser conquistado e ter uma vida plena em abundância.

Freire rompe com discurso e manutenção do opressor, quando propõem uma educação que parte da realidade do povo, para transformar o meio em que vive e constituir um mundo novo. (FREIRE, 1986). A comunidade de Lucas, rompe com uma salvação presa ao templo e leva as periferias do mundo, no qual todos tem acesso. Ambos os projetos, se tornam reais, em um processo de transformação, a práxis, se dá na caminhada, em diálogo do eu, com o outro. Um diálogo com as políticas de seu tempo e sua realidade. O ser não é visto como um objeto, mas como um ser-mais (FREIRE, 1986), que inevitavelmente deve lutar para mudar o mundo que vive.

Nos pautamos assim, que a educação enquanto processo libertador, também passa e tem como um instrumento a dignidade humana constituída nos textos dos evangelhos e na concepção humanista presente nos discursos de Jesus, que devem causar, união e não divisão entre os povos.

Fica presente no texto, uma característica formativa, que deve auxiliar a comunidade que lê o texto, a uma nova vida, um projeto educacional da emancipação do ser humano diante das intolerâncias de seu tempo, seja ela no contexto do século I, seja no século vinte ou na atualidade, meio a crises econômicas, pandemia mundial e crescentes discursos fascistas²⁵ pelo mundo, alinhado a discursos protecionistas diante das crises migratórias, alimentando um certo nacionalismo.

Não podemos esvaziar o texto bíblico e apenas contextualizá-lo no campo do religioso ou de uma dimensão que não é concreta. A teologia, o pensar do Cristo em seu tempo pelas primeiras comunidades, é um pensar filosófico, que tem no centro, a humanidade de Jesus e sua comunidade.

Essa filosofia cristã, nos alerta, a profundidade política presente no texto, que nos leva a questionar os problemas do homem segundo o seu período e quais respostas a teologia lhe oferece. Em Lucas, essa resposta passa pelo caminho do local da salvação, que não é apenas escatológica, mas real, diante das perseguições de seus opressores.

Segundo Giovanni Reale²⁶, 2017, não será mais possível filosofar fora da fé, como se a mensagem bíblica jamais tivesse ingressado na história. A reflexão teológica proposta pelas primeiras comunidades, pelos padres da patrística nos primeiros séculos, emerge diante da realidade e necessidade de seu tempo e buscam constituir uma relação de entendimento, no qual a comunidade se compreende como parte do texto lido e como parte integrante do processo de mudança.

Os problemas apresentados biblicamente, refletem discussões que permeiam as vidas humanas, o se entendimento de ser, o bem, o mal, o certo e o errado. Segundo Reale, no mesmo livro, os filósofos gregos, como já vimos, fazem uso do mito órfico, para representar o seu entendimento do bem e do mal presente no homem. Tal entendimento permeia as relações filosófica, rompendo o entendimento do mito por si só, possibilitando assim também na passagem bíblica uma compreensão mais ampla da sociedade.

No caso, do mito dionisíaco, a parte má que nos constitui, são os fragmentos dos titãs em nós, para o mito da criação, nos deparamos com pecado original. Em ambas as reflexões culturais, é necessário um processo de purificação para que o homem se volte a sua luz primeira, a ser como o deus ou viver no reino de deus.

²⁵ <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/48115/eua-discurso-de-trump-e-heranca-do-fascismo-diz-historiadora-da-usp> último acesso em 10/05/2021.

²⁶ REALE, Giovanni. Da Antiguidade a Idade Média. Paulus, 2018.

O importante aqui é notar o diálogo que o mito deve fazer com a realidade, como instrumento para o entendimento dos processos vividos. Obviamente, existe uma linha tênue e cuidadosa em tal diálogo, como pensarmos a colocação de Paulo a Coríntios, onde ele aponta, “A linguagem da cruz, é loucura para aquele que se perdem, mas para aqueles que se salvaram, para nós, é poder de Deus” (1Cor 1, 18). Se é loucura, não é razão, o que seria um contrário ao ser filósofo, contudo, mesmo Paulo, deve ser lido em diálogo com as comunidades de seu tempo.

Pois é mesmo em Paulo, que se conceberá biblicamente que a humanidade não se constitui apenas de corpo e alma, mas em três dimensões que o unificam: Corpo, Alma e Espírito. O último, é justamente a abertura a plenitude da sabedoria, que para o cristão vem plenamente de Deus. Temos uma nova concepção ontológica do ser, que afirmada por São Tomás Aquino, nos faz pensar ser impossível, visualizar o ser humano em uma visão restrita, ou seja, apenas material.

Portanto o inconciliável, se faz conciliável e necessário para o entendimento do ser humano como um todo, ambos compreendendo, que a busca do ser se faz, no autoconhecimento e na libertação das amarras da ignorância que é a causa da injustiça e sofrimento no mundo, através do mal, que gera o egoísmo e opressão do mundo, assim como Freire diante de seu período.

Esse ser visto como um todo, pode ser entendido, como o ser-mais, apontado por Freire, na Pedagogia do Oprimido, 1986, que não deve ser reduzido a uma vida alienada, limitado em seu conhecimento e vida, para sustentar os privilégios das classes altas. Esse ser, é o que segundo Lucas, sai da periferia do mundo e parte para o centro de poder, em uma caminhada de transformação, não apenas da si, mas da realidade que o circunda.

Assim, como vemos a busca do conhecimento e o entendimento do que seria o verdadeiro filósofo no Fédon, o uso do mito da caverna nos sugere um pensar a educação como fuga da escuridão em busca da luz. Analisaremos a passagem da transfiguração em Lucas, nos atentando assim, aos símbolos presentes em sua escrita, como elementos que nos ajudam a constituir um processo educacional na comunidade, ou seja, o eu que se faz com o outro, sempre diante da luz.

3.2 A transfiguração em Lc 9, 28-37, como processo educacional libertador.

Para constituir a análise da perícopa da transfiguração em Lucas, iremos nos pautar no método histórico- crítico, no qual levamos em consideração, alguns aspectos já

apontados, como a autoria e para quem é redigido o texto. Não pautaremos em buscar fazer uma análise exegética minuciosa de cada termo presente no texto, consideramos a partida da leitura de hermenêutica do texto, apresentada por Francisco Orofino e Carlos Masters, para adentrarmos o campo teológico do texto, nos aproximando da interpretação de Karl Schelkle e Augustin George, no processo metodológico.

Citamos, Mesters e Orofino, em sua obra, *Crescer em Amizade: uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas*, 2019, pois se baseia em uma hermenêutica do evangelho de Lucas, construída em diálogo com os dois autores, em uma perspectiva humana do texto, analisando o processo educacional do texto lucano, pontuando elementos chaves das diversas passagens presentes dentro do texto.

A perspectiva de nosso estudo se volta a passagem da transfiguração, que apresentaremos de maneira integral em um primeiro momento e que será dividido em partes, posteriormente, para uma análise minuciosa, dos elementos do texto que utilizamos como processo de transformação da consciência. Processo esse em que Jesus e os discípulos realizam sua caminhada para Jerusalém onde o Reino deveria se cumprir em plenitude com o *exodus* de Jesus em Jerusalém, segundo a passagem Lc 9, 28-37.

28. Passados uns oito dias, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar. 29. Enquanto orava, seu rosto ficou diferente e as suas vestes branca e fulgurante.

30. E eis que falavam com ele dois homens: eram Moisés e Elias, 31. que apareceram envoltos em glória, e falavam do êxodo de Jesus, que se havia de cumprir em Jerusalém

32. Ora, Pedro e seus companheiros eram oprimidos pelo sono; mas ficando acordados, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam de pé junto dele. 33. E aconteceu que, quando eles se separaram de Jesus, Pedro disse: “Mestre, é bom estarmos aqui. Podemos levantar três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias!...”. Ele não sabia o que dizia.

34. Mas, enquanto ainda assim falava, veio uma nuvem e os envolvia, então temeram ao entrarem na nuvem. 35. Então, da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho escolhido; ouvi-o!”

36. Quando veio a voz Jesus se achava sozinho. Eles guardaram silêncio e, naqueles dias, não contaram a ninguém o que tinham visto. 37. E aconteceu que, no dia seguinte, enquanto eles desciam do monte, uma grande multidão veio ao encontro dele. (Evangelho e Atos dos Apóstolos – novíssima tradução, 2013).

A partir da análise textual em sua construção e contexto de escrita, nos pautaremos em analisar elementos presentes no texto, identificando os símbolos e seu significado na pedagogia presente no texto e o que pode nos iluminar na perspectiva freiriana. Importante se frisar o aspecto que a leitura da passagem como mito, onde se visa, analisar os aspectos que tal leitura em sua mais ampla complexidade, pode nos mostrar (GIRARD,

1997). O Mito não é um faz de conta, mas uma leitura sobre a realidade que se apresenta. A transfiguração, está localizada em um movimento chave, do qual Jesus partiu da periferia, a Galileia, e agora, partia para o centro cultural de seu tempo, que era Jerusalém.

Portanto, pautaremos em compreender os símbolos presentes na passagem, como modo de se compreender seus significados no âmbito formativo do ser humano, e sua contribuição ao se pensar o ser educando, em contraponto aos símbolos apresentados no mito da caverna.

Sendo assim, analisaremos a passagem da transfiguração, separando-a em partes e apontando os versículos presentes no capítulo nove de Lucas. Na perícopes entre os versículos 28 e 29, nos deparamos com alguns pontos de grande importância que nos conduzem ao pensamento reflexivo do texto.

28. Passados uns oito dias, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu ao monte para orar. 29. Enquanto orava, seu rosto ficou diferente e as suas vestes branca e fulgurante.

Primeiro, Jesus toma consigo dois companheiros, para subir o monte. A escolha de Jesus de não ir sozinho, apresenta a importância da comunidade, a experiência que vai se realizar, não se faz sozinho. Pedro e Tiago, são os nomes de grande representatividade, uma vez, que representam os seguidores que estão em mais diversas localidades, de Jerusalém a Antioquia, dois nomes, que apresentam os primeiros debates eclesiais nos Atos dos Apóstolos (At 15, 7-12; 15, 13-19) época do escrito de Lucas, dialogavam com a realidade de dominação romana.

Em comunidade, se faz o “subir ao monte”. Ao contrário do mito platônico, a comunidade não está na escuridão, mas no mundo real, mesmo que esteja alienado a uma realidade política e social, existe aqui um movimento de libertação, no ato de “subir”, a comunidade toma impulso a mudança de sua realidade, não de maneira individualista, mas em um processo formativo, a educação se dá junto ao outro.

O monte remete ao compromisso com a libertação, momento que representa o início do caminho da cruz, assim como na passagem do monte das oliveiras (Lc 22, 39-46) que culmina na sua crucificação em Jerusalém. O processo diante dos desafios, dores, cansaços, sofrimentos, acontecem junto ao outro, não estando só, mas juntos em um processo libertador. (GEORGE, 1982).

Na tradição semítica vai se dar como uma tradição de revelação, momento de ascender a compreensão do mundo que está inserido. Assim, foi na experiência de Moisés

(Ex 3, 14), quando *YHWH* (Javé), se revela e denuncia a realidade de seu povo, que sofre diante da escravidão no Egito.

Do monte, parte o anúncio que o Senhor (Deus), “escuta”, “vê”, “sente a aflição de seu povo” (Ex 3, 7) e clama para que Moisés, caminhe diante do faraó egípcio, que apresenta a libertação do povo, que não mais deve ser oprimido por um projeto que não é aquele que Senhor preparou para os seus.

Assim, também é no monte que segundo a tradição do pentateuco, este mesmo Deus, vai entregar a Moisés o decálogo, os dez mandamentos, que devem conduzir o ser ético em Israel. (MICKENZIE, 1983) assim, como no caso de Moisés, ao subir ao monte, existe a necessidade do retorno para a práxis, ao meio que está presente, para que como um povo, esses libertos agora caminhassem para a terra prometida

No monte, no versículo 29, acontece, uma experiência na qual as vestes de Jesus, ficam cheias de luz. A luz se dá como princípio de uma revelação que ocorre naquele momento. Algo superior a compreensão daqueles que ali estavam presentes. A luz deve representar aqui a presença do divino em meio a eles, assim como um clarão guiou o povo liberto do Egito no deserto e que glorificou Moisés. (Ex 34, 29-30). A luz assim, ilumina, guia, não apenas um indivíduo, mas todos os presentes, são contemplados diante de uma experiência transformadora. (GIRARD, 1997).

Segundo análise, nos versículos 30 e 31,

30. E eis que falavam com ele dois homens: eram Moisés e Elias, 31. que apareceram envoltos em glória, e falavam do êxodo de Jesus, que se havia de cumprir em Jerusalém

No momento da Luz que se apresenta nas vestes de Jesus, o texto nos apresenta a introdução de dois personagens de grande importância na comunidade judaica, tal como Pedro e Tiago no séc. I às comunidades cristãs. Moisés e Elias, representam a história profética do povo judeu. A luz é revelação, assim como a luz no mito de Platão, remete ao conhecimento, aqui ela anuncia algo grandioso e transformador se apresenta.

Existe uma continuidade presente no texto, que representa a tradição da comunidade. A revelação, ou conhecimento, como tratamos aqui, não estava unicamente ocorrendo naquele momento específico, mas se deu ao longo do processo histórico do povo. Tanto Moisés, quanto Elias, lidaram diretamente com os problemas de seu tempo e buscaram responder as necessidades para o seu povo.

Segundo Freire, 1978, no seu livro *Os cristãos e libertação dos oprimidos*, a atuação de uma Igreja profética, se dá em um claro processo de diálogo com a realidade

e a construção de umas práxis inovadora, revolucionando e transformando as estruturas. O contrário disso, é uma igreja, que se fecha a realidade, que não escuta o clamor de seu povo e se torna um aparelho de condicionamento.

A consciência educadora que busca se estabelecer, é de um compromisso de atuação para a prática daquilo que estaria por vir, pois, fala-se do ir à Jerusalém, ou seja, uma ação necessária se faz para complementar o momento de iluminação, não restringindo a experiência um grupo, mas a todos.

Agora, o conhecimento se dá na realidade do povo, junto ao povo e sua história, desde Moisés, passando por Elias, até em Jesus e seus companheiros. A libertação anunciada em Moisés no livro do Êxodo, ainda deve ocorrer na comunidade de Lucas, é movimento libertador, de transformação. A experiência em Moisés da libertação da opressão do povo Egípcio, agora era a libertação da opressão da mão romana.

A passagem faz uso da palavra, êxodo (*ἔξοδος*), que remete a ação de saída, em uma leitura mais ampla, pode nos levar que o êxodo de Jesus em Jerusalém, é sua partida ao Reino dos Céus, com sua morte e ressurreição, como sugere as traduções latinas com uso da palavra “*excessum*”²⁷. Poderia também ser entendido como processo de libertação do povo, lembrando a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito junto a Moises.

Um ponto interessante é que no monte, se dá o entendimento histórico da ação da comunidade, o entendimento não é abstrato, mas está em Jerusalém, o centro das atenções no movimento do evangelho de Lucas, que é essa caminhada até o centro do mundo do povo judeu.

O êxodo em Jerusalém, pode ser entendido, como o ir das periferias para o centro de poder, para o meio do diálogo do mundo, entre opressores e oprimidos. Jesus Iria se deparar com a morte em Jerusalém, condenado, assim como muitos da sua comunidade seriam e ainda são levados ao martírio.

“Esta “saída” é, ao mesmo tempo, a morte de Jesus e seu arrebatamento na glória; o termo (saída) pode também evocar Moisés levando Israel para a liberdade e para a sua terra, e definir a missão de Jesus junto de seu povo. (GEORGE, 1973, p.32).

Em Moisés, no Livro de Êxodo, a libertação do povo que atravessa ao mar (Ex 14, 22), para caminhar a terra prometida, agora no evangelho de Lucas, também deve descer

²⁷ Pesquisa realizada na Biblioteca de Obras Raras – Universidade São Francisco, como meio de contextualizar que a leitura/tradução, condiz com a imagem revelada de Jesus em diálogo com o seu tempo. As obras analisadas datavam o meio e fim do séc. XIX, onde nos deparamos com o fortalecimento da imagem do Sagrado Coração de Jesus e as devoções, como do apostolado, legionários entre outras.

do monte para dialogar novamente com sua realidade que a comunidade está inserida. O termo também se traduz, como travessia, ou passagem de Jesus, travessia, usada por Freire, 1978, justamente, aponta o movimento de diálogo necessário para dimensão profética, ou seja, a consciência da realidade que está inserido, uma educação que não se estagna, mas sempre se coloca em movimento.

O processo de conhecimento que se dá no monte, não é instantâneo, mas ocorre em um processo histórico de diálogo, com sua história, compreensão de sua realidade e práxis. A práxis, a prática da justiça e liberdade, deve ocorrer em Jerusalém, assim como os leitores das comunidades atuais, deve se questionar, “onde fica nossa Jerusalém, para que realizemos nosso êxodo? ”.

O movimento de retorno do monte e ir até a Jerusalém e encontrar-se com a morte, sugere que Jesus, assume, toma a responsabilidade de seus atos para transformar o mundo e convida a sua comunidade ao mesmo movimento. Uma vez se abrindo ao conhecimento proporcionado de sua realidade, o descer é também uma decisão de cada um, diante da realidade, onde se deparado com esse movimento, não podemos ficar estagnados, mesmo que este movimento nos leve ao martírio.

Seguindo análise, nos versículos 32 e 33,

32. Ora, Pedro e seus companheiros eram oprimidos pelo sono; mas ficando acordados, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam de pé junto dele. 33. E aconteceu que, quando eles se separaram de Jesus, Pedro disse: “Mestre, é bom estarmos aqui. Podemos levantar três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias!...”. Ele não sabia o que dizia.

No início do texto no versículo 32, o texto diz, que são ‘oprimidos pelo sono’, o uso dessa imagem representa uma primeira tentação nesse recorte, pois o sono, pode ser visto como a entrega ao pecado, aqui, como não compreensão do conhecimento que se apresenta, tentação de não compreender a realidade que se apresenta diante dos seus olhos.

O sono, (GIRARD, 1997), é um elemento utilizado em diversas dimensões bíblicas como o repouso para o diálogo com Deus, assim como, pode ser entendido, como o fechar de olhos ao pecado social, pois foi ao adormecer que Dalila trai Sansão (Jz 13-16) e ele não tem mais forças para lutar diante do inimigo de seu povo. Contudo, o texto nos apresenta, que eles lutaram para manter-se acordados. Deve se lutar para manter a lucidez diante da realidade, ou seria, assim, uma luta contra alienação social proposta pelo capital.

Outra tentação presente nesse trecho é no versículo 33, que após manter-se atentos ao conhecimento que se revela no entendimento da história do povo e a libertação eminente e necessária em sua realidade, é a tentação do acomodar-se. Como apresentado, a conscientização, propõe movimento, travessia, o que não dialoga, com o desejo de estagnar-se.

A tenda representa a presença do Senhor, em hebraico, *mishkan*, “morada” (MACKENZIE, 1983) uma experiência com o sagrado, era tenda, ficava o santo dos santos junto ao povo no deserto, a arca da aliança, o deus que havia libertado o povo do Egito e caminhava junto a seu povo e se revelava (Ex 33, 7-11; Nm 11, 24s; 12, 4-10). Ao propor uma tenda no monte, o projeto é de estar com Deus, ou seja, envolto da glória, que é necessariamente, distante do pecado, da opressão que se revela diante do mundo, mas tal como diz o texto, “eles não sabiam o que diziam”, pois a essa iluminação, não os deveria impulsionar a ficar, mas ir adiante da realidade vivida.

O processo de despertar da consciência no mito da caverna é uma elevação, o verdadeiro filósofo, agora ascende a ser como os deuses segundo Platão, cria um distanciamento dos ignorantes que vivem na escuridão da caverna. Ele permanece na luz e conduz para aqueles que não tem, existe um êxtase, uma situação de estar em estado de glória, em estar e ser como os deuses, mas isso não pode ocorrer na transfiguração em Lucas.

A tenda representa segurança, como vemos no texto supracitado, “é bom estarmos aqui...”, contudo, a consciência não é momentânea, ela é transformadora da realidade ou não é de fato uma ação consciente, deve ser um processo, que aqui, necessita do retorno do eu, para com o coletivo, com a comunidade que deve também fazer esse processo dialético para o conhecimento, (FREIRE, 1970).

Esse processo dialético em si, é um movimento educador, de ascensão ao conhecimento, a luz no monte, mas sobretudo, de compreensão da realidade que estava inserido e retornando a ela, se tornar agente da mudança, da transformação necessária diante da opressão de seu tempo. Assim, como Pedro e Tiago, a comunidade vive este diálogo de tentação, onde o conhecimento, pode se tornar um privilégio, um mérito diante dos demais, deixando de ser um processo de libertação, mas de opressão.

Seguindo análise, nos versículos 34 e 35,

34.Mas, enquanto ainda assim falava, veio uma nuvem e os envolvia, então temeram ao entrarem na nuvem. 35.Então, da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho escolhido; ouvi-o!”

Outro elemento do qual nos deparamos é a nuvem aqui, como manifestação epifânica de Deus, da nuvem se revela um mistério que proclama em Jesus uma liderança a ser ouvida. A nuvem não cobre apenas Jesus, mas aos discípulos também, unindo como um só, ouvem e agora devem se colocar em ação diante do conhecimento da Palavra (LÉON-DEFOUR, 2013).

Diferentemente da experiência antes apresentada no livro de Êxodo, onde a nuvem cobre o topo do monte, distante do povo, agora a nuvem permeia a comunidade que busca a luz como um todo e todos ali escutam a revelação, que anteriormente, se apresentava de maneira individual, como uma revelação do altíssimo através do anjo do senhor. (Gn 16, 7; Gn 22, 11; Ex 3, 2).

Ao ouvir, segundo a tradição hebraica, não é apenas prestar atenção, mas também abrir o coração e pôr em prática aquilo que aprende (LÉON-DEFOUR, 2013). Existe uma interiorização daquilo se aprende que se completa na prática para transformação do mundo segundo este ensinamento. O pecado, é justamente fruto de que o homem, se fecha a ouvir a libertação anunciada e assim se cala diante da opressão, como um filho que se revolta contra o seu pai (MACKENZIE, 1983).

Ao todo aqui, nos deparamos com três tentações dentro deste texto que podem contribuir para não um processo de educação libertadora, para transformação da vida, mas um processo alienador e de manutenção dos processos vividos. São eles: Fechar os olhos a realidade e adormecer; ficar acomodado diante do conhecimento e privar a libertação e por último, viver a experiência libertadora, ouvir, mas não colocar em prática, o que significa, que a Palavra não foi interiorizada.

Segundo análise, nos versículos 36 e 37,

36. Quando veio a voz Jesus se achava sozinho. Eles guardaram silêncio e, naqueles dias, não contaram a ninguém o que tinham visto. 37. E aconteceu que, no dia seguinte, enquanto eles desciam do monte, uma grande multidão veio ao encontro dele.²⁸

Eis que nos versículos 36 e 37, a figura de glória e luz do conhecimento desaparece e o texto diz, que “Jesus se achava sozinho”. Ao se deparar com a solidão, nos deparamos com aquilo que somos. Abrir os olhos, se levantar, ouvir e colocar em prática a libertação é sempre uma resposta pessoal em meio ao coletivo.

²⁸ (Tradução: Evangelho e Atos dos Apóstolos – novíssima tradução, 2013).

A experiência de libertação vai ser sempre concluída e vivida plenamente a coletividade, contudo, o agir, o sim, são respostas pessoais, em meio a um processo de transformação da consciência. Na passagem supracitada diz, “Eles guardaram silêncio...” O silêncio aqui não é o medo, mas o lugar da reflexão. Houve a luz, a voz, os gestos concretos de abrir ao processo de transformação. Agora é momento da reflexão, o pensar do agir, em como agir, diante do agora.

Para Freire, o processo de transformação da consciência se constitui em três etapas: Ver, Julgar e Agir. No silêncio, é chegado o momento da vida em comunidade, ao retorno a realidade da vida junto aos outros e com eles se constituir um povo livre diante da opressão. Diante de sua realidade de sofrimento, tendo em vista as Pax Romana, a perseguição aos nazarenos, a comunidade vive um processo transformador, a educação aqui, o faz subir o monte, mas principalmente, o faz retornar para junto da sua realidade, para então revolucionar o meio em que vive.

Sendo assim, eles descem o monte, quando então, vemos no texto, “uma multidão vinha de encontro deles”. Aqui é importante o ato de voltar a realidade, se é que subir ao monte significa de fato, um momento de iniciar seu processo transformador. Ao descer, a multidão vem ao encontro. O verbo vir, presente na ação da multidão, reflete, a comunidade que busca e anseia a sua libertação.

Assim, como Pedro e Tiago, tiveram que resistir as tentações impostas pelo conhecimento, a multidão que se aproxima também o terá que fazer sua experiência individual e coletiva da libertação. A decisão individual para prática coletiva é elemento crucial para assumir o processo de conscientização proposto em nossa leitura.

Somente uma educação verdadeiramente libertadora, colocará a comunidade em uma fraternidade transformadora da realidade, que deve constituir um novo mundo, uma vida nova. Uma educação libertadora, deve enfrentar as tentações do egoísmo e do poder, não sendo mais um instrumento de lideranças de massas, mas um no meio de um povo livre plenamente.

3.3 Educação libertadora e o êxodo em Jerusalém.

No texto a metáfora usada para descrever a transformação e subida do monte é que sua aparência ficou diferente, suas vestes brancas fulgurantes. A partir deste momento e da visão de Moisés e Elias, tem-se o entendimento que deveria partir à Jerusalém, que na leitura do evangelho se encontra como lugar da revelação para transformação mundo.

Com isso, tomamos que este livro a toma, como consciência da comunidade, uma marca de ação frente às exclusões que ocorriam em seu tempo, mas que ainda ocorrem atualmente. Jesus, ao fazer a leitura de Isaias, segundo Lucas, mostra que o tempo da Graça se iniciou e que a espera por justiça e paz finalmente acabou. O Reino se inicia agora, pela transformação, que se inicia com a consciência da comunidade, que toma sua ação para a prática diária, eis a saída (*exodus*) de Lc 9, 31.²⁹

Esta “saída” é, ao mesmo tempo, a morte de Jesus e seu arrebatamento na glória; o termo (“saída”), pode também evocar a obra de Moisés levando Israel para liberdade e para a sua terra, e definir sua missão de Jesus junto a seu povo (GEORGE, 1982, p. 32).

Esta passagem é seguida pela leitura e entendimento da passagem da transfiguração, onde Jesus, ao subir a montanha, se depara com Moisés e Elias, os dois grandes profetas do Antigo Testamento, momento ao qual Jesus teria entendimento do mistério de sua ação em meio à construção de um novo mundo.

Contudo, no contexto da teologia da libertação na América latina, as traduções portuguesas, nos apresentam a palavra “morte”, “*e falavam da morte dele...*”³⁰ O que o tradutor quer apresentar, quando faz uso desta palavra aos seus leitores? Mas outra pergunta importante é, qual o sentido da palavra êxodos, para o povo oprimido pelos regimes militares que assaltavam as liberdades e direitos individuais por toda América latina neste momento?

“A preocupação maior não é saber o que a bíblia diz em si, mas o que ela diz para a vida. Por isso, ela é vista como <<espelho>>. Com esse mesmo objetivo os Santos Padres falavam em alegoria, símbolo, tipo, figura, sombra, imagem” (MESTERS, 1983, p.112).

Uma vez que o evangelho deve transformar a consciência da comunidade, no processo de *metanoia*, ao qual chamamos conversão, seria de grande responsabilidade que a leitura fizesse sentido ao seu leitor e que ele em seu manuseio, pode-se encontrar o caminho da libertação apresentada por Jesus.

“...não só um livro de autoridade inspirado por Deus que pede obediência, mas também um livro que traz inspiração de Deus para a vida; traz a força dele para orientar e transformar a existência; a mesma força que deus usou para tirar Cristo da morte. Ela liberta e faz ressuscitar porque ataca a raiz do mal que vicia o relacionamento

²⁹ “Que apareceram gloriosos e comentavam o êxodo que iria se consumir em Jerusalém.”

³⁰ BIBLIA, 1957. Ed. 1971. Tradução Centro Bíblico de São Paulo, “E falavam da morte dele...”

SHELKLE, A. Evangelho Segundo Lucas, 1964. Ed.1972, p. 271. “... lhe falavam de sua morte, que haveria de ter de ugar em Jerusalém”.

BIBLIA, 1980. Vozes. “E falavam de sua morte...”.

humano, pois dá ao povo consciência de filho e de irmão.” (MESTERS, 1983, p. 113).

O movimento de descer a montanha, ir até a Jerusalém e encontrar-se com a morte, sugere que Jesus, assume, toma a responsabilidade de seus atos para transformar o mundo e convida a sua comunidade ao mesmo movimento. Uma vez tendo consciência de sua realidade, jamais podemos ficar estagnados, mesmo que este movimento nos leve ao martírio.

Martírio este vivido por Jesus de Nazaré, com os pobres e excluídos, mostrando total entrega e comprometimento com a libertação do povo como fora anunciado no início do evangelho no capítulo quatro. E que por consequência, nos convida, também ao tomar conhecimento, a assumir os riscos e responsabilidades de anunciarmos boa-nova, denunciar as injustiças e proclamar a libertação dos cativos em meio a uma sociedade opressora que podemos estar vivendo, como nos aponta Paulo Freire,

“Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca. [...] Uma luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido a violência dos opressores” (FREIRE, 2014, p.41, 43).

De fato, nos deparamos com tal leitura e ainda hoje percebemos, que a morte de Jesus de Nazaré, humaniza sua ação, nos aproximando das condições necessárias para viver esta ação. Este ato de educar, é assumir para si a responsabilidade de levar e junto destas pessoas descobrir nossa humanidade.

A opressão não ocorre apenas, com uso das espadas do império romano ou com as armas dos regimes militares latino-americanos, mas com uma sociedade voltada ao tecnicismo ou necessidades econômicas que jamais tendem a atender os menos favorecidos, mas apenas uma casta de nossa sociedade, gerando maior exclusão e a incapacidade de sermos iguais, humana e economicamente.

Portanto, podemos considerar que o chamado de Jesus de Nazaré é para construção de um novo mundo e que esse chamado exige um despertar de consciência de humanidade. Segundo as palavras de Benedito Ferraro, como já apresentado, “Jesus não busca a morte, como aliás nossos mártires e os pobres, hoje, marcados para morrer, também não buscam” (FERRARO, 1993). A morte é consequência da fala fiel e prática, testemunho do Reino até o fim.

O processo educacional assim é um ato revolucionário que constrói na caminhada, no ir e estar adiante de uma estrutura que oprime os mais pobres, sendo somente através dela possível viver uma real libertação e desalienação diante das estruturas. A educação

tal como proposto forma o ser em sua totalidade e o mito da transfiguração possibilita aproximar o ser que vê e julga a necessidade de transformar sua realidade que está inserido, tal como a fé segundo Tiago (Tg 2, 14-25), a educação só realmente se faz quando consegue transformar a sociedade, do eu com outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da construção da dissertação, pudemos compreender a leitura do texto do mito da caverna em Platão, onde nos aprofundamos junto a leitura de Coelho (2021), que nos proporciona uma caminho da leitura educacional no texto, refletindo sobre movimento de saída e retorno a caverna em diálogo com a proposta do texto, em compreender o movimento da transfiguração no Evangelho de Lucas como possibilidade de compreensão de uma educação transformadora, conscientizadora que leva o ser humano se compreender em sua totalidade.

Tal importância deste diálogo é que em 2022, nos deparamos com a Campanha da Fraternidade, com o tema “Fala com sabedoria, ensina com amor (Pr 31,26). A Campanha movimentada pela Igreja Católica no Brasil desde 1964, busca justamente, uma ação cristã que busca despertar junto à comunidade, a solidariedade do povo diante dos problemas concretos de sua comunidade.

Não se permite assim, ler tal construção do texto dessa dissertação apenas no âmbito acadêmico de uma reflexão educacional e teológica, mas sim, de uma ampla reflexão diante das múltiplas realidades educacionais em nosso país. Por quantas vezes, não nos deparamos com processos educacionais, sejam em escolas públicas ou privadas, que elitizam o ensino, segregam e não buscam de fato, uma educação integradora que se preocupa com a formação do ser humano em sua totalidade.

Retomo no início de nossas considerações finais, o conceito apresentado por Freire, de travessia, (FREIRE, 1978) como um elemento de grande importância para delimitarmos que ao findarmos nossa reflexão, não fechamos o espaço, para eventuais contribuições e possibilidades de uma leitura de Freire, ao discurso mítico religioso.

Tal como a reflexão proposta em nossa dissertação, seria de alguma maneira inconveniente, aqui, apontar um resultado e não perceber o movimento que se possibilita com a abertura da reflexão. A educação para Paulo Freire tem como peça fundamental o processo de conscientização, que aqui, possibilitamos em um recorte, compreender a partir da leitura da Transfiguração em Lucas.

Assim como de maneira comum, a educação pode ser apresentada, como um modelo meritocrata, criando divisões e supervalorizando segregações de classes, uma vez que estudantes de escolas particulares acabam tendo maiores possibilidades de acessos a

universidades públicas ou privadas, buscamos aqui, um olhar freiriano que contraponha essa educação seletiva e eletiva.

A educação em Paulo Freire não é mérito, mas um convite a um processo de humanização, estar com o outro, se reconhecer em comunidade é um processo de construção social, do ser humano para sua vida. Se reconhecer em comunidade, como parte integrante da é um processo de humanização de um modo, que a luz não é privilégio ou conquista individual, mas se dá de maneira coletiva e consciente.

A conscientização, a percepção do movimento do monte e retomada a Jerusalém, é o processo educacional que possivelmente Freire aponte, como o entendimento do ser humano que ressignifica sua vida e se coloca adiante dos desafios e imposições da sociedade capitalista.

A passagem proposta teve como objetivo, perceber e compreender uma abordagem que fique clara a proposta freiriano, a conscientização não é imposta ao outro, ou conhecimento. Não é dever criar uma conscientização mecânica, no qual, aquele que se liberta, leva ao outro a libertação de suas amarras. A construção dos capítulos um e dois, nos levam a aprofundar essa reflexão, percebendo as similaridades nas leituras e aquilo que pode nos proporcionar uma visão educacional mais ampla ao olhar freiriano. Quando adentramos o entendimento da leitura da transfiguração, já nutridos da leitura de Platão e Paulo, verificamos um novo olhar sobre experiência do monte na passagem da transfiguração.

No terceiro capítulo, a experiência do monte, é uma experiência individual e comunitária, se faz junto com o outro, portanto, pressupomos que não se pode pensar a educação como processo de conscientização em Freire sem possibilitar a participação ativa e contínua do grupo. Aqui é fundamental perceber as possibilidades da leitura sobre o texto e destacar a perspectiva formativa e educacional, que se preocupa com foco da formação da comunidade cristã, mas em si, é um convite a preocupação a formação do ser humano, enquanto processo formativo, tal como Freire, propõe o processo educacional, que visualiza a formação do ser humano de maneira de integral e construída em comunidade e não uma educação positivada como apresentada no texto.

Nesse processo, a leitura da educação como travessia é fundamental para dinâmica libertadora, que é colocar em movimento de saída, diante das imposições sociais que somos inseridos desde o nosso nascimento. A conscientização desta maneira, não encontra um momento ápice, no qual, o conscientizado, se perceber como libertador, mas

ao contrário, a conscientização, leva a uma busca constante de libertação, de um movimento de inquietação e busca que se dá em conjunto e de maneira permanente.

O grande desafio ao educador é com os estudantes pensar um mundo novo, não apenas um mundo ideal, mas um mundo possível de transformação, que leve a educação enquanto formação humana e não apenas condicionadas as imposições do mercado. Tal condicionamento é talvez a ruptura mais difícil a ser realizada no processo educacional que deve ser transformador, deve ser de percepção de ser-mais, tal como nos aponto Paulo Freire.

A dinâmica da vida de meus pais, apresentada no início da pesquisa, não é aqui, um exemplo de expansão no processo de conscientização, mas uma reflexão possível, diante de diversas famílias que buscam sua dignidade em uma sociedade opressora que responde interesses apenas de elites oligárquicas em sua formatação de governo. O movimento de conscientização proposto é de percepção da realidade que está inserido e a necessidade real de transformação das estruturas.

Portanto, mesmo diante das limitações de nossa pesquisa, muito em consequência do tempo de pandemia, olhamos ao texto e percebemos que foi possível uma ampliação das leituras e os entendimentos de educação em Platão, que poderiam dialogar com outros textos bíblicos, possibilitando um entendimento da educação conscientizadora em Freire, acabando por analisar e fazer possíveis paralelos dos elementos no mito da caverna junto a passagem da Transfiguração, contudo, um elemento que possibilitamos uma reflexão no texto, é a concepção de ser humano, na leitura teológica cristã em diálogo com a concepção freiriana de humanidade, enquanto um deus que se humaniza em Jesus e possibilita, compreender em Freire, um ser humano que se compreende também divino em sua dignidade e por tanto não apenas um ser que deve responder as imposições do mercado de maneira passiva.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**. Petrópolis, Vozes, 2019.
- AGOSTINI, Nilo. Conscientização e Educação: ação e reflexão que transformam o mundo. **Revista Pro-posições**. V. 29, N. 3 (88) | set./dez. 2018 187-206. Acesso em 10 Fev 2019.
- ALETTI, Jean-Noël; GILBERT, Maurice; SKA, Jean-Louis; VULPILLIÈRES, Sylvie de. **Vocabulário ponderado da exegese Bíblica**. São Paulo, Loyola, 2011.
- BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega. v.1. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.
- BERNABÉ PAJARES, Alberto. (2016). Fedón, 69c: ¿por qué los βάρκχοι son los verdaderos filósofos? *Archai*, n. 16, jan.-apr. 2016, p. 77-93.
- BÍBLIA, 1957. Ed. 1971. Tradução Centro Bíblico de São Paulo.
- BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA - **Bíblia do Peregrino**. Comentários de L. A. SCHÖCKEL. São Paulo: Paulus, 2002. Tradução Ivo Storniolo e José Bertolini.
- BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**. 21 ed. Petrópolis, Vozes, 2012.
- CERQUEIRA, Aliana Georgia Carvalho. **Alusão e metáfora em parábolas jesuânicas do evangelho de Lucas** / Aliana Georgia Carvalho Cerqueira. – Ilhéus, BA: UESC, 2014. 107 f. Orientadora: Vânia Lúcia Menezes Torga. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações. Último Acesso em: 29/04/2021.
- COELHO, Allan da Silva. Horizontes de plausibilidade sob a crítica da filosofia: entre luzes, horrores e vítimas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 3, p. 34-51, nov. 2018. Acesso em: 30 Nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v26i3.12470>.
- COELHO, Allan da Silva. Pharmakon e conversão: Um marco categorial do ensino de filosofia. **Anais da 14ª Reunião da ANPEd – Sudeste**, GT 17 – Filosofia da Educação, 8217 - Trabalho Completo, ISSN: 2595-7945, 2020.
- COELHO, Allan da Silva. **Capitalismo como Religião: Walter Benjamin e os teólogos da libertação**. São Paulo: Editora Recriar, 2021.

CONDINI, Martinho. A pedagogia da esperança em dom Helder Camara. REPAE – **Revista Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia**. Volume 2, número 1 – 2016. Acesso em: 05 Mai 2021.

DUSSEL, Enrique. **El humanismo helénico**. Buenos Aires: EBA, 1975.

DUSSEL, Enrique. **Paulo de Tarso na filosofia atual e outros ensaios**. São Paulo, Paulus, 2016.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da la liberación**. Bogotá: Nueva América, 2016. Versão: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/otros/20120227024607/filosofia.pdf> Último acesso: 05/06/2021.

FERRARO, Benedito. **Cristologia: Em tempos de ídolos e sacrifícios**. 2. Ed. São Paulo, Paulinas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos**. Lisboa/Porto, Base, 1978.

GADOTTI, Moacir. (Org.) **Paulo Freire: Uma biografia**. Ed. Cortez, 1996. Disponível em: acervo.paulofreire.org acesso em 05/01/2021.

GEORGE, Augustin. **Leitura do Evangelho Segundo Lucas**. Petrópolis, Vozes, 1982.

GIRARD, René. **Um longo argumento do princípio ao fim: Diálogos com João Cezar de Castro Rocha e Pierpaolo Antonello**. Rio de Janeiro: Topbooks, s/d.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal**. São Paulo, Paulus 1997.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**, 1975. Ed. Petrópolis, Vozes. Tradução Vozes.

HADOT, P. **La philosophie comme éducation des adultes**. Paris: VRIN, 2019.

HINKELLAMERT, Franz. **Hacia una crítica de la razón mítica. El laberinto de la modernidad. Materiales para la discusión**. Arlekín. San José (Costa Rica), 2007.

KOHAN, Walter O. “A filosofia e seu ensino como phármakon”. **Educar em Revista**, Curitiba, n.46, dez/2012, Ed. UFPR, p.37-51.

- KOHAN, Walter O. **Paulo Freire mais do que nunca** : uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Editora Vestígio, 2019.
- LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação : religião e política na América Latina**. 2. ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo : Expressão Popular, 2016.
- LÖWY, Michael. (Org.) **O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 até os dias atuais**. Tradução Claudia Schilling, Luís Carlos Borges. 4ª Ed. – São Paulo.
- LÉON-DUFOUR, Xavier (org.) **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 12. Ed. Petrópolis, Vozes, 2013.
- MAIA, Marcelo de O. *Sócrates e Paulo Freire: aproximações e distanciamento*. Dissertação (Mestrado em Educação). Recife: UFPE, 2008.
- McKENZIE, L. John. Dicionário Bíblico. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1983.
- MESTERS, Carlos; Orofino Francisco. **Crescer em Amizade: uma chave de leitura para o Evangelho de Lucas**. Carlos Masters; Francisco Orofino – São Paulo: Paulus, 2019.
- MESTERS, Carlos. **A flor sem defesa**. 4. Ed. Petrópolis, Vozes, 1983.
- MESTERS, Carlos . **O povo de Deus**. São Paulo, Paulus, 2002.
- MORETTI, Cheron Z.; PITANO, Sandro de C.; STRECK, Danilo R. **Paulo Freire: Uma arqueologia bibliográfica**. Curitiba: Ed. Appris, 2019.
- NAZÁRIO, Celina Lessa. **Diálogo: mestre e discípulo uma leitura teológica da pedagogia do oprimido de Paulo Freire** / Celina Lessa Nazário. – Porto Alegre, 2011. 103 f. Diss. (Mestrado em Teologia) – Fac. de Teologia, PUCRS. Orientação: Prof. Dr. Urbano Zilles. https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5286?locale=pt_BR Último acesso dia: 29/04/2021.
- PLATÃO. **A República** Organização: Daniel Alves Machado – Brasília: Editora Kiron, 2012.
- PENSARELLI, Daniel. **Filosofia latino-americana a partir de Enrique Dussel**. São Bernado, Ed. UFABC, 2015.
- RATZINGER, J. **A Infância de Jesus**. São Paulo, Ed. Planeta, 2012
- REALE, Giovanni. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média**, Vol. 1. São Paulo, Ed. Paulus, 2017.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. 3. Ed. São Paulo, Paulinas, 2009.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da; RABUSKE, Irineu José. **Evangelhos e Atos dos Apóstolos: Novíssima tradução dos originais**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SCHUNELLE, Udo. **Introdução à Exegese do Novo Testamento**. 5. Ed. São Paulo, Loyola, 2004.

SOBRINO, Jon. **Jesus, O libertador**. Petrópolis, Vozes, 1994. Tradução Jaime A. Clasen.

SCHELKLE, Alonso. **Evangelho Segundo Lucas**, 1964. Ed.1972, p. 271

SCHELKLE, Karl Hermann. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo, Loyola, 1977.

STONE, Isidor F. **O Julgamento de Sócrates**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

STRECK, Danilo R. **Paulo Freire: Uma arqueologia bibliográfica**. Curitiba: Ed. Appris, 2019.

SUNG, Jung Mo. **Sementes de Esperança: A fé Cristã em um mundo em crise**: Petrópolis: Vozes, 2005.

ZITKOSKI, Jaime José. Platão. In : MORETTI, Cheron Z.; PITANO, Sandro de C.;